

**UNIVERSIDADE DO ALGARVE  
UNIVERSIDADE DE PARIS-8**

**Algarve : A cultura local e a interacção com a comunidade  
estrangeira europeia residente no interior algarvio**

**Dissertação no âmbito do Mestrado Europeu em Gestão do  
Património Cultural**

*MARIA LEONOR FARIA MENDES GRIESLER*

**Orientadora: Professora Doutora Teresa Júdice Gamito  
Co-orientador: Professor Doutor Pierre Légliise-Costa**

**Vol. I**

**Faro, 2001**

*« If we had to start the European Community all over again, we should start with culture. »*

Frase atribuída a Jean Monnet

*« Les différences entre les sociétés et leurs problèmes sociaux vont se manifester au niveau culturel et non au niveau des Etats et de l'action publique. »*

Francis Fukuyama

*« La reconnaissance de l'altérité et donc de l'étrangéité passe par l'acceptation de sa propre diversité. »*

Carmel Camilleri

## Agradecimentos

Este trabalho nunca teria chegado a bom termo sem o apoio de várias pessoas e entidades. Gostaria, neste espaço, de lhes expressar o meu sincero agradecimento.

Em primeiro lugar o meu agradecimento vai para a minha orientadora, Professora Doutora Teresa Júdice Gamito e para o co-orientador Professor Doutor Pierre Léglise-Costa, pela orientação científica e pelo estímulo dado para avançar com este tema.

À Professora Teresa Júdice Gamito ainda um agradecimento muito especial pelo apoio nos momentos de impasse e incerteza.

Estou profundamente grata ao Professor Doutor João Baptista Nunes Pereira Neto e ao Professor Doutor Louis-François Larnaud pelas discussões e sugestões que muito valorizaram este trabalho.

À Universidade do Algarve e, em particular, ao Conselho Directivo da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo, pela forma como apoiaram a minha candidatura.

Às minhas colegas, Professora Adjunta Ana Ferreira e Professora Adjunta Carla Sousa, pelo precioso auxílio na pesquisa bibliográfica. À Dr.<sup>a</sup> Maria João Cruz pela colaboração no tratamento dos dados estatísticos.

Na impossibilidade de citar todos os nomes, aqui fica a expressão do meu profundo agradecimento a todos aqueles, portugueses e estrangeiros, instituições e indivíduos que se disponibilizaram a participar nas entrevistas e inquéritos, sem os quais este trabalho jamais teria sido possível. Pela disponibilidade, pelo entusiasmo e pelo carinho o meu muito obrigada.

Não poderia esquecer o nosso grupo de Mestrado que, apesar das diferentes idades e formações, ou exactamente por isso, foi um grupo extremamente enriquecedor pelas discussões e impulsos. Um obrigada muito especial à Anabela, à Helena e à Manuela que nunca me deixaram "cair" nos momentos de crise.

Ao meu colega e amigo Dr. Alberto Strazzera, por me acompanhar, há mais de vinte anos, com a sua amizade e espírito crítico.

À minha família e, sobretudo, às minhas filhas um grande obrigada por terem compreendido as longas horas passadas ao computador.

Ao meu marido pela paciência de me escutar sempre.

Aos meus pais e, muito em especial, à minha mãe por terem incentivado o gosto por aprender e a curiosidade em conhecer novos mundos e novas culturas.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
BIBLIOTECA DE DOCUMENTAÇÃO  
09/05/02 40453/1  
008  
GRUPO ALFA  
1. vol.

2782 T.

# ÍNDICE

## Volume I

### Agradecimentos

### Itinerário pessoal e motivações

Introdução..... 1

### 1. Definição de objectivos e aspectos metodológicos

1.1 Justificação da escolha do tema.....3

1.2 Problemática e objectivos do trabalho.....5

1.3 Metodologia e organização do trabalho.....8

### 2. Enquadramento teórico e definição de conceitos

2.1 Reflexão teórica.....10

2.2 Definição de conceitos: comunidade, cultura, património cultural.....21

2.2.1 Turista, imigrante ou residente estrangeiro.....24

### 3. De turistas a residentes: os estrangeiros residentes no Algarve nas décadas de 80 e 90

3.1 A evolução do Turismo no Algarve: pequeno historial.....28

3.2 Estrangeiros residentes no Algarve: alguns dados estatísticos.....34

3.3 Alguns contributos para a valorização do património cultural.....40

3.3.1 Centro Cultural de São Lourenço.....45

3.3.2 Projectos no Algarve rural .....50

3.3.3 Associações e Imprensa local.....52

4. <b>Os residentes estrangeiros perante a cultura local:</b> Aplicação e análise do inquérito aos estrangeiros residentes na região do Barrocal algarvio : Freguesias rurais dos concelhos de Faro, Loulé e São Brás de Alportel.....	57
5. <b>Os residentes estrangeiros no olhar da população local:</b> Realização e análise de entrevistas dirigidas aos líderes de opinião locais.	
5.1 Entrevistas a autarcas.....	74
5.2 Entrevistas a associações locais.....	84
6 <b> Residentes estrangeiros e portugueses num projecto comum : O caso da Freguesia de Santa Bárbara de Nexe</b>	
6.1 Caracterização da Freguesia.....	87
6.1.1 Aspectos geográficos.....	87
6.1.2 Aspectos demográficos.....	88
6.1.3 Aspectos sócio-económicos.....	90
6.1.4 Aspectos sócio-culturais.....	92
6.1.5 Associações Culturais.....	93
6.2 Os estrangeiros em Santa Bárbara de Nexe.....	95
6.2.1 Associação Intercultural Terras de Nexe: uma experiência possível ? .....	99
7 <b> Conclusão</b> .....	102
<b> Bibliografia</b> .....	108

## **Volume II**

### **Anexos**

#### **Anexo A- Instrumentos de Recolha de Informação**

Questionário em língua portuguesa.....	1
Questionário em língua inglesa.....	8
Questionário em língua alemã.....	15
Guião de entrevista a autarcas.....	22
Guião de entrevista a outros informadores.....	26
Lista de entrevistados.....	30

#### **Anexo B- Resultados do inquérito- Quadros e gráficos**

1-Perfil sociológico do residente estrangeiro.....	33
2-Razões da vinda para Portugal e escolha da zona rural.....	48
3-Tipo de habitação e sua inserção na arquitectura local.....	54
4-Relações de vizinhança e convivência com os portugueses.....	59
5-Domínio da língua.....	66
6-Vida social.....	77
7-Participação em acontecimentos culturais.....	86
8-Interesse pela história local.....	98
9-Preservação do património cultural e natural.....	103
10- Colaboração com a comunidade local.....	112
11- Exercício da cidadania.....	123

#### **Anexo C- Fotografias e Mapas**

Fotografias do Centro Cultural de São Lourenço.....	142
Fotografias do Parque Mineiro Cova dos Mouros.....	143
Mapa do Algarve .....	144
Mapa de Santa Bárbara de Nexe.....	145

## **Itinerário pessoal e motivações**

Este trabalho foi, por um lado, motivado pela nossa experiência pessoal, e por outro, pela nossa experiência profissional. De facto, uma vivência de longos anos no estrangeiro, em contacto com uma cultura diferente, que evidentemente nos marcou, e um casamento com um cidadão alemão despertou o nosso interesse pelo enriquecimento que pode advir da interacção entre culturas. Porém, também nos alertou para as dificuldades inerentes, mesmo quando se trata de culturas tão próximas, com raízes comuns.

O regresso a Portugal trouxe-se-nos, de novo, ao Algarve rural da nossa infância, sem deixarmos, no entanto, de estar bastante ligados à comunidade estrangeira aqui residente.

A nossa experiência profissional, na Universidade Técnica Berlim, enquanto professora de Português para estrangeiros, habituou-nos a ver um pouco a nossa cultura com os olhos do “outro”. O nosso trabalho na Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo, da Universidade do Algarve, ensinando a língua alemã a futuros profissionais, que contactarão essencialmente com os visitantes estrangeiros no nosso país, reforçou o nosso interesse pelos temas da interculturalidade.

Profissionalmente ligados ao sector turístico durante a década de 70 até meados de 80, pudemos assistir de perto à evolução do Algarve, como destino turístico, onde se têm vindo a radicar muitos “ex”-turistas. Vimos como algumas localidades do interior, desconhecidas de muitos portugueses, são referidas nos catálogos de agências de viagens e imobiliárias estrangeiras, como um paraíso soalheiro povoado de autóctones afáveis e tolerantes. Tudo isto despertou em nós o interesse por saber se, e como, estes novos residentes valorizam a cultura local da sua nova residência, se constituem, ou não, um factor de sensibilização para a preservação do património cultural local.

O Mestrado Europeu em Gestão Cultural, realizado na Universidade do Algarve, em colaboração com a Universidade de Paris-8, permitiu-nos aprofundar as temáticas relacionadas com a valorização das culturas locais. Chamou-nos também a atenção para

a necessidade de uma abordagem intercultural, na tradição da supressão dos conflitos de culturas, e para a preservação do património e do seu papel na construção da Europa. O estágio realizado em França, no *Conseil Général du Jura*, no âmbito do Mestrado, sensibilizou-nos para a importância da revitalização do património cultural do mundo rural, que tão desprezado tem sido num Algarve desenvolvido, nas últimas décadas, com os olhos postos no litoral.

## Introdução

Num contexto ocidental e europeu de evolução dos modos de vida e no âmbito da consolidação dos ideais da União Europeia, surge uma maior abertura de fronteiras e aproximação entre os Estados-membros. Por outro lado, o aumento dos tempos de lazer e da globalização da oferta turística, a mobilidade e flexibilidade em termos sociais e profissionais, proporcionadas pelas novas tecnologias de informação e comunicação, o desenvolvimento dos transportes têm contribuído para uma interacção mais intensa entre populações de diversas regiões e culturas. Todos estes factores têm dado origem a novos fluxos migratórios. Estes já não motivados por necessidades económicas ou políticas, mas sim, por uma opção de vida.

De facto, verifica-se que, cada vez mais cidadãos, oriundos dos chamados países desenvolvidos da Europa Central e do Norte, procuram as regiões menos desenvolvidas do Sul da Europa. Começam por visitá-las como turistas, procurando o sol e a luminosidade quase ausente das suas terras, mais tarde decidem ficar.

Portugal, e muito especialmente a região algarvia, tem sido, nas últimas décadas procurado como residência de férias, e mesmo residência definitiva, por muitos destes cidadãos. Começaram por ser os reformados ricos, muitos oriundos das ex-colónias britânicas, ou ainda mais tarde os “rebeldes” dos anos 60 e 70, predominantemente de origem alemã e holandesa, mas cedo se iriam juntar famílias jovens, procurando integrar-se no mercado de trabalho, esforçando-se por aprender a língua e cujos filhos frequentam as escolas locais<sup>1</sup>.

Muitos destes residentes optam pelo meio rural, recusando os aldeamentos, exclusivamente dedicados a residentes e turistas estrangeiros. Preferem habitações dispersas pelas aldeias e sítios, vivendo mais em contacto com a população local, tendo, por vezes, um velho habitante da localidade como único vizinho mais directo.

---

<sup>1</sup> Este tema é referido da seguinte forma na revista *Espaces* :«En effet, depuis quelques décennies déjà, les rivages touristiques de la Méditerranée occidentale européenne, la Toscane italienne, mais également depuis plus de dix ans déjà les campagnes françaises et espagnoles ont vu une nouvelle population s'installer: des étrangers européens, retraités dans un premier temps, puis des actifs aujourd'hui.»  
(*Espaces*, 2000:36)

Revelam interesse pela cultura local, procurando conhecer o património cultural e natural, contribuindo significativamente para a sua valorização.

A presença destes “novos residentes” tornou-se, consideravelmente mais visível, nos últimos anos. Consta-se, de facto, através da imprensa local e própria destas comunidades estrangeiras, das suas associações e clubes, um deixar de estar ao lado da comunidade local e uma preocupação, cada vez maior, em conhecer e participar na resolução dos problemas locais.

É, no entanto, uma população difícil de caracterizar, dado que multifacetada, com diferentes graus de permanência, de cultura e de aptidões, movimentando-se entre “long-stay international tourist”, “second-home owners”, “seasonal migrants” e “permanent residents”<sup>2</sup>. Estatisticamente verifica-se que não existem dados detalhados por concelhos e freguesias, como ainda os números divulgados oficialmente ficam muito aquém da realidade no terreno.

Não será de todo fácil abordar este tema, ainda tão pouco investigado. Mas a sua relevância, no contexto europeu, é, no nosso entender, indiscutível, muito especialmente para os países do sul da Europa enquanto pólos de atracção e centros receptores de cidadãos do Norte da Europa.

---

<sup>2</sup> Distinção proposta por King, Warnes e Williams (2000:43)

## **1. Definição de objectivos e aspectos metodológicos**

### **1.1 Justificação da escolha do tema**

No actual contexto europeu de abertura de fronteiras e livre trânsito, numa sociedade caracterizada por uma modernidade, em que se acentua a fragmentação, a mudança permanente, a procura do exótico e do desconhecido e do desejo de partir além fronteiras, descobrir outras culturas, tudo leva a crer que a emigração dos cidadãos oriundos dos países industrializados para os países menos desenvolvidos, num movimento em direcção ao Sul, à procura da luz e do mar, tem tendência a aumentar.

Assim sendo, este fenómeno, conjuntamente com a indústria do turismo, permitirá, de facto, que haja um maior contacto entre culturas diferentes, contribuindo para o desenvolvimento de uma maior compreensão das diferentes sensibilidades culturais, incentivando e desenvolvendo valores de respeito pelo outro, levando a uma melhor aceitação dos seus comportamentos, até então, para nós estranhos. Conhecer outra realidade ajuda-nos a perspectivar melhor a nossa, a desenvolver uma cidadania mais plena.

A consolidação de um sentido de cidadania europeia pode andar a par com o reforço da própria identidade cultural. Só nos realizaremos completamente como pessoas se vivermos o mundo sob uma perspectiva multicultural, não fazendo sentido observar o mundo de uma forma monocultural, apenas sob o nosso ponto de vista.

O Algarve é uma região multicultural<sup>3</sup> que reúne elementos de processos migratórios antigos como os ciganos, outros mais recentes, vindo das ex-colónias africanas e ainda a nova vaga de imigração dos países de leste, como mão-de-obra barata.

Como já dissemos anteriormente, não podemos esquecer as migrações provenientes de países do primeiro mundo, altamente desenvolvidos, onde se encontram não só reformados mas também população mais jovem. Consideramos de vital importância para o desenvolvimento económico, social e cultural do Algarve que a região não se

---

<sup>3</sup>Como foi referido pelo Professor Alberto José Diéguez no Colóquio sobre "Interculturalismo", Universidade do Algarve, Fevereiro 2000

torne, para estes novos habitantes, vindos dos países ricos do Norte da Europa, apenas um espaço de “cultura de lazer”.

Grande parte destas pessoas é, claramente, possuidora de uma enorme vitalidade e não escolheram o Algarve tão somente em busca de descanso e diversão, mas sobretudo, de uma melhoria de qualidade de vida, sendo, efectivamente, portadores de um projecto de vida, a nível laboral e empresarial, que dificilmente poderiam realizar no seu país. Por isso, é essencial que se integrem na sociedade algarvia, contribuindo para a sua renovação.

Neste contexto parece-nos pertinente debruçarmo-nos sobre o tema da cultura local e da interacção com as culturas das comunidades residentes, oriundas dos países europeus, mais concretamente no referente aos contributos destes novos residentes para a valorização de alguns aspectos da cultura local na região em que estão inseridos e à sua disponibilidade em se integrar na vida da comunidade, usando do seu direito de cidadania europeia, já que a maioria destes residentes provém dos países da União Europeia.<sup>4</sup>

A necessidade de recuperar a memória de um passado comum, de valorizar e manter a diversidade das culturas locais, numa Europa que se pretende sem fronteiras, sobretudo sem fronteiras “na cabeça”, é um dos aspectos fundamentais para a concretização de uma Europa comunitária onde os cidadãos se possam sentir “em casa”, independentemente do país onde escolheram viver. Esta temática tem vindo a adquirir crescente importância e actualidade, sendo também preocupação das altas esferas políticas.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Segundo os dados dos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras, em 1998, residiam no Algarve 23 122 estrangeiros, dos quais 13 470 eram europeus, sendo 12 781 cidadãos da União Europeia.

<sup>5</sup> Jorge Sampaio no discurso de abertura do Seminário Internacional “Europa e Cultura”, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Maio de 1998, refere que « a União Europeia deve reforçar a sua unidade política e os laços culturais que constituem o património comum da Europa, fundado no humanismo e na liberdade, mas deve constituir-se também como defensora da diversidade cultural, opondo-se às tentativas de colonização e uniformização, por parte de ideologias que deificam o consumismo e a massificação[.....] As questões da cidadania não devem ser pensadas através de raciocínios maniqueístas: ser mais europeu significaria ser menos nacional e reciprocamente. Estou convencido do contrário: quanto mais forte for a ligação às nossas comunidades de origem, mais forte será a nossa identidade como cidadãos europeus. Devemos falar, por isso, em cidadanias, no plural, para marcar a diversidade de filiações, desde o local ao global»

## 1.2 Problemática e objetivos do trabalho

Ao longo de toda a história da Humanidade, os contactos entre culturas revelaram ser um dos motores da evolução das sociedades. A interação entre culturas diferentes é, porém, problemática e nem sempre pacífica. Que o digam tantos povos colonizados e tantas minorias discriminadas. Warnier (1999) lembra alguns destes aspectos negativos:

« la colonisation a entamé les cultures singulières par la conquête armée escortée des malheurs de la guerre: pertes humaines, destruction des récoltes, des biens et du patrimoine artistique et culturel, désorganisation des économies locales, rupture des isolats et flambées épidémiques, qui ont fait souvent plus de morts que les combats» (Warnier,1999:80).

Portugal tem vindo, nos últimos trinta anos, a acolher populações estrangeiras das mais diversas origens nacionais e culturais, o que muito tem contribuído para o desenvolvimento local e modificado também as formas de organização social, económica e educativa. No caso do Algarve, a presença de alguns milhares de estrangeiros, oriundos de países “exportadores” de turistas, com uma representatividade maioritariamente anglo-saxónica, veio alterar profundamente a própria sociedade algarvia. Se por um lado trouxe desenvolvimento económico, por outro, teve influência nos padrões de vida locais, tais como o fomento do trabalho feminino, a liberalização dos costumes, principalmente junto das camadas mais jovens, contribuindo assim para a modernização da sociedade portuguesa.

Porém, pouco se sabe sobre estes estrangeiros, pois vivem, em geral, de forma recatada e em grupos muito fechados, principalmente os que residem em aldeamentos no litoral. Não existem estudos nem dados estatísticos fiáveis, a nível do número de residentes e das suas actividades, que permitam aos responsáveis pelas autarquias conhecê-los melhor. Após a adesão de Portugal à Comunidade Europeia (1986) diminuiu o controle nas fronteiras, o que torna extremamente fácil residir e mesmo exercer uma actividade profissional, sem se estar devidamente legalizado.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Num site sobre facilidades de residência em Portugal é referido que: “Portugal has a very relaxed attitude towards immigration. Anyone who is of reasonable character and self-supporting can live here”, Adam Starchild in “Legalities of Residing in Portugal” <http://retirementshavens.com/livingbetter/legal.html>

Correia (1989), embora realçando o contributo de outros povos e culturas para a valorização cultural do Algarve, não deixa de lembrar que também se cometeram alguns atentados contra a mesma, sobretudo pela destruição da arquitectura local e da paisagem do litoral algarvio.

Como nos dá conta Neto (1988), o desenvolvimento do turismo no Algarve, originou, numa primeira fase, uma ocupação relativamente ordenada do litoral, mas que posteriormente iria assumir dimensões catastróficas. Se o turismo trouxe consigo a modernização da região, a criação de empregos e de infra-estruturas, provocou, necessariamente, uma transformação na sociedade algarvia. Muitos destes turistas acabaram por aqui comprar uma segunda residência que, muitas vezes, alugam a compatriotas seus, com o objectivo de mais tarde, ao atingirem a idade da reforma, passarem a viver aqui todo, ou quase todo o ano. Outros houve que se renderam aos encantos da região e, após um breve contacto, se mudaram definitivamente para o Algarve.

Se, inicialmente, procuravam predominantemente o litoral e eram, na sua maioria, ingleses ricos, muitos vindos das ex-colónias britânicas, mais tarde passaram a escolher os montes do Barrocal ( e numa terceira fase da Serra) e já não eram tanto os ingleses, mas mais os alemães, e mais jovens. Consideramos importante conhecer estes estrangeiros que ocupam as aldeias e os montes isolados do Barrocal algarvio, fugindo das urbanizações com boas infra-estruturas, facilidades de acessos e compras, e muitas vezes administradas por compatriotas seus.

Quisemos saber, em primeiro lugar, porque escolhem estas zonas, se o facto de estarem em contacto com o Algarve “real” teve influência na escolha, revelando, portanto, um maior interesse pela cultura local. É habitual ouvirmos estes estrangeiros referirem o facto de que, a sul da estrada nacional 125, não se estar propriamente no Algarve, mas perante um país estrangeiro, multinacional, mais moderno, mas mais estéril, em permanente ambiente de férias.

Até que ponto existe, por parte desta população estrangeira, uma preocupação em valorizar a cultura local? Será que, de acordo com a opinião generalizada, estes estrangeiros se querem esconder no anonimato, protegidos pelos seus muros altos,

isolar-se da realidade à sua volta, reinventando uma ruralidade já perdida no seu país de origem, ou se, pelo contrário, sentem a necessidade de se integrarem na sociedade, participando na vida local? Irão as facilidades, a nível institucional, criadas dentro da União Europeia contribuir para que estes residentes não se refugiem num estatuto de “permanent tourists”, não se automarginalizem, mas exerçam os seus direitos e deveres de cidadãos europeus?

King, Warnes e Williams (2000) no seu estudo sobre as migrações de reformados britânicos para o Sul da Europa verificam a existência de diferentes dinâmicas de integração entre “the seekers of rural idyll, and those drawn by the warm climate and relaxed lifestyles of coastal holiday settlements.”(2000:127).

Atendendo à complexidade da temática, numa área tão sensível como a interação entre culturas, face às limitações inerentes a um trabalho deste género, propomo-nos colocar algumas hipóteses que esperamos possam contribuir para um melhor conhecimento das comunidades estrangeiras residentes nas zonas rurais e aferir da sua contribuição para a valorização da cultura local, assim como averiguar o seu interesse em participar activamente na vida local, em interação com as populações locais. Deste modo se poderá reforçar o papel da sociedade civil, que é cada vez mais, no Algarve, multicultural, intervindo mais claramente na resolução dos problemas a nível local, regional e central <sup>7</sup>.

Nesta perspectiva quisemos saber se os residentes estrangeiros nas zonas rurais fizeram a sua escolha, em parte, motivados pelo interesse pela cultura local e se são vistos pela comunidade local como factor de valorização dessa cultura. Será que preferem ser “deixados em paz”, vivendo na sua *soap bubble*,<sup>8</sup> sem qualquer interesse de participação na vida local ou, num contexto europeu, exercer aqui o seu direito de cidadania?

---

<sup>7</sup> José Madureira Pinto “Democratização e desenvolvimento cultural sustentado: o papel do Estado” in *OBS- Revista do Observatório das Políticas Culturais*, Maio 1997  
Augusto Santos Silva “Cultura: das obrigações do estado à participação civil” in *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº 27, pp.37-48

<sup>8</sup> King, Warnes e Williams(2000) referem-se desta forma aos estrangeiros residentes, especialmente em aldeamentos turísticos, sem qualquer ou muito pouco contacto com a população local.

### **1.3 Metodologia e organização do trabalho**

O nosso trabalho insere-se num vasto campo de pesquisa que requer uma abordagem multidisciplinar onde se entrecruzam várias áreas científicas. Para isso recorremos aos contributos da Sociologia e Antropologia do Turismo, assim como dos Estudos Interculturais, áreas que estão, de certa maneira, próximas da nossa formação em Filologia.

Recorremos ainda à análise documental, nomeadamente da legislação da União Europeia e do Ministério da Administração Interna, no respeitante às migrações e à permanência de estrangeiros no espaço comunitário. Foram também analisados dados estatísticos do Instituto Nacional de Estatística e do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, referentes aos fluxos turísticos e à população estrangeira com residência legalizada.

O nosso trabalho de campo foi, em traços largos, orientado pelas técnicas e métodos antropológicos. Assim, numa primeira fase de aprofundamento do nosso conhecimento sobre a comunidade estrangeira residente procedemos a entrevistas a “informadores privilegiados”.

Para além disso, realizámos um inquérito à população estrangeira residente na área de incidência do nosso estudo, assim como entrevistas estruturadas com guião a líderes de opinião pertencentes à comunidade portuguesa e a outros informadores privilegiados. A selecção dos informadores fez-se tendo em conta segmentos da população com uma interacção significativa com a comunidade estrangeira. Pontualmente, foram feitas entrevistas mais específicas, no sentido de aprofundar algumas questões surgidas da análise do inquérito.

A observação participante, enquanto membro de algumas associações, convivendo regularmente com cidadãos estrangeiros e com conhecimento da área geográfica do nosso trabalho, foi um complemento precioso ao material obtido através dos inquéritos e entrevistas.

Em relação às entrevistas seguimos a definição de Matalon (1998), que faz a distinção entre entrevista com fins de diagnóstico e a entrevista de estudo que visa uma generalização. Assim, realizámos entrevistas não dirigidas para a fase exploratória do inquérito, que segundo Burgess (1998:112) utiliza «uma série de temas e tópicos em torno dos quais se constituem as questões no decurso da conversa.». Contudo, ao entrevistarmos os líderes de opinião, optámos pela entrevista dirigida e semi-dirigida. A nossa decisão de utilização de um tipo ou outro foi sempre pautada pela intenção de dar a maior liberdade possível à pessoa interrogada, sem nunca perder de vista o nosso objectivo. Matalon realça, da seguinte forma, as vantagens deste tipo de entrevistas:

«il n'existe pratiquement plus aucune ambiguïté. L'ensemble du cadre de référence est défini (structure du champ et catégories structurantes) et l'enquêté doit se situer par rapport à ce cadre, entrer en lui pour pouvoir répondre de façon correcte.[.....] il convient cependant de remarquer que c'est dans le cadre d'un questionnaire constitué de questions fermées que le contrôle de la forme, de l'étendue et du contenu de la réponse possible est maximal, et qu'il existe, par conséquent, dans le cas de l'entretien directif une caractéristique importante: celle de pouvoir nuancer sa réponse.» (Matalon, 1998:79)

Em traços gerais, o nosso trabalho inclui sete capítulos que se organizam da seguinte forma:

O primeiro e segundo capítulos incluem a introdução, a definição da problemática e dos conceitos teóricos, assim como a definição dos procedimentos metodológicos respeitantes à recolha de dados e do trabalho de campo.

No terceiro capítulo fazemos uma abordagem sucinta da evolução do turismo no Algarve e da fixação dos estrangeiros residentes na região, assim como dos seus contributos para a valorização do património cultural.

Os capítulos quatro e cinco são dedicados ao trabalho de campo, especificamente à realização do inquérito à comunidade estrangeira e das entrevistas à comunidade local. No capítulo seis debruçar-nos-emos sobre a Freguesia de Santa Bárbara de Nexe e a comunidade estrangeira aí residente. As conclusões são apresentadas no capítulo sete.

## Cap. 2 Enquadramento teórico e definição de conceitos

### 2.1 - Reflexão teórica

Nas sociedades actuais assiste-se, devido a movimentos migratórios, mas também ao desenvolvimento dos meios de comunicação, a uma interacção entre grandes grupos de culturas diferentes, diluindo-se cada vez mais as fronteiras tradicionais entre universos geográficos, sociais e culturais. Camilleri (1995) chama-nos a atenção para a importância da percepção das diferenças culturais.

«In this situation differences of sex, social class, age and status are regarded as secondary to differences rooted in customs and shaped by cultural perceptions, a knowledge which is essential in order to anticipate the impact of the other variables of behaviour. Thus culture is perceived as a vehicle of those “enveloping” differences which control and “envelop” all the others.»  
( Camilleri, 1995:83)

Os numerosos estudos existentes que se debruçam sobre fenómenos de interacção entre indivíduos e grupos de culturas diferentes são, habitualmente, «designed to identify the behaviour induced in culturally heterogeneous groups by the diversity of encounters situations» (Camilleri, 1995:85) e realizados no âmbito da Psicologia Social, estudando em particular situações de aculturação, fenómenos como a identidade cultural, a formação de atitudes, os estereótipos e o racismo. Porém, grande parte destes estudos<sup>9</sup> incidem sobre grupos pertencentes a minorias étnicas e culturais que se encontram em situação desprivilegiada no país de acolhimento, referidos por alguns autores como “the economic immigrants”(ibid.). Dasen (1995) chama a atenção para a necessidade de desenvolver uma educação intercultural que não acentue apenas as diferenças, mas valorize o que há em comum para um enriquecimento cultural através da diversidade.

Estes fluxos migratórios saídos dos países mais pobres estão associados ao desenvolvimento dos países industrializados no período pós-guerra. Esta mão- de-obra barata foi utilizada eficientemente na recuperação da economia capitalista dos países europeus desenvolvidos, depauperados devido à guerra. Esta imigração, inicialmente avaliada como positiva e conforme os desígnios do crescimento económico europeu, fez despontar, posteriormente, de modo visível para todos a noção de diferença (Rocha-

---

<sup>9</sup> Vide C. Labat, e G. Vermes, *Cultures Ouvertes, Sociétés Interculturelles*, L’Harmattan, Paris, 1994; J. Retschitzky, M. Bossel-Lagos, P. Dasen, *La Recherche Interculturelle*, L’Harmattan, Paris, 1989

Trindade, 1993). Também a imigração por questões políticas ou resultantes de movimentos de refugiados das guerras, dentro e fora da Europa, têm vindo a acentuar a heterogeneidade étnica e cultural da Europa ocidental. Problemas relacionados com aculturação, assimilação, integração, segregação e marginalização são uma constante nas sociedades actuais.

«Acculturation-related stress is linked to a number of factors and in particular to the characteristics of the host society. It is more intense if there is rejection (segregation and marginalisation), but also if the host society demands assimilation rather than permitting integration.» (Dasen, 1995: 117)

Através do fomento de uma educação intercultural poderão ser reduzidos muitos dos conflitos e tensões que surgem nos países com uma grande percentagem de populações imigrantes. Reportando-nos ainda aos estudos de Rocha-Trindade (1993: 869), esta autora destaca o papel importante a desempenhar pela pedagogia intercultural como metodologia estritamente vocacionada para a compreensão da diferença e da aceitação do outro.

Da mesma forma, atentos à consciência emergente, por parte do cidadão, da diversidade sociocultural que pode estar na origem de divergências culturais, desequilíbrios e tensões, a Unesco, o Conselho da Europa e a União Europeia têm reafirmado a necessidade de manter as culturas nacionais, dentro de uma Europa unificada, como reforço da identidade nacional de cada membro e garante de unidade na diversidade, sem a qual o espírito europeu não poderá tornar-se realidade.

«Le mouvement de mondialisation contribue à un processus contradictoire d'acculturation et d'érosion culturelle d'une part et de recherche d'une revitalisation culturelle puisée aux sources les plus authentiques d'autre part, stimulée par une demande touristique en quête de sens, de vérité.»  
(UNESCO, 1996 :16)

A diversidade das sociedades multiculturais e a criatividade daí resultante são, claramente, factores que as tornam inovadoras e dinâmicas e asseguram a sua perenidade.

«S'il est une chose que tous les membres de l'espèce humaine ont en commun, c'est bien leur diversité, ô combien magnifique, même si, parfois, elle est déconcertante.» (UNESCO, 1996:77)

O pluralismo cultural é uma característica sempre presente nas sociedades e a necessidade de se identificar com um grupo étnico é a resposta normal às pressões da mundialização. Neste contexto, é importante inspirar aos cidadãos o sentimento de pertença a uma nação, que deverá, porém, ser definida «comme une communauté civique fondée sur des valeurs dans lesquelles toutes les composantes ethniques de la société peuvent se reconnaître.» ( UNESCO, 1996:80)

O património cultural de cada país, de cada região é, sem dúvida, uma das componentes mais representativas dessa diversidade cultural. É essencial respeitar e preservar esse património, devendo as comunidades que se instalam num novo território poder participar dessa herança cultural para também contribuírem para a sua preservação.

Face a uma modernidade galopante, desprovida de referências, face à banalização dos critérios sociais, a um crescente sentimento de desenraizamento, provocados pelas mudanças cada vez mais rápidas, reage-se com uma maior preocupação com o património cultural. O Património tem uma dimensão moral e emotiva muito forte, remetendo-nos para as nossas origens, recordações, referências próprias ou colectivas. Temos mais consciência disso em períodos de crise (Choay, 1996).

Esta preocupação com a valorização do local, de retorno às origens, ao autêntico, ao conhecido, encontra-se não só a nível individual como a nível das nações. Não é tanto um fechar-se em si mesmo, como um desejo em manter as diferenças. Atentemos na opinião de Cláudio Torres<sup>10</sup> sobre o assunto:

«se se considerar que o próprio progresso de cada região passa pela salvaguarda da sua identidade cultural, então temos de começar por descobrir e reforçar os próprios fundamentos da estrutura regional, os elementos de diferença, as forças próprias da resistência. Inventariar e salvaguardar o património natural e construído, os saberes ancestrais do amanhã da terra, reactivando técnicas tradicionais, recuperando gestos e artefactos do tempo-memória.»

Como refere Audrerie (1997)<sup>11</sup> à medida que práticas ou actividades desaparecem, há uma maior consciência da sua dimensão histórica. A crise da identidade torna mais urgente o manter de recordações. A abrangência do termo património, no mundo actual,

---

<sup>10</sup> Cláudio Torres, in Expresso 15.1.2000, p.15

<sup>11</sup> Auderie designa este alargamento do conceito como o "tout patrimonial"

é bem uma prova disso. No Japão, são mesmo pessoas que, através dos seus saberes, são consideradas como verdadeiros monumentos históricos.

O conceito de identidade cultural baseia-se, em grande parte, no conceito de herança cultural. As componentes visíveis e invisíveis desta herança, que integram o Património cultural, deverão não só ser preservadas como também integradas nas práticas culturais contemporâneas.

Esperança (1997 : 85) vê o Património como “testemunho” que tem que ser passado às gerações seguintes, sendo a tábua de salvação da identidade em extinção. O “testemunho” não só é corporificado no objecto patrimonial, móvel ou imóvel, como são igualmente corporificadas todas as atenções e vivências que nele se acumularam em tempos passados, e só a resistência corpórea, superior à do ser humano, permitiu fazer chegar ao presente.

Giddens (1992) reafirma, do seguinte modo, a importância do testemunho do passado:

«a força estabilizadora/ estabilizante da memória é imprescindível. O passado introduz uma faixa larga de prática autenticada no futuro. O tempo não é vazio, e um modo de ser consistente relaciona o futuro com o passado. A tradição cria, além do mais, um sentido de firmeza das coisas, que mistura tipicamente elementos cognitivos e morais.» (cit in Esperança,1997:129)

Na época da mundialização, da Internet e da aldeia global, marcada pela forte fragmentação da pós-modernidade, vivendo-se numa sociedade do momento e do permanente movimento, quer por motivos de lazer, negócios ou trabalho, é cada vez maior o contacto e a interpenetração de culturas diferentes, mas parece ser cada vez mais premente a necessidade de manter uma memória colectiva da nossa sociedade, os traços de identidade local. Roger Pinon, Membre de la Commission Royale belge de Folklore lembra que :

«[...] because local differences are rapidly being merged into an overarching urban culture, because ways of speaking, eating, building, and telling are tending to become similar and because new social groups are emerging, the way they function must be studied in order to understand the evolution of society.»<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Vide <http://members.tripod.com/ascep/t6/page4haut.htm>

A indústria do turismo é, claramente, uma das grandes responsáveis por esta interpenetração de culturas. Estudos realizados nos campos da Sociologia do Turismo e da Antropologia do Turismo mostram-nos que a interacção entre turista e residente poderá revestir de aspectos positivos, nomeadamente no que diz respeito à identidade local e à preservação do Património. Simone Abram (1997) considera que apenas um pequeno número das publicações sobre Turismo se ocupa dos significados das relações sociais reunidas sob a designação de “tourist encounters”, apesar do reconhecimento geral de que o turismo produz impactes sociais. Estes encontros são, geralmente, vistos como produzindo efeitos negativos.

«Mass tourism is tainted with the imagery of a totalising modernity that tarnishes all it touches, destroying “authentic cultures” and polluting earthly “paradises”, so that it has become a truism to state that tourism destroys the very object of its desire.» ( Abram, Waldren e Macleod, 1997: 1)

Num estudo realizado por King, Warnes e Williams (2000), sobre os movimentos migratórios dos cidadãos britânicos reformados, para os países do Sul, no qual analisam as relações entre “hosts” e “guests”, confirmam os efeitos positivos que o turismo poderá ter. Citando McDonald (1987) referem que «there is evidence that tourism needs not destroy cultural authenticity, but can be instrumental in gaining wider recognition of the existence of distinct cultures.» (2000:35). Os autores chamam a atenção para a complexidade da relação existente entre turismo e migração já que «tourists may become in-migrants and therefore, hosts.»(ibid.:36).

Esta relação entre turismo e posterior fixação de residência é salientada por Duhamel (1997) no seu estudo sobre residentes europeus em Maiorca. Muitos começam por ser proprietários de residências secundárias ou passar férias em casa de amigos.

Para a *World Tourism Organization* (WTO), o turismo tem dois aspectos indissociáveis: por um lado, a capacidade potencial de destruir e mudar culturas, mas contém, em si, o embrião da esperança de poder ser «a mechanism for cultures preservation, re-emerging and strengthening». (WTO, 1997:291). No entanto, muitas vezes se levantam, entre as quais, a da *World Commission of Cultural Development*, num alerta aos perigos do turismo como factor de aniquilação de culturas locais, «cultural expressions are being commercialized worldwide with scant respect for the communities in which they originate.» ( WCCD, cit in Boniface, 1999).

Reflectindo sobre este tema Burns (1999) afirma que «international tourism neither “destroys” culture nor does it ever simply “preserve” it».» (Burns, 1999: 106). Embora o turismo seja um dos “range of catalysts” para a mudança porque o turista é “more ubiquitous” do que qualquer representante de outras culturas, «the prevailing force remains the inexorable power of modernisation.» (ibid.:103) .

Para Warden (1997) a presença do “outro” pode ameaçar ou reforçar a identidade local. A autora refere o caso de Deià, em Maiorca, onde a população local assume a sua identidade em relação ao exterior, através de tradições partilhadas, das quais são excluídos os residentes estrangeiros<sup>13</sup>.

«Resident foreigners and tourists help the Deianenes to assert their identity by not understanding or sharing the “local traditions” on which Deianenes base their identity. However, all foreigners are not the same, and many long-term resident foreigners identify more with the Deianenes than they do with the newer residents or tourists who are now part of the village.» (1997:53)

Neste caso os estrangeiros residentes têm utilizado a sua relação com a população local para preservar a forma de vida, a paisagem e a arquitectura que atraem tantos turistas a Deià.

«Foreign residents and visitors offered advantages that, when combined with local social life, made village life more varied and simultaneously stimulated a revival of interest in “traditional culture”.» (1997:53).

Comentando as mudanças socioculturais no mundo rural, Zarkia (1996) salienta que o turismo, muitas vezes visto como o bode expiatório de mudanças menos positivas, e a vida urbana foram, claramente, os seus principais responsáveis. A presença do turista, nas zonas rurais, não se reveste, necessariamente, de aspectos negativos. Poderá mesmo alertar as populações locais para os valores do seu património cultural em vias de desaparecimento, por via da modernização.

«The extent of the changes was most obvious in the architecture and the style of dress, the two immediate symbols of one’s status. It was then thought necessary for people to show that they were no longer peasants but had become “modernised”; that their status had changed to something else. The first things that were changed were the symbols of the peasant life. Then the “outsiders” came and the “things” became “objects”. The Skyrians “discovered” first of all, that their cultural elements were objects of interest and they learned to look at them differently, to evaluate the traditional aesthetics.» (1996: 159)

---

13 Vide Michael Barke, «vide Tourism and Culture in Spain: A Case of Minimal Conflict?» in Mike Robinson e Prsilla Boniface (eds), *Tourism and Cultural Conflicts*, Cabi Publishing, 1998, pp 247-265

Pensamos que a presença de residentes estrangeiros em zonas rurais, dado que em menor número do que os turistas, mas de contacto mais permanente, poderá reforçar estes efeitos positivos.

Na opinião de PI-Sunyer (1989) a maior parte dos estudos de Antropologia do Turismo examina aspectos do impacto social, cultural ou económico que os turistas ou a indústria do turismo têm sobre as comunidades receptoras e as regiões, do ponto de vista destas comunidades e da forma como reagem às influências das culturas exógenas.

«[...] community (or culture) reacting to external influences. The focus is on the community and community members and how they cope, or fail to cope, with agencies and forces over which they exercise little control, but which may be tolerated inasmuch as they yield some measure of economic benefit.» (1989:187)

Segundo a autora a Antropologia do Turismo tem dado pouca atenção «to the impact of tourism at the interpersonal level: the social processes at work in tourist-host encounters.». A maior parte da investigação neste campo tem sido feita pela Psicologia Social. Mas, de facto, é «in large measure through face-to-face encounters that the worlds of the visitor and the resident touch.»(ibid.:189). A distribuição geográfica do turista pode ter consequências sociais e culturais importantes. No passado, os estrangeiros encontravam-se predominantemente nas zonas urbanas, ou urbanizações e eram as cidades e as vilas que continham as minorias étnicas, misturando-se mais facilmente no anonimato das metrópoles.

A presença de estrangeiros e turistas nas zonas rurais parece ter maior impacto já que «[...] virtually every tourist has great visibility and proclaims his alienness through dress, speech, and manners.» (ibid.: 192). Contudo a autora lembra que a atitude dos turistas de hoje é muito diferente da das gerações anteriores, pois estes são os filhos e os netos da geração do pós-guerra que cresceram numa sociedade na qual as férias e as viagens já fazem parte do seu estilo de vida. E o tempo trouxe uma mudança estrutural importante:

«The European tourist who feels comfortable and at home in a given location is increasingly likely to purchase property there and, in due course, to make it his retirement home. For Spain as a whole, we already have to think in terms of more than a million foreign property owners currently purchasing homes at the rate of 50,000 a year.» (ibid.:188)

Barou e Prado (1995), no seu estudo sobre a presença estrangeira, principalmente de origem anglo-saxónica, na França rural, confirmam este novo fenómeno social da deslocação em procura da autenticidade e de novos valores.

«nous sommes en présence d'un véritable phénomène de société porteur de connotations idéologiques très contemporaines. La quête de l'authenticité et du naturel paraît plus réalisable dans un pays où ces valeurs ont encore un semblant d'existence. Le désir "d'intégration" manifesté par de nombreux Britanniques dans la société rurale française traduit en fait le déplacement géographique d'une quête de l'authenticité rendue difficile dans un pays où le monde paysan a été beaucoup plus tôt et beaucoup plus radicalement détruit par l'industrialisation.» (1995: 42)

Na medida em que, na sequência da “folclorização” do campo inglês, se iam perdendo os valores tradicionais e se passava à “civilization formica”,<sup>14</sup> aprendia-se a valorizar esse passado.

Estes fluxos de estrangeiros são portadores de uma visão diferente do espaço rural, como predominantemente espaço de lazer, praticando, na maioria dos casos, apenas uma “*agriculture de plaisance*”, numa sociedade desenvolvida, onde o mundo campesino é apenas uma relíquia mais ou menos viva. Contribuem, no entanto, para a revitalização do mundo rural, enfraquecido pela concentração da agricultura e pela recessão demográfica.

Este interesse crescente pelo espaço rural situa-se num vasto movimento de procura de qualidade de vida e de fuga aos espaços sobrepovoados. Tem também a ver com o aumento da consciência ecológica e com preocupações hedonistas nas sociedades modernas. Reportando-se ao estudo de Buller e Hoggart (1994) sobre a aquisição de habitação, em França, pelos cidadãos britânicos, King, Warnes e Williams (2000) salientam a importância do mito da ruralidade perdida como um dos factores de motivação.

«The third attraction of parts of the South- especially Tuscany, Provence and the interior of Andalusia and the Algarve- is the cultures, landscapes and ways of life which match idealised middle-class myths of a lost rurality in northern Europe.» (ibid.:32)

---

<sup>14</sup> Referência à substituição, por parte dos habitantes rurais, dos seus móveis de madeira, por outros, mais modernos e fáceis de limpar, em formica, enquanto o mobiliário camponês em madeira, passa a ser vendido como antiguidades aos cidadãos e aos novos habitantes do mundo rural.

Waldren (1997) lembra que esta procura do mundo rural se insere na problemática mais vasta da sociedade pós-moderna.

«As world communications bring the most “remote” areas closer and closer together, people begin to redefine distance, time and one another. Outsiders, seeking rural beauty, tranquillity and “a return to nature”, have moved into rural areas and villages in Europe.» ( 1997:54)

A autora salienta que, embora estes encontros entre “outsiders” e “insiders” possam favorecer uma comercialização das tradições, têm, por outro lado, impactes positivos, principalmente junto da geração mais jovem. Ao fomentarem a valorização das tradições e saberes em via de desaparecimento, contribuem, assim, para um reforço da identidade colectiva das comunidades, como nos mostra o caso estudado pela autora.

«The very symbol of the material past once discarded by their parents and purchased and maintained by the foreigners were those adopted by the young Deianenes to express their collective identity: refurbished stone houses, agricultural implements as artefacts hung on the walls, rough stone floors, rustic beams and hand-craft materials for upholstery and curtains, ironwork and pottery.» (ibid.:65)

Urry (1990), ao referir-se ao interesse dos turistas pela ruralidade, ao “*tourist gaze*”, salienta a relação complexa existente entre o pós-modernismo e a nostalgia pela ruralidade.

«The attractions of the countryside derive in part from the disillusionment with elements of the modern, particularly with the attempt to effect wholesale reconstruction of the towns and cities with the post war period.» (1990:16)

Barou e Prado (1995) referem o papel decisivo desempenhado por estes “néo-ruraux” na renovação do património rural.

«Leur arrivée a donc contribué fortement à freiner l’augmentation de la vacance et à maintenir une partie non négligeable du patrimoine rural en bon état. Ils ont acheté essentiellement des demeures existantes qui dans la plus de 50 % des cas étaient dégradées.» (1995 :44)

Para além disso, estes novos residentes poderão ajudar a consolidar a ideia de uma Europa, vista como um espaço aberto à criação de novas raízes.

« La mentalité entrepreneuriale de la plupart de ces résidents ne semblait pas contradictoire avec leur souhait de se créer des racines dans un terroir qui peut se prêter à un fort investissement affectif personnel. Ils constituent peut-être les prototypes des citoyens européens de demain qui, considérant l’ Europe comme un espace légitimement ouvert à toutes leurs entreprises, auront besoin par ailleurs d’un ancrage émotionnel dans un lieu symbolique, une “petite patrie” qui équilibrerait le rapport quelque peu lointain à une identité européenne aux contours nécessairement flous.» ( ibid. :131)

Numa recente conferência realizada pelo Conselho da Europa<sup>15</sup> alertou-se para a necessidade de, a nível local e nacional, se considerar a crescente componente intercultural e multicultural das comunidades locais, a fim de se conseguir uma coexistência harmoniosa entre grupos de imigrantes de diferentes origens e culturas. Assim, foram definidos como prioritários os seguintes objectivos da conferência :

« [...] to raise public awareness and alert local politicians to the need to build a participatory democracy catering for otherness, and to air the question of foreign residents right to vote in local elections.»

Esta problemática diz respeito, em primeira linha, à imigração por razões económicas e políticas, de cidadãos oriundos de países não pertencentes à União Europeia, e de minorias étnicas, tendo como preocupação a sua integração nas sociedades de acolhimento. De facto, como destacam King, Warnes e William (2000) os fluxos migratórios de países desenvolvidos do Norte da Europa em direcção aos países do Sul não se inserem no conceito comum de imigrante que é conotado com marginalidade, falta de poder económico, social e político, estatuto de minoria e a pertença a um meio cultural e racial diferente.

Neste contexto de imigração internacional de reformados parece ser relevante o papel da União Europeia. Ainda citando este estudo, os autores salientam, no seu prefácio, que :

« International Retirement migration is embedded in important EU institutional and social policy considerations, including Articles 48 and 49 of the Treaty of Rome on free movement, the Single European Act which removes barriers to property rights across member states, Article 8 of the Treaty of European Union (Maastricht) which bestows limited electoral rights, and the Social Charter which envisions the potential to harmonise pension and welfare systems across the Community.»

Contudo, o facto de existir cada vez maior mobilidade profissional, de se assistir a uma crescente procura de maior qualidade de vida e ao aumento da cultura do lazer, poderá levar, especialmente nos países do Sul à coabitação de dois tipos de imigrantes, nomeadamente os oriundos dos países da Europa do Norte, mais desenvolvidos, quer reformados à procura do sol, quer profissionais no activo, e por outro, os imigrantes dos

---

<sup>15</sup> Conferência organizada pelo *Council of Europe Congress of Local and Regional Authorities of Europe* e o *Foreigners Residents' Consultative Council* da cidade de Estrasburgo sob o título "What participation by foreign residents in public life at local level?", Novembro 1999

países subdesenvolvidos ( em Portugal, concretamente, oriundos das ex-colónias e, mais recentemente, dos países de Leste europeu).

A população local terá que saber conviver com os « imigrantes ricos » e com os « imigrantes pobres », o que poderá dar origem a desequilíbrios e a conflitos sociais, caso o respeito mútuo não se estabeleça.

## Cap.2.2 Definição de conceitos: comunidade, cultura, património cultural

Pela sua complexidade e riqueza não nos parece fácil definir os conceitos utilizados ao longo deste estudo. Apoiamo-nos, para o fazer, nalgumas contribuições teóricas existentes sobre o tema, sem a pretensão de conseguir uma referência exaustiva. Pretendemos, apenas, criar um quadro de referência para as reflexões e conclusões que apresentaremos neste trabalho.

Começaremos por tentar definir comunidade e, para isso, utilizaremos a definição apresentada por Jorge Dias. Para este autor, comunidade é «um grupo local integrado por pessoas que compartilham um território bem definido, aos quais estão ligadas por laços de intimidade e convívio pessoal, e participam de uma herança cultural comum» (cit. in Gonçalves, 1992:99). Assim, os traços fundamentais de uma comunidade são a auto-suficiência e a homogeneidade social e cultural, caracterizada pela comunhão de acções, sentimentos e pensamentos. A comunidade caracteriza-se pela consciência dos seus limites espaciais e culturais, com os quais se identifica a si própria e perante as outras comunidades.

O *Dictionnaire de la Sociologie* (1998) refere a definição de G. A. Hillery : «une communauté est une collectivité dont les membres sont liés par un fort sentiment de participation», enquanto o dicionário *Robert*, edição de 1967, define comunidade como «groupe social caractérisé par le fait de vivre ensemble, de posséder des biens communs, d'avoir des intérêts, un but communs.»(1998 :135)

Para Waldren (1996) não deverá haver uma noção estática de comunidade, já que “localness” e “belonging” estão a ser redefinidos constantemente. Na sua opinião, a oposição entre a identidade daqueles que estão dentro das fronteiras simbólicas da comunidade e a diferença dos que estão fora, tende a diluir-se.

Com o impacto do processo de globalização surgem novas abordagens que analisam a construção de comunidades na diáspora e o «hybrid space between “insiders” and “outsiders”», realçando o papel das migrações, dos refugiados e dos turistas «in the changing definitions of belonging where nation-state boundaries and loyalties are

challenged or bypassed by global/local dynamics» (Eade, 1997:23). A reconstituição da comunidade é, assim, feita « on a non-local, non-spatially bounded basis.» (ibid.:25)

Deste modo, na sociedade moderna, a comunidade local, estando constantemente sujeita a influências exteriores e à interacção com outras culturas, já não é tão fechada, as relações sociais já não são tão sólidas e, por isso, a homogeneidade social e cultural não existirá, senão aos olhos dos que vêm de fora.

Os europeus residentes em território nacional não constituirão, provavelmente, uma comunidade no sentido tradicional, já que não partilham um território nacional, nem usufruem de uma herança cultural comum. Assumem-se mais como grupos com interesses idênticos, associando-se, na maioria das vezes, como comunidade, no sentido não territorial, de interesses partilhados, que se sobrepõem à nacionalidade e à pertença a uma herança cultural comum.

Quando falamos de cultura estamos, em traços gerais, a reportar-nos à definição na qual se apoiam a sociologia e a antropologia, designadamente, a definição de Tylor em *Primitive Culture* (1871), citada por Burns (1999:56) «Culture.....is that complex whole which includes knowledge, belief, art, moral law, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society.». Para Burns o facto de a ênfase ser colocada na aquisição da cultura aponta para a importância da interacção entre as pessoas, do carácter dinâmico da cultura e para o papel da acumulação, assimilação e transmissão da cultura através de tradições orais e escritas. A cultura é observada através das relações sociais e dos artefactos materiais.

Neste sentido também vai a definição preconizada pelo Conselho da Europa: «A cultura é tudo o que permite ao indivíduo situar-se em relação ao mundo e também em relação ao seu património natal; é tudo o que contribui para que o homem compreenda melhor a sua situação, tendo em vista a eventual mudança desta.» (cit. in Pereira Marques, 1994:13). Para a UNESCO, a noção de cultura é também uma noção alargada que inclui «o comportamento geral do homem, a visão que faz de si próprio, a sociedade e o mundo exterior.» (UNESCO, 1987:18)

A identidade cultural das comunidades locais passa pelos padrões culturais comuns, pelas formas específicas de relações sociais, que lhes dão uma certa homogeneidade, representada nos objectos da cultura, no seu património cultural, em sentido alargado.

No mundo actual, através da difusão de modelos culturais exteriores às culturas locais e à erosão de alguns valores tradicionais, assiste-se a uma reforçada preocupação com a preservação e defesa do património cultural. As comunidades locais, porém, não deverão apenas fixar o seu olhar sobre a sua herança cultural, mas, pelo contrário, reforçar a sua capacidade de inovação, enriquecendo-se através de permutas com outras culturas, como forma de afirmação e renovação da sua identidade cultural.

Quando nos referimos ao conceito de património cultural usamo-lo no seu sentido mais abrangente, como consta da definição do Guia Prático Mundial do Desenvolvimento Cultural da UNESCO, isto é, «entendido como cultura vivida, por exemplo: as línguas, os valores espirituais, os valores éticos ou estéticos; os comportamentos alimentares e os do vestuário etc.» (UNESCO, 1987:25).

A propósito da abrangência, na consciência social contemporânea, do conceito de património, Anne-Marie Sire<sup>16</sup> lembra que o património deixou de estar apenas concentrado na grande monumentalidade para passar a integrar também elementos do quotidiano.

«[...] moins spectaculaires, mais essentiels pour comprendre la qualité du tissu social et architectural d'espaces plus larges. On redécouvre l'intérêt et l'urgence de protéger notamment des éléments d'architecture rurale comme pigeonniers, les lavoirs ou les moulins, jusque là promis à la disparition du fait de leur moindre utilité.» (Sire, 1996:71).

E Pierre Nora comenta, da seguinte forma, o novo sentido de património cultural :

«Le patrimoine a explosé dans tous les sens. En vingt ans à peine, il a quitté le bas de laine et le "monument historique", l'église et le château, pour se réfugier au lavoir du village et dans un refrain populaire. Il s'est échappé du notarial et de l'artistique pour envahir tous les domaines dont il était précisément exclu: le vécu traditionnel, le contemporain encore en usage et, même, la nature.» (Nora, cit in Sire, 1996: 72)

---

<sup>16</sup> Sire, Anne-Marie, *La France du Patrimoine, les choix de la mémoire*, Découvertes Gallimard, CNMHS, Caisse Nationale des Monuments Historiques et des Sites Mémoires des Lieux, 1996

### 2.2.1 Turista, imigrante ou residente estrangeiro

Na elaboração deste trabalho, faremos uso frequente das designações turista, imigrante e residente estrangeiro, pelo que consideramos importante tentar clarificar a sua utilização no âmbito desta pesquisa.

Os cidadãos oriundos dos países africanos, residentes em Portugal, são designados, em geral, por imigrantes. Porém, os cidadãos provenientes dos países mais desenvolvidos da Europa e do Continente americano, ainda que tenham vindo para Portugal por razões económicas e sejam trabalhadores assalariados, são, quase sempre, considerados residentes estrangeiros, vulgarmente “os estrangeiros”, sem a conotação algo negativa da imigração. Muito pelo contrário, usufruem, na maioria das vezes, de um elevado estatuto social.

Em ambos os casos, muitos destes cidadãos começam por ter o estatuto de turista. Os primeiros como estratégia para ter acesso aos países mais desenvolvidos. Já os segundos, passam, numa primeira fase, as suas férias no país que, mais tarde, adoptarão como residência temporária ou permanente.

A designação de turista, inicialmente sinónimo de viajante era usada «to describe a person who was touring for, normally, the purpose of pleasure or leisure.» ( Sharpley, 1994: 65). Actualmente, no entanto, esta designação passou a ser aplicada a uma grande variedade de pessoas, empreendendo tipos diferentes de viagens. Também parece estar cada vez mais em causa a definição do papel do turista nos seus encontros com a sociedade e cultura do seu destino turístico. Os diferentes tipos de turista apresentam, de facto, níveis de interacção com a comunidade local bastante diversos, motivados por factores tão variados como a duração da viagem e o tipo de viagem, as características sociais, demográficas e psicológicas da pessoa e o objectivo da viagem.

Cohen (1974), citado por Albuquerque, define turista como « um viajante voluntário, viajando na expectativa do prazer, da novidade e da mudança, experienciados numa viagem circular, relativamente longa e não-recorrente.» ( Albuquerque, 1992:30)

Boniface (1999) destaca, como especialmente relevante na experiência do turista, o encontro de duas visões do mundo diferentes. «In the experience of being a tourist, a person travels from his or her home into another and different one, that of the host, and two distinct mores will confront one another.» (Boniface, 1999:291).

Os organismos oficiais, nomeadamente a Direcção Geral de Turismo, incluem todos os residentes no estrangeiro que entram pelas fronteiras de Portugal na categoria de visitantes, fazendo, no entanto, a distinção entre “turistas” e “excursionistas”. Os primeiros são definidos como visitantes temporários cuja estadia dura pelo menos 24 horas no país visitado.

A palavra estrangeiro indica sempre aquele que vem de fora, de outro país, implicando uma atitude de estranheza em relação ao indivíduo e ao grupo social onde se irá inserir.

Em termos jurídico-políticos, entende-se por estrangeiro todo o cidadão que não prove possuir a nacionalidade portuguesa, conforme se expressa no art.º 2 do Decreto-Lei n.º 244/98 de 8 de Agosto, diploma que estabelece as disposições relativas à entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território nacional.

Na sua globalidade, perante a lei, são considerados estrangeiros tanto os autorizados como os entrados ilegalmente no país. Para além do estatuto de diplomata e do estatuto de refugiado, existe o estatuto de residente, que abrange, de acordo com o art.º 3 do diploma legal referido, todos aqueles a quem tenha sido concedida autorização para residir em Portugal, devendo para tanto, estar munidos da competente Autorização de Residência.

As condições de entrada e permanência em território português de nacionais de Estados membros da Comunidade Europeia são reguladas pelo Decreto-Lei 224/244 60/93 de 3 de Março de 1993, artigo 1º .

Ao abordar o tema da coabitação cultural na Europa, Lorcerie (1999) chama a atenção para a ténue distinção existente entre os cidadãos pertencentes à categoria de imigrantes e os outros cidadãos europeus, habitando um país diferente do seu país de origem. Para

a autora, os primeiros tentam estabelecer relações mais profundas com a sociedade de acolhimento.

« “L’immigré” c’est l’ autre parmi “nous”. Sous cet angle, l’immigré c’est le cohabitant par excellence, \_ le métèque, disaient les anciens Grecs, celui qui habite avec vous le territoire, mais n’est pas des vôtres. On pourrait discuter la validité du rapprochement entre la cohabitation des “immigrés” avec “nous”, et celle des “Européens” entre eux dans l’ Europe communautaire. La représentation sociale des “immigrés” implique des caractères particuliers: statut inférieur et liens avec une aire civilisationnelle différente, et aussi tendance à rester sur place et à partager le présent des sociétés d’accueil pour le meilleur et pour le pire. À l’ inverse les “Européens” de diverses origines, envisagés comme cohabitants, relèvent de status sociaux diversifiés, proviennent *grosso modo* d’une civilisation vue comme semblable, et entretiennent des formes de cohabitation plus instrumentales, donc plus fugaces.» (Lorcerie,1999:178)

Nesta perspectiva a presença dos imigrantes é vista pela autora como uma forma de preparação da coabitação europeia, fazendo-nos ultrapassar a barreira do “nós” e do “outro”.

Ainda neste contexto europeu, Rocha-Trindade (1995) centra a sua atenção na situação das migrações entre os Estados-membros da União Europeia e refere que, com a evolução das leis que regem os direitos de circulação e residência dentro do espaço comunitário, numa tendência para a “comunitarização” haverá uma diluição dos termos emigração / imigração.

É inegável a importância do Tratado de Maastricht para a consolidação das relações entre os cidadãos na Europa comunitária. Ao reconhecer a todo o cidadão da União, residente no território de um Estado-membro de que não seja nacional, o direito de voto e o estatuto de elegibilidade requerido para o efeito de eleições municipais e de eleições para o Parlamento Europeu realizadas no Estado-membro de residência, está-se a dar um passo decisivo para a concretização duma Europa culturalmente mais próxima e mais coesa.

Na verdade, já o Tratado de Amsterdão consagrava este princípio no seu artigo 17º: «é instituída a cidadania da União. É cidadão da União qualquer pessoa que tenha a nacionalidade de um Estado-membro. A cidadania da União é complementar da cidadania nacional e não a substitui.» (Fontaine, 1998:39).

Anteriormente, com a entrada em vigor do Tratado de Roma, em 1958, já as disposições comunitárias criavam um conteúdo favorável à livre circulação dos trabalhadores e à livre prestação de serviços, assim como a liberdade de estabelecimento no sector das profissões liberais. O espaço europeu assistiu, assim, à eliminação dos entraves aduaneiros, fiscais e jurídicos que dificultavam a actividade das pessoas e a circulação de capitais e serviços.

Para o cidadão europeu está, desta forma, consolidado o seu primeiro direito, o de poder circular, trabalhar e permanecer em todo o território da União Europeia. Três directivas adoptadas em Junho de 1990 alargaram o direito de permanência aos estudantes, aos reformados e aos elementos da população não activa, tendo o Tratado de Maastricht consagrado esse direito no seu capítulo dedicado à cidadania europeia.

Analisando os direitos de participação política, adquiridos no âmbito da cidadania europeia, Vilaça (1999) salienta que estes, embora revelando um grande avanço, não implicam, por enquanto, mais do que uma mera

«[...] superação parcial da noção de estrangeiro no espaço comunitário, mediante a criação de uma categoria intermédia de “estrangeiros privilegiados” ou “estrangeiros da Comunidade”, que se distinguem dos estrangeiros de países terceiros pela titularidade de determinados direitos em cada Estado- membro, de que os cidadãos de países terceiros, em princípio, não gozam.» (Nuno Piçarra, cit in Vilaça, 1999: 60).

*«I sit every day in the sun. That's why we're here, isn't it?»*

(cit in Marion Kaplan)<sup>17</sup>

*«Mas o homem muda de clima porque não pode mudar de alma»*

(Caldeira Pais)<sup>18</sup>

### **Cap. 3. De turistas a residentes: os estrangeiros residentes no Algarve nas décadas de 80 e 90**

#### **3.1 Evolução do turismo no Algarve**

A partir da segunda metade do século XX, numa fase de recuperação económica do após-guerra, verificou-se a grande expansão do turismo, mais especificamente do turismo balnear nos países da bacia do Mediterrâneo. A procura internacional do veraneio algarvio conduziu ao fomento de um desenvolvimento turístico intensivo na região, baseado, essencialmente, no crescimento económico. A sua promoção fundamentou-se, por isso, principalmente nas condições naturais da região, com intuítos de venda fácil.

O Algarve, até então isolado do resto do país, devido às más acessibilidades, e sem imagem nos mercados internacionais, irá adquirir, sobretudo a partir da década de 60, uma centralidade e visibilidade tanto interna como externamente, nunca dantes conhecida. É a partir desta década, que se assistirá ao crescimento de um Turismo de massas, virado para o sol e praia e para a recreação, facilitado pela inauguração do aeroporto de Faro, e tentando atrair sobretudo clientela estrangeira.

De facto, o turismo no Algarve quase não existia no início do século XX e a região era pouco conhecida dos portugueses e dos turistas estrangeiros. Estes, principalmente os britânicos começaram a aparecer nos anos 20 e 30. John Gibbons' *Playtime in Portugal* citado por King, Warnes e Williams (2000) refere que eram realmente muito poucos os lugares conhecidos «being little more than Praia da Rocha, Sagres and Monchique».

---

<sup>17</sup> Palavras de um residente estrangeiro no Algarve, citado por Marion Kaplan, in *The Portuguese, the Land and its People*, London, Penguin Books, 1998(1ª ed.1991)

<sup>18</sup> Entrevista do Professor Caldeira Pais dada ao Expresso, 15.1.2000

Este turismo coincidiu com o “expatriate settlement” e este autor observa «tiny colonies of exiles...one could live like a prince down that way for very little money indeed.»(2000:36)

O turismo passou a ter, claramente, um papel predominante na economia portuguesa, e foi um dos factores de mudança que mais facilitaram a abertura da sociedade tradicional portuguesa para o mundo contemporâneo, razão porque o antigo regime, embora reconhecendo a sua importância olhava o turismo com desconfiança.

Num estudo realizado pelo CIDE<sup>19</sup> (1999) sobre as potencialidades do Algarve é salientada a importância desta região, que em 1996, era o maior destino turístico português, com uma predominante procura estrangeira, especialmente ingleses e alemães. Durante o ano de 1998, por exemplo, o total de dormidas em estabelecimentos hoteleiros em Portugal foi de 31.7 milhões. Os destinos preferenciais foram o Algarve (42.5%), Lisboa e Vale do Tejo ( 24.7%) e Região Autónoma da Madeira ( 14.1%). As dormidas dos estrangeiros não residentes em Portugal, em 1999, elevaram-se a 20.2 milhões, registando-se um ligeiro decréscimo em relação a 1998. Dos principais mercados emissores, destacaram-se as variações positivas do Reino Unido (3.8%), dos Países Baixos (2,7%) e da Alemanha (0,8%). Os destinos mais procurados pelos estrangeiros não residentes continuaram a ser a região do Algarve (52.2%), Lisboa e Vale do Tejo (21.2%) e Região Autónoma da Madeira (17.7%).

É interessante registar que, no período entre 1986 e 1991, por exemplo, se assiste a um aumento significativo de estrangeiros que têm alojamento em casa própria (segunda habitação) e casa de família ou amigos. Se em 1986 apenas 1,6 % fica alojado em casa própria e 4,2 % em casa de amigos, já em 1991 3,4% possuem uma habitação secundária no Algarve e 5,3 % recorrem à casa de amigos ou familiares.<sup>20</sup>

Segundo Pereira Neto (1988), embora o turismo possa ser responsável pelo aproveitamento de mão-de-obra originária da agricultura e da indústria conserveira, em decadência no após-guerra, e pela desertificação das regiões da Serra e do Barrocal, foi

---

<sup>19</sup> Centro Interdisciplinar de Estudos Económicos, Lisboa

<sup>20</sup> Note-se que para os turistas estrangeiros a “casa de familiares e amigos” no algarve é, geralmente, a casa de compatriotas seus que a alugam, aumentando, deste modo, o número de “camas paralelas”.

principalmente um factor de revitalização da sociedade algarvia, sem a qual o Algarve seria, na década de 80, uma das regiões mais despovoadas e pobres do país.

A partir da década de 70, o Turismo foi o principal motor de crescimento económico, transformando o Algarve numa região com economia predominantemente terciária. O desenvolvimento desta actividade ficou a dever-se, não só à posição geográfica da região, às suas condições naturais e climáticas, bem como ao dinamismo empresarial de grupos portugueses ou estrangeiros e à criação de infra-estruturas, com especial destaque para o aeroporto internacional de Faro.

O Algarve passa a ocupar, no país, o primeiro lugar no número de dormidas de estrangeiros, e surgem os complexos turísticos de Vilamoura, Vale do Lobo, Torralta, Montechoro, Quinta do Lago etc.

Mesmo com alguns desaires que a indústria turística portuguesa foi sofrendo, por ocasião da crise petrolífera de 73, seguida logo pela instabilidade gerada pela revolução de Abril de 74, pela degradação ambiental nos anos 80 ou da perda de competitividade internacional, a visibilidade da indústria turística e o exótico dos clientes estrangeiros aumenta, confirmando-se assim “a vocação turística” do Algarve, centrada na orla costeira e na exploração dum produto - as férias de Verão. No entanto vai-se assistir nos anos 80 à diversificação do cliente turístico, com uma procura por parte de uma camada mais jovem, em busca de um novo ideal de vida. As zonas rurais e do interior passam a fazer parte da rota destes novos visitantes.

Durante os anos 70 e 80 a costa algarvia tornou-se a zona mais desenvolvida, embora à custa de uma ocupação desordenada, motivada pelo desejo do lucro fácil ligado à exploração turística. Este aumento populacional irá agravar o estado das débeis infra-estruturas da região.

Vê-se, deste modo, que o forte incremento do turismo no Algarve tem actuado, desde meados da década de 70, como um factor de atractividade em termos demográficos.

Em 1991, o Algarve contava com 344.800 mil habitantes<sup>21</sup> de acordo com os dados do último censo, tendo assinalado, no período compreendido entre 1991 e 1995, uma taxa de crescimento de 1,1% superior á média do país( 0,6%).

Assim, o Algarve transformou-se em região receptora não só de nacionais- 550 mil turistas internos em 1998- como principalmente de estrangeiros- um milhão e 950 mil turistas em 1998 ( AHETA, 1999).

Sendo o Algarve a região com maior expressão da função turística, evidencia, no entanto, excepcionais contrastes entre a área de serra, a norte, quase desprovida de actividade turística, e o litoral, onde se registou uma enorme dinâmica de crescimento turístico. Este desenvolvimento das áreas urbanas no Litoral do Algarve torna ainda mais evidente o abandono dos pequenos centros do interior, no Barrocal, a meia encosta, e na própria Serra algarvia, sublinhando algumas assimetrias entre estas zonas.

Na sequência desta evolução, o Algarve interior passaria a partir dos anos 80 de «paisagem ladeando as estradas que ligavam os pontos de interesse» ( Monteiro, 1993), particularmente por ocasião das amendoeiras floridas, a ser valorizado por uma população estrangeira, oriunda de países industrializados e, até certo ponto, desencantada com os progressos da civilização, à procura de uma autenticidade arcaica.

Como refere Monteiro (1993) o Algarve, duplamente distante enquanto região de Portugal e enquanto seu extremo sul, não só partilhara, durante muitos anos, com o resto do país o desprezo do turismo internacional, como a nível interno, estava classificado no último escalão dos atractivos nacionais. Faltavam-lhe relances de grandiosidade na paisagem e o romantismo de ruínas de civilizações antigas. Segundo Correia (1989) era opinião geralmente aceite que o Algarve pouco contribuía para o património monumental do país, numa época em que notável queria dizer grande e feito de pedra, enquanto o Algarve recorria ao adobe e à taipa, materiais considerados não nobres e

---

<sup>21</sup> De notar que este número é tido pelos especialistas como muito abaixo da realidade, como afirmou o Professor João Guerreiro, CCRA, nas *V Jornadas do Património do Algarve*, 11 e 12 de Maio 2000, Albufeira

muito vulneráveis. Apenas as chaminés “rendilhadas” pareciam constituir constante motivo de apreço nas casas.<sup>22</sup>

Apesar disso o Algarve irá figurar, no rol dos destinos mais procurados, contradizendo, assim, uma situação de isolamento promovida pelo regime então vigente. O Estado Novo, apesar de encontrar no turismo uma ameaça ao regime ditatorial encarou esta actividade como uma importante fonte de divisas, corroborando com um desenvolvimento não planeado do Algarve, numa visível adopção de um «[...]conceito colonial de exploração de matéria-prima vendível a curto prazo...» (Correia, 1989:136).

A comprovar a depreciação dos valores culturais, logo em 1964, é referido o surto especulativo do solo (Pina, 1988) que favorece a demolição da arquitectura tradicional e a descaracterização da paisagem algarvia, num continuado desrespeito e desinteresse pelos valores culturais dos algarvios que a própria história da região testemunha.

Embora não descurando os aspectos negativos das mudanças socioculturais provocadas pela indústria turística, não é menos verdade que o turismo estrangeiro em Portugal, envolvendo o intercâmbio entre povos e culturas, muito tem contribuído para o desenvolvimento da sociedade portuguesa, não só no aspecto económico mas também cultural.

Paralelamente à procura como destino turístico, o Algarve começou também a ser procurado, intensivamente, como residência permanente de estrangeiros no início dos anos 70. King, Warnes e Williams (2000) reportam-se a um estudo de Wuerpel (1974) no qual se constata que «permanent residency is being established in the Algarve by foreigners in increasing numbers, the official record for 1970 listing 511 men and 469 women as holding residentil permits.» (King, Warnes e Williams, 2000:64). Mais de metade são oriundos do Reino Unido, o que levou um jornal local a comentar que «Great Britain has lost an empire but she seems now to be gaining a province.»(ibid.:63).

---

<sup>22</sup> José Victor Adragão, *Novos Guias de Portugal-Algarve*, Editorial Presença, Lisboa, 1985

Ainda seguindo este autor, podemos afirmar que os primeiros fluxos de residentes estrangeiros, nos anos 60 e 70, eram essencialmente de origem britânica e estabeleceram-se primeiramente em aldeamentos como Luz Bay Club, na Praia da Luz. Aldeamentos como o Oleander Country Clube, em Albufeira e as primeiras discotecas também tiveram origem em iniciativas de cidadãos britânicos. De salientar a existência de uma pequena colônia inglesa em Monchique, através da iniciativa empresarial do brigadeiro Douglas Graham (1963), constituída por «small British colony whose members included ex-generals, masters of hounds and “old cronies” from the City.» (ibid.:65).

Após uma interrupção provocada pela instabilidade do período pós revolucionário, retomou-se o crescimento turístico e de fixação de residência, desta feita com uma tendência acentuada para uma “*inward migration*”, fugindo do litoral, já demasiado congestionado, tendência essa que continuou nas décadas de 80 e 90. Simultaneamente surge uma maior diversidade de nacionalidades que procuram o Algarve, tais como alemães, holandeses, belgas e escandinavos.

### **Cap. 3.1.2 Residentes estrangeiros no Algarve : alguns dados estatísticos**

A imigração é, a todos os níveis, um fenómeno pouco estudado e de reduzida visibilidade em Portugal (Esteves, 1991). Pereira Bastos (1999) refere ainda as dificuldades que envolvem a análise de dados censitários, que são, na maior parte dos casos, dados aproximativos, em relação aos quais se desconhece a taxa de erro. Erros esses, que advêm não só da imperfeição da recolha de dados, mas também da relutância de alguns segmentos da população visada.

As dificuldades ainda são maiores quando se procura conhecer a imigração oriunda de países europeus, já que, após a adesão de Portugal à Comunidade Europeia (1986), e as consequentes facilidades de circulação de pessoas e bens, os nacionais da União Europeia se podem facilmente subtrair a qualquer controle por parte dos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras, embora, por lei, devam declarar a sua presença como residentes junto daqueles Serviços.

À quase estagnação da população estrangeira residente em Portugal durante os anos 50 e primeira metade da década de 60, segue-se, com a intensificação do processo de industrialização e a entrada de Portugal para a EFTA, durante a segunda metade da década de 60, uma maior abertura da economia portuguesa ao investimento estrangeiro e um consequente aumento da fixação em Portugal de residentes estrangeiros. O desenvolvimento do turismo e a correspondente entrada de capitais estrangeiros, canalizados sobretudo para o Algarve, irão também contribuir para o aumento da presença estrangeira (Esteves, 1991:20).

Mas, a partir da década de 70, assiste-se, na opinião da autora, a uma retracção da emigração para a Europa industrializada, ao retorno de muitos emigrantes, ao repatriamento dos portugueses das ex-colónias, e sobretudo, a um novo fenómeno, de importância crucial, nomeadamente a aceleração muito rápida do crescimento da população estrangeira residente.

A segunda metade da década de 70, é marcada, essencialmente, por um crescimento dos fluxos imigratórios provenientes da Europa e Américas, e pela forte aceleração da imigração dos países africanos de expressão portuguesa (PALOPs).

Apesar de as transformações políticas e sociais decorrentes da restauração democrática de Abril de 1974, terem provocado uma inflexão no padrão dos movimentos migratórios internacionais de e para Portugal, será na década de 80 que a “magnitude do fenómeno imigratório” (Esteves, 1991) se irá manifestar.

Quadro n.º 1

Imigração para Portugal por continentes					
	Europa	Américas	África	Outros	Total
1960 a *	19 794	8 962	445	227	29 428
1969 b *	8 019	2 437	196	220	10 945
1975 c	21 414	8 796	503	1 225	31 983
1989 c	29 247	24 675	42 789	4 088	100 799
1995 d	44 867	36 720	79 231	7 498	168 316
1999 d	56 731	35 989	89 516	8 660	190 896

Fonte: \* Dados baseados em Rodrigues (1999) e adaptados por nós

a-Censos, INE b-Anuários estatísticos, INE c-Estatísticas Demográficas, INE

d-Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de Lisboa

Em 1960 os estrangeiros provenientes da Europa eram, em primeiro lugar, espanhóis, seguidos dos naturais da Grã-Bretanha, da França e da República Federal Alemã.

Esteves (1991) salienta a importância dos laços históricos existentes entre países, como é o caso da Grã-Bretanha e de Portugal, e ainda do processo de integração de Portugal no contexto europeu, na evolução das migrações de países europeus para Portugal. De facto, reportando-nos a 1988, o país com maior representatividade continuava a ser a Grã-Bretanha, seguida da Espanha, a Alemanha Federal, a França e a Holanda.

Ainda seguindo Pereira Bastos (1999), no Censo de 1991 verifica-se que os subgrupos maioritários de população estrangeira são oriundos da CEE e dos PALOPs. Embora as

maiores concentrações se registassem na região de Lisboa e Vale do Tejo e, secundariamente, na Região do Norte, em relação à população portuguesa residente as maiores proporções de imigrantes concentravam-se nas regiões turísticas do Algarve (2,59 imigrantes por cada 100 nacionais aí residentes) e na Madeira (1,96%).

Em relação à imigração para o Algarve e recuando até aos anos 50, podemos constatar que, nesta década, a presença estrangeira na província não era praticamente visível, começando a sê-lo apenas nos finais de 50 e principalmente nos anos 60. No final desta década já se registava um total de 953 estrangeiros, dos quais 863 eram de proveniência europeia, com um protagonismo para a nacionalidade britânica com 453 cidadãos. A tendência será sempre crescente, com algumas quebras pontuais, como as que se registaram durante o período crítico da Revolução (1974/75).

Em 1979 temos 2628 estrangeiros registados, dos quais 1459 são europeus, prevalecendo ainda a primazia dos britânicos com 748 cidadãos, mas verificando-se já um aumento do número de alemães. Nos finais da década de 80, o número total de estrangeiros elevava-se a 10647, dos quais 7015 eram europeus, tendo como nacionalidades mais representadas a britânica (3931), a alemã (1075), a francesa (272), e a espanhola (170). Comparando os dados podemos dizer que a década de 80 foi marcada por uma forte procura por parte da comunidade britânica, mas já nos anos 90 aumenta a presença dos alemães, holandeses e belga.

É curioso referir que os primeiros holandeses registados (618) aparecem nos dados estatísticos do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de 1986, paralelamente com alemães (814) e ingleses (2656) para um total de 7760 estrangeiros provenientes da Europa, dos quais 6193 são cidadãos da Comunidade Europeia.

Quadro n.º 2					
Imigração para o Algarve por nacionalidades mais representadas					
	Alemã	Britânica	Espanhola	Francesa	Holandesa
1950 a) *	2	14	158	17	-----
1963 b) *	7	61	135	8	-----
1969 b) *	61	453	110	46	-----
1975 c)	173	942	115	49	-----
1977 c)	152	773	110	55	-----
1979 c)	210	748	109	78	-----
1980 c)	283	868	136	95	-----
1986 d)	814	2 656	146	191	618
1989 c)	1 075	3 931	170	272	745
1990 d)	1 175	4 354	180	309	794
1998 d)	2 480	6 449	368	634	1 417
1999 c)	2 831	6 798	512	742	1 590

Fonte: \* Dados baseados em Rodrigues (1999) e recolhidos por nós.

a) Censos, INE    b) Anuários Estatísticos    c) Estatísticas Demográficas INE    d) SEF Faro

A dificuldade em conseguir dizer com alguma fiabilidade qual o número exacto de residentes estrangeiros acompanhou-nos ao longo deste trabalho, sempre que questionámos autoridades e instituições. Assim, os dados fornecidos pelos consulados por nós contactados revelam um número de residentes estrangeiros muito superior ao que consta das estatísticas. A inscrição no consulado é meramente facultativa. Para os residentes holandeses era obrigatória até 1990 a apresentação do registo no respectivo consulado para obtenção do direito de residência.

Daí que o consulado alemão tenha, até à data, cerca de 10 000 inscritos, o consulado holandês 1246 adultos e 311 menores, enquanto o britânico, apesar de ter 10 000 inscritos, nos revelou que estima os residentes da sua nacionalidade em cerca de 25 000. Esta discrepância de dados poderá ser explicada, não só pelo facto de os residentes, que eventualmente abandonam o país, não darem baixa da respectiva inscrição no

consulado e de muitos residentes não solicitarem a autorização junto dos serviços responsáveis.

A nossa análise dos dados estatísticos permite-nos reter alguns aspectos característicos da imigração para Portugal em geral, e para o Algarve, em particular. Nota-se a partir de meados da década de 70 um aumento da população estrangeira, com uma subida crescente do número de cidadãos africanos. Nos anos 80 assiste-se a um aumento significativo do número de residentes estrangeiros oriundos da Europa, com especial destaque para os britânicos e alemães, que se fixam predominantemente na região algarvia.

Quadro n.º 3					
Imigração para o Algarve por continentes					
	Europa	Américas	África	Outros	Total
1976	1 392	265	36	22	1 715
1989	7 015	1 071	2 282	279	10 647
1995	11 414	2 229	6 349	954	20 946
1999	14 816	2 313	6 826	1 092	24 947

Fonte: Estatísticas Demográficas, INE

Do total (13 470) de residentes oriundos da Europa 12 781 pertencem a países da União Europeia.

Pires (1993) resume, da seguinte forma, a tipologia dos estrangeiros residentes em Portugal.

«The majority of the foreigners residing in Portugal can be re-grouped into the main groups, according to provenance: those that come from Western Europe, in particular from the EEC, those that originate from the traditional Portuguese emigration destination countries, especially from the American continent, and finally those from the African Countries with Portuguese as the Official Language (PALOP).» (1993: 179 ).

Em relação aos estrangeiros residentes provenientes da Europa, se, por um lado, se pode constatar a presença de «EEC immigration that supports the management of foreign investment (of the Community)» ( Pires,1993:185), encontramos, tal como na

vizinha Espanha, um crescente número de nacionais vindos do primeiro mundo, maioritariamente devido aos «old-age European who attracted by the increasing offer of touristic services, the good climate and the favourable differences of revenue between their countries and Spain.» ( Actis, 1993:207).

Em 1999 estavam registados em Portugal 190 896 estrangeiros residentes, o que corresponde a cerca de 2% da população. Mais de dois terços dos estrangeiros provêm dos países africanos de expressão portuguesa e do Brasil. Contudo, um terço provem de países da União Europeia, sendo 32% britânicos, 25% espanhóis, 17% alemães e 10% franceses. A população total, em Portugal, está a decrescer, mas o número de estrangeiros aumenta anualmente em cerca de 5%. E o maior número de cidadãos europeus continua a registar-se no Algarve. Para um total de 24 947 cidadãos estrangeiros com residência legalizada no Algarve, 14 816 são europeus, dos quais 14 081 pertencem a países da União Europeia.

*«Eu gosto deste país, nunca pensei que este país fosse insignificante, e mesmo que o seja em comparação com outros, é o meu país, não é o simples facto de ter aqui nascido, é muito mais simples, é que tudo aquilo que sou é daqui que vem, o meu modo de entender o mundo criou-se aqui, para o bem e para o mal, o positivo e o negativo, o bom e o mediocre, enfim, foi daqui que eu me fiz.»*

José Saramago<sup>23</sup>

*«O Algarve conservou[...] no seio do País de que faz parte, uma identidade que foi moldada pelos povos que por aqui passaram e pelo seu isolamento geográfico[...]»*

Gomes Guerreiro<sup>24</sup>

### **3.3 Alguns contributos dados pelos estrangeiros residentes para a valorização da cultura local**

A região do Algarve possui uma identidade cultural que resulta da diversidade sociocultural que tem sido gerada no seio do isolacionismo a que ficou submetida ao longo dos séculos, tendo, porém, as populações oriundas de outras regiões nacionais e do estrangeiro, dado um contributo valioso para o seu desenvolvimento e consolidação.

Numerosos foram os povos que por aqui passaram, deixando na região marcas visíveis da sua presença, em campos tão diversos como a agricultura, as pescas, a arquitectura, as artes, o artesanato, a gastronomia e até a língua.

O Algarve, território meridional virado para o mar e para o Norte de África, iria ter um papel fundamental na expansão marítima portuguesa, a partir do século XV. É, de facto, indiscutível o contributo dos Descobrimentos para o encontro de povos e de culturas e nos quais os algarvios colaboraram vivamente com indivíduos, barcas e trabalho.

*«Entre 1450 et 1500, les Portugais contournent toute l' Afrique, atteignent les Açores, puis le continent américain, et réalisent d'un coup la globalisation des transports et des communications maritimes. [...] Des univers socioculturels qui n'étaient en contact les uns avec les autres que par des masses continentales interposés, et par des liaisons maritimes côtières et lentes, sont mis brusquement en face-à-face.» (Warnier, 1999:27)*

<sup>23</sup> Citado por Marion Kaplan (1998) in *The Portuguese, the Land and its People*, London, Penguin Books

<sup>24</sup> Manuel Gomes Guerreiro, « O Algarve Mediterrâneo no Contexto Nacional», in *O Algarve na perspectiva da Antropologia Ecológica*, Lisboa, INIC

A indústria turística, aliada a outros fenómenos como a emigração, muito tem contribuído para a interacção de povos e culturas.

De uma presença passageira, enquanto turista, resulta, muitas vezes, uma permanência definitiva. O clima ameno, a possibilidade de uma vida calma, de um maior contacto com a natureza e uma certa nostalgia pela ruralidade, terão sido, algumas das motivações que levaram muitos destes visitantes de passagem a optar por aqui fixar residência. Se, no começo, os motivos de atracção eram, sobretudo, o clima e a vida calma, após a entrada de Portugal na Comunidade Europeia, assistir-se-á à chegada de muitos estrangeiros, que, com reduzidas perspectivas profissionais no país de origem, encontram nesta região uma fonte “fácil” de subsistência, dedicando-se aos serviços a turistas e residentes das comunidades estrangeiras, e trazendo aspectos inovadores, novas tecnologias e a descoberta de nichos do mercado, muitas vezes, redescobrimdo os recursos locais. Para muitos reformados, o mais baixo custo de vida em Portugal, possibilita-lhes um nível de vida, do qual não poderiam usufruir no seu país de origem.

Assim, numerosos estrangeiros são detentores de aldeamentos turísticos, hotéis, de comércios ou de empresas diversas, ligadas à actividade turística e a algumas áreas inovadoras, utilizando tecnologias mais avançadas e ecológicas. Têm um papel relevante na oferta de “alojamento particular”, ainda que muitas vezes não recenseado, tendo também sido pioneiros em iniciativas ligadas ao turismo rural, agroturismo e turismo de habitação. Ficou-se a dever à sua iniciativa muitas inovações introduzidas nalgumas actividades agrícolas e piscatórias. No campo cultural tiveram um papel relevante na abertura de galerias de arte, assim como na dinamização de algumas actividades artísticas tradicionais, como a cerâmica e outras.

Bastaria citar, entre outros, a Olaria de Porches de Patrick Swift, os primeiros *Garden Centers* da família Van Rosen, em Moncarapacho, a agricultura biológica da Quinta da Figueirinha, em Silves, a recuperação de cultivos tradicionais ( ex. ervas aromáticas) na Serra algarvia com a colaboração da Associação de Desenvolvimento Local IN LOCO e o programa LEADER, novos (velhos!) métodos de construção ecológica, em Aljezur, a arquitectura paisagística ecológica, a tentativa de dinamização cultural realizada pelo casal americano John e Teresa Wolf através da criação do Centro Cultural da Quinta do Paço em Algoz ou a recuperação de um velho lagar de azeite, datado de 1 de Setembro

de 1937, situado no lugar da Mesquita, a 2km de São Brás de Alportel, por iniciativa de uma residente estrangeira e com o apoio do Programa LEADER. Ou ainda o projecto do Bio-Parque de Monchique, ao qual o Instituto Português de Ecologia (Inpeco) dá a face e que teve como impulsionadores um grupo de cidadãos estrangeiros preocupados com os recursos naturais da região.<sup>25</sup>

A preocupação em valorizar um património cultural que, a longo prazo, poderá estar ameaçado, está bem presente nos trabalhos de alguns escritores e jornalistas estrangeiros aqui residentes, como é o caso do casal John e Madge Measures, de Ruth Banks, de Volker Gold e Rainer Horbelt, para referir apenas alguns.

Um outro projecto que pretende incentivar o intercâmbio entre artistas plásticos locais através da Associação de Artistas Plásticos do Algarve e estrangeiros, sobretudo a nível da Europa comunitária, mas tendo já contado com a colaboração de alguns países da Europa de Leste, é dinamizado por uma artista plástica de nacionalidade alemã, residente no Algarve há mais de 20 anos e que, restaurando uma casa de campo antiga, aí criou um centro internacional de artes.

No aspecto que é central para o nosso trabalho, nomeadamente a valorização da cultura local e a preservação do património cultural, foram, na opinião de alguns especialistas, (Correia, 1989) os estrangeiros que salvaram muitos dos montes algarvios da ruína, no período de euforia da procura do litoral e do desdenho pelo Algarve interior, rural, atrasado, onde o progresso não chegava.

«se tudo não foi ainda pior, foi porque alguns estrangeiros mais cultos cedo se aperceberam dos valores que estavam em causa. Foram eles os primeiros a ensaiar (nem sempre com felicidade, mas com intuítos respeitáveis) a reprodução de valores arquitectónicos locais nas aldeias turísticas e são hoje ainda estrangeiros praticamente os únicos que consertam e restauram os lindíssimos “montes” do Barrocal algarvio, a mais conseguida realização arquitectónica do Algarve, como expressão duma serena e fraterna comunhão entre o Homem e a Terra.» (Correia, 1989:138).

Com o desenvolvimento do turismo na região litoral muitos algarvios abandonam as suas aldeias e vilas do Barrocal e Serra, não se interessando pelo “monte” herdado, a não ser com o intuito de o vender a estrangeiros. Assim, e de acordo com os nossos

---

<sup>25</sup> Este projecto tem como principal mentor Gordon Sillence que pisou Monchique pela primeira vez há cerca de 20 anos. Licenciado em Sociologia, foi a a paixão pela ecologia que o levou a mudar de país e de estilo de vida.

informadores, foi precisamente a partir de meados dos anos oitenta que se assiste a uma grande procura do interior algarvio.

Em relação à influência dos estrangeiros, Neto (1988) refere o seu valioso contributo para a preservação da arquitectura tradicional e o recurso ao artesanato na decoração das suas casas. O autor, reportando-se às relações entre residentes, turistas e estrangeiros residentes, constata que, comparativamente ao que acontece nas regiões em que não se estabelece esse contacto, os algarvios demonstram um maior apego aos valores tradicionais. A causa provável desta atitude será o interesse que esses valores revestem por parte dos estrangeiros. Trata-se, assim, da valorização, por parte da comunidade receptora, do seu próprio modo de vida.

Uma vez que engloba elementos que assinalam e diferenciam a identidade (Correia, 1989), o processo de valorização contribui para a preservação da mesma (Arroteia, 1994). Este autor considera como fazendo parte do modo de vida «[...]toda uma maneira de ser e de agir da população,[...]a arte de valorizar e explorar os recursos naturais...formas de trabalhar a terra e [...]a organização da sociedade.» ( Arroteia, 1994:52)

O contributo dos residentes estrangeiros para a valorização da cultura local e desenvolvimento das zonas rurais no Algarve, é reconhecido e comentado, da seguinte forma, pelo Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, recentemente entrevistado pela revista Sulstício :

« As associações de desenvolvimento local têm respondido de uma forma muito positiva e de certo modo ajudado a devolver a cidadania às pessoas que se habituaram a viver sozinhas nesse interior deserto. Acho que há muitas frentes por redescobrir e solidificar. O combate à desertificação passa pelo aproveitamento turístico dessas zonas, mas também pelo incentivo às actividades agrícolas e pequenas indústrias amigas do ambiente. Há projectos muito interessantes que estão a ser desenvolvidos, muitos dos quais, pela comunidade estrangeira.»<sup>26</sup>

Outros estrangeiros houve que, aproveitando espaços tradicionais, os recuperaram e aí desenvolveram actividades culturais que desempenham, actualmente, um papel de grande relevância na vida cultural do Algarve. Na nossa opinião deverá ser concedido

---

<sup>26</sup> In Sulstício nº 1, revista trimestral, Dezembro 99, p.29

um lugar de destaque ao caso do Centro Cultural de São Lourenço, não só pelo seu carácter pioneiro, mas pelo prestígio que goza a nível nacional e internacional. Os seus proprietários foram recentemente escolhidos, pelo Jornal Barlavento, para fazer parte das 25 figuras destacadas que «estão directamente ligadas à região, levando, mesmo o nome do Algarve para além do Caldeirão.»<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> In Barlavento Revista, suplemento ao nº 1205, 27.7.2000

*«Nada mais frágil que o equilíbrio dos lugares belos. As nossas fantasias de interpretação deixam intactos os textos, que sobrevivem aos nossos comentários; mas o menor restauro imprudente infligido às pedras, a menor estrada macadamizada cortando um campo onde a erva crescia em paz desde há séculos criam para sempre o irreparável. A beleza afasta-se; a autenticidade também.»*  
Marguerite Yourcenar<sup>28</sup>

### 3.3.1 O Centro Cultural de São Lourenço

A reabilitação de um pequeno grupo de cinco casas de habitação, datadas dos finais do século passado, representou, na nossa opinião, uma actuação exemplar a nível individual, que teve como objectivo recuperar o património vernacular, a que muitas vezes se chama “património menor”.<sup>29</sup>

Recuemos no tempo, até à década de 70, altura em que Marie e Volker, de nacionalidade francesa e alemã, respectivamente, decidem transformar o gosto pela arte em modo de vida. Encontram em São Lourenço, junto à EN 125 uma correnteza de casas em ruínas, desabitadas há 40 anos e com licença de construção para três pisos e cerca de 18 apartamentos. Decidem comprar o sítio, e durante um ano, fizeram obras de recuperação, seguindo com rigor os traços originais, sendo, para o efeito, necessárias algumas visitas a arquivos em Lisboa, a fim de se inteirarem dos materiais e da traça originais.

Inicialmente, e por sugestão de Marie, pretendiam abrir uma Galeria de Arte de Verão, porque se tinham apercebido que, no Algarve, nos anos 70, não havia absolutamente nada nesta área. Já conheciam bem Portugal e o Algarve, pois já cá tinham estado pela primeira vez em 1965 e passaram, a partir de 1968, a ser visitantes assíduos da região, tendo mesmo comprado uma pequena casa em Vale de Parra, sem electricidade e sem instalações sanitárias, como nos conta Volker.

---

<sup>28</sup> In *Memórias de Adriano*, Editora Ulisseia, Lisboa, 1974

<sup>29</sup> Vide *Économie Touristique et Patrimoine Culturel*, Conseil National du Tourisme, Ministère de l'Équipement, des Transports et du Tourisme, 1994, p.9

Segue-se uma longa fase de procura de instalações adequadas aos seus intentos, mas os espaços, ou eram demasiado caros, ou estavam intrincados em questões complicadas de herança. Era o caso de uma quinta que pretendiam comprar em Alcantarilha e que, até há poucos dias, se encontrava ainda totalmente degradada, estando, no entanto, actualmente a ser recuperada.

As casas que decidiram comprar em São Lourenço, embora em ruínas, ainda possuíam telhados e uma parte pertencia à Junta de Freguesia. Em troca da construção de instalações para um pequeno infantário, que nunca chegou a funcionar, no lado poente da igreja, a Junta cedeu-lhes as divisões de que era proprietária.

Inicia-se, então, a árdua tarefa da recuperação. Apesar de um amigo, na altura chefe designer do *Convent Garden*,<sup>30</sup> em Londres, lhes ter proposto um projecto monumental, optaram por salvar toda a massa construtiva e alterar o mínimo possível.

Eram casas térreas, junto a uma rua calçetada e serviram para habitação, para os trabalhos de lavoura e para o trato de animais. Constituíam, com a igreja, a casa do pároco e a escola, o núcleo central da aldeia. Adquiridas em 1979 pelo casal, foram restauradas de uma forma cuidada, tendo sido mantidos a traça, as cores e os materiais. Uma parte manteve a sua função original e foi reservada à habitação dos donos, integrando-se, contudo, num espaço mais vasto a que foi dado uma nova utilização : a criação de um centro cultural.

Nascia, desta forma, o Centro Cultural de São Lourenço, com inauguração a 7 de Março de 1981, com uma exposição dos “Meisterschüler”<sup>31</sup> da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, que fora contactada para o efeito, pois o casal Huber, pretendia, na inauguração, fazer uma homenagem ao país que tão bem os recebera.

Durante estes 19 anos, a instituição tornou-se um ponto de encontro da cultura no Algarve, sendo reconhecida como promotora da arte e da música mesmo fora de Portugal. É, de facto, raro que uma galeria fora de Lisboa ou do Porto atinja esta

---

<sup>30</sup> Informação pessoal fornecida por Volker Huber

<sup>31</sup> Melhores alunos, tradução nossa

dimensão, mas Volker e Marie, desde o começo, criaram uma rede de contactos com artistas portugueses e estrangeiros.

Espaço público e privado, o Centro Cultural de São Lourenço desenvolve-se entre pátio, jardins povoados de objectos escultóricos, casa de habitação e de convívio, salas de exposições, espaços para concertos. Todos estes espaços são contíguos, demarcados apenas por discretos sinais indicadores de que a alguns lugares está reservada maior privacidade.

A Igreja de São Lourenço, visitada diariamente por centenas de turistas, e o Centro Cultural, mesmo ao lado, são duas referências importantes no mapa turístico do Algarve.

Volker distingue quatro tipos de visitantes: “os turistas”, “os algarvios”, “os outros portugueses” e “os outros estrangeiros” ( os residentes ou amigos destes). Os turistas chegam normalmente ao sábado de manhã, tendo, em regra, reservado uma excursão para conhecer “o outro Algarve”. Não têm, geralmente, qualquer ligação com a arte e a visita é feita a uma velocidade que não deixa perceber a magia do local, construído para ser usufruído com a tranquilidade de quem pretende absorver o “espírito do sítio” e não apenas um espreitar hesitante e um estranhar a presença dos objectos inesperados.

Mas os verdadeiros usufruidores do Centro são o público, maioritariamente estrangeiro residente (embora nos últimos anos, se verifique uma aumento da presença portuguesa) que frequenta os concertos, as exposições e os saraus literários, aproveitando a presença de artistas vindos dos quatro cantos do globo, trazidos pelo esforço deste casal, que consegue fazer do Centro um ponto de encontro nas rotas culturais, apesar de afastado dos grandes espaços cosmopolitas, com a vantagem de poderem, simultaneamente usufruir dos benefícios da ruralidade.

Muitos artistas, nacionais e estrangeiros, com o seu trabalho e a sua sensibilidade contribuem para o ambiente artístico do Algarve. Alguns bem conhecidos, alguns recém - descobertos, outros a descobrir. Nomes como João Cutileiro ou José de Guimarães, desde há anos artistas do catálogo, com exposições muito frequentes, bem como o alemão A. Penck ou o prémio Nobel, Günther Grass.

O Centro Cultural de São Lourenço reúne, com êxito, as artes plásticas, a literatura, a arqueologia, a história e a música, sendo uma referência cultural inquestionável, a nível nacional e internacional.

São Lourenço é uma iniciativa estritamente privada, sem subsídios, a não ser pontualmente, como aquando da comemoração dos 5º e 10º aniversários, tendo recebido o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian para a edição dos catálogos mais dispendiosos; mais recentemente tiveram o apoio da Região de Turismo do Algarve, para a realizar do projecto “Vacas Loucas do Centro Cultural de São Lourenço”,<sup>32</sup> também ao serviço promocional desta instituição e em digressão pelo país.

O objectivo do Centro é realizar, pelo menos, 10 exposições anuais e fazer, além disso, a promoção de artistas menos divulgados. Na música, apostam essencialmente, nos compositores clássicos.

O Centro Cultural já realizou mais de 200 exposições de arte contemporânea, editou mais de 100 catálogos, mais de 50 edições de obras gráficas de técnicas variadas, e cerca de 400 concertos. As diversas manifestações culturais organizadas pelo Centro atraem mais de 50 mil visitantes do mundo inteiro. Apesar de tudo, os algarvios têm-se mantido afastados. Mas Volker Huber<sup>33</sup> confirma que «nos últimos cinco ou seis anos as coisas mudaram. Somos conhecidos aqui e vê-se que, com a abertura da Universidade e a promoção que as Câmaras e a Região de Turismo têm feito, as pessoas estão mais interessadas na arte.»

Não se notam transformações assinaláveis na estrutura espacial da aldeia de São Lourenço. Apenas o Centro Cultural, que ocupa a mesma linha de casas térreas que há 19 anos bordejavam a tranquila rua, aumentou notavelmente o campo de visibilidade pública da pequena povoação. Os vizinhos integraram já os estrangeiros como um organismo vivo que a São Lourenço sempre pertenceu. O seu público fiel habituou-se a

---

<sup>32</sup> Ideia original utilizada pela cidade de Zurique, na promoção da sua imagem e que o casal Huber aplicou ao Algarve. Vacas, em papel *maché* e tamanho natural, foram pintadas pelos artistas do Centro.

<sup>33</sup> Entrevista ao Expresso em 27.07.00

procurar e a encontrar, no meio da paisagem rural, os “sinais do mundo” através do seu vasto programa cultural, longe dos circuitos institucionais. «A designação de Centro Cultural talvez seja excessivamente pesada. Mas a verdade é que somos mais do que uma galeria», afirma o casal Huber.<sup>34</sup>

No prefácio do catálogo publicado por ocasião da comemoração do 15º aniversário do Centro, José Augusto França comenta, da seguinte forma, a importância do Centro Cultural de São Lourenço no contexto cultural algarvio.

«[...] no Al Gharb, ai! Que pode alguém fazer, mesmo no Instituto do Património? Olhem-se aqui estes lanços caríssimos da estrada de Almansil, tortos como chavelhos de bode ao gosto, pelo menos, de quem os traçou; olhe-se, além, a pontezinha do Barão, a caminho de Albufeira, descanso pedagógico de volantes frenéticos e totalmente alargada, agora, por duas Câmaras juntas que não olharam ao sítio e se deram à solução mais dispendiosa em obra sem consulta, perda ecológica, prejuízo irremediável da imagem duma casa de Quinta do século XVIII, a ela ligada; olhe-se o aprovadíssimo museu-“bunker” de Sagres que terá de ser um dia demolido, por decência do sítio; olhe-se, à outra ponta do território, Vila - Real de Santo António a perder dia a dia o seu testemunho histórico único. O mar nos valha, que os piratas agora vêm da terra e são cristãos, edís e banqueiros...

Pare-se aqui, pela igreja única da sua espécie, entre Minho e Guadiana e pelo milagre vizinho, de quinze anos, agora comemorados, do Centro Cultural.

Cultural, diga-se e insista-se, que não é, como algum outro, feito para consumos comunitários e tem donos responsáveis, consideráveis, apreciáveis e amáveis, vindos da Alemanha e França, ou seja da Europa simbólica que o Reno autenticamente separa e une, para o sítio onde a terra europeia acaba como deve acabar, em mar, alto e largo. ....

Sem parar nem desencantar, dão-nos, há quinze anos, boas artes de figuras e música, e bom vinho e grandes tijelas de arroz com conduto, ao fim. Dão-nos sombra e cultura em calma de oásis, virando-se de costas para a estrada dos gases e dos tontos, e olhando a serra descalça de onde vêm os amigos de outras terras que por cá vivem, capazes até de catarem arqueologias indígenas como passatempo e ação de graças ao clima, às figueiras, às azinheiras...»

E Curt Meyer-Clason, escritor, tradutor e antigo director do Instituto Alemão de Lisboa, assinala, no referido catálogo, a importância do espírito europeu vivido, diariamente, neste centro cultural:

«Zwei Menschen allein führen uns hier vor Augen, dass Berge versetzt werden können. Man kann sagen: der europäische Gedanke ist an diesem Ort verwirklicht. Wechselnde Kunstausstellungen, Konzerte, Vorträge und Lesungen von Künstlern vieler Länder bietet das Ehepaar Huber in regelmässiger Folge einem Publikum, das nicht minder international ist.»<sup>35</sup>

<sup>34</sup> Entrevista ao Jornal Barlavento em 27 de Julho de 2000

<sup>35</sup> «São apenas duas pessoas, mas conseguem mostrar-nos que é possível mover montanhas. Podemos dizer : o pensamento europeu é uma realidade neste local. O casal Huber oferece, com regularidade, exposições, concertos, conferências e saraus literários de artistas de muitos países, a um público não menos internacional.» Tradução nossa.

### 3.3.2 Projectos no Algarve interior : O Parque Mineiro Cova dos Mouros

«Inicie a sua viagem e desfrute uma paisagem espectacular até ao Parque Mineiro Cova dos Mouros com 5000 anos de história. Na antiga mina Cova dos Mouros, re-descoberta em 1865, encontra-se um percurso pedestre inédito, com perto de 1000 metros, a céu aberto, mostrando a evolução da história da mineração e da metalurgia com reconstituições pré-históricas, habitações e utensílios primitivos dando aos visitantes a sensação de viajar em épocas remotas desde o Calcolítico (2500 a. C). Ofereça aos seus filhos um passeio de Burro e vá até às piscinas naturais. Aprecie a gastronomia local e conheça o artesanato tradicional»

É esta a informação em várias línguas, que consta do Roteiro Aventura do Nordeste do Algarve, referente ao Parque Mineiro Cova dos Mouros, localizado entre Vaqueiros e Martinlongo, no concelho de Alcoutim.

Este parque foi criado pela família Issler, de nacionalidade alemã e inglesa, radicada no Algarve desde meados dos anos sessenta, e que, desde sempre, se interessara pelas questões ambientais e de preservação do património. Apercebendo-se das enormes potencialidades do Algarve interior, e conscientes de que, nesta área tão sensível, muito ainda existia por fazer, não bastando apenas as iniciativas oficiais, resolveram procurar um terreno que correspondesse aos seus objectivos.

Compraram o terreno, no qual existiam grandes buracos, vestígios de uma mina abandonada. Esta mina, datada de 3000 a .C, foi referida, em 1891, por Estácio da Veiga como as antigas minas do concelho de Alcoutim. De 1860 a 1930 estivera, novamente, em funcionamento, data a partir da qual se encontrava completamente abandonada.

Tentaram fazer uma sociedade de acções, mas não encontraram interessados. Decidiram, então, partir para a aventura sozinhos. Convidaram arqueólogos e geólogos para inspeccionar a zona. Aproveitaram o local para criar um circuito mineiro-museológico de 1000 metros, tentando contar a história da evolução da mineração desde o Calcolítico até 1930, altura em que deixou de ser explorada. Procedeu-se à reconstituição de um forte calcolítico com base em escavações levadas a cabo ali perto. O projecto conta também com uma Estação de Recuperação do Burro Ibérico, espécie em vias de extinção e que, no Algarve, é também recuperada na zona de Aljezur, por iniciativa de um cidadão alemão.

Recentemente obtiveram alguns apoios comunitários, através do Programa Interreg II e estabeleceram um protocolo com a Fundação Rio Tinto, localizada na mesma faixa calcoperítica, em Espanha, e com uma história mineira idêntica. Existe ainda uma parceria com o Instituto Geológico-Mineiro, com o intuito de colaborarem em áreas mais vastas, no âmbito do Programa dos Centros Rurais, dos quais são membros através da Associação de Desenvolvimento Local, IN LOCO.

Desde a sua abertura, em Outubro de 1998, já recebeu 10 000 visitantes, portugueses e estrangeiros, colaborando, muito especialmente com as escolas. Para além do percurso histórico e dos passeios, estão ainda à venda produtos da região, tal como o mel, ervas aromáticas, artigos de artesanato feitos por pessoas da região.

Actualmente estão a desenvolver um Centro de Recuperação de Aves e Mamíferos Ibéricos, em colaboração com o Parque Natural da Ria Formosa e a aumentar a sua Reserva para a protecção da Natureza, onde replantaram 100 mil espécies autóctones, tais como pinheiros e azinheiros.

Este é um projecto importante para esta região de interior, já que qualquer visitante é uma mais valia para a criação de riqueza social, económica e cultural.

### 3.3.3. Associações e imprensa local

No Algarve, existem diversas associações fundadas pelas comunidades estrangeiras, com os mais diversos objectivos. As comunidades mais representadas, tais como a britânica e a alemã têm a sua própria imprensa escrita. Muitos jornais e revistas foram surgindo ao longo dos anos. Muitos desapareceram, mas alguns houve que se afirmaram no mercado como o principal ponto de referência para os residentes estrangeiros.

Pretendemos, neste capítulo, salientar algumas das associações estrangeiras, assim como fazer uma apreciação da imprensa local em língua estrangeira e verificar a forma como tratam as questões locais, contribuindo para a integração dos seus leitores na realidade que os envolve.

#### 1. Associações

A Associação de Proprietários Estrangeiros de Portugal (AFPOP), fundada em 1987, com cerca de 4 500 sócios e delegações distribuídas por Algarve Ocidental, Algarve Central, Algarve Oriental e Lisboa, é a de maior abrangência. Este número que representa, apenas, uma pequena parte dos estrangeiros residentes, sobretudo no Barlavento algarvio, confirma que as estatísticas oficiais ficam muito aquém da realidade.<sup>36</sup>

A estrutura actual dos sócios da AFPOP é constituída, essencialmente, por estrangeiros residentes no Algarve, sobretudo no Barlavento, onde cerca de 70% dos britânicos e alemães aí residentes são membros desta associação. No Sotavento e em Lisboa são apenas 18% e 2%, respectivamente. São maioritariamente britânicos, cerca de 60%, mas com uma percentagem significativa de alemães, e holandeses. Situam-se na faixa etária dos 50 aos 70 anos. A associação é mais procurada por residentes que não dominam a língua portuguesa, parecendo não ser particularmente atraente para os residentes de nacionalidade espanhola, italiana ou francesa.

---

<sup>36</sup> As estatísticas de 1998 registavam 2.480 alemães e 6 449 britânicos com residência legalizada.

O principal objectivo da associação, nas palavras da sua vice-presidente, Ann Robertson, é « to help foreigners who live in Portugal, to have a better life.», fornecendo-lhes informações e apoio em todas as áreas, para uma melhor organização da sua vida em Portugal. Neste sentido são-lhes prestados esclarecimentos, através de especialistas, portugueses e estrangeiros, acerca de assuntos tão variados como a legalização do carro, os cuidados a ter na aquisição de bens imobiliários, os seguros de saúde, a legislação comunitária, para citar apenas alguns.

A associação foi, durante muitos anos, um domínio masculino, de uma faixa etária bastante elevada, todos acima dos 60 anos, alguns mesmo com mais de 80 anos. Há seis anos, houve uma mudança radical. Pela primeira vez a associação é dirigida por uma mulher, Sheena Rawcliffe, com outras mulheres nos órgãos sociais. A direcção começou, simultaneamente, a ser integrada por elementos, cada vez mais jovens. São, até certo ponto, a interface entre os estrangeiros residentes e as instituições portuguesas.

A Associação Arqueológica do Algarve - *Archaeological Association of the Algarve*, foi fundada em 1983, por sete ingleses, um alemão e um dinamarquês. Presentemente têm 240 sócios, de diversas nacionalidades, embora também com uma predominância britânica.

Entre os sócios contam-se alguns arqueólogos reformados. A associação, nas palavras da sua presidente Valerie Sayer, pretende encorajar as explorações arqueológicas no Algarve, apoiando com ajuda a nível financeiro, facilitando alguma mão-de-obra e mesmo alertando para situações críticas. Mas sem interferir com a posição dos arqueólogos ou instituições portuguesas, « we don't want to intrude. We are a stand-by group», diz-nos a sua presidente.

Estão, porém, bastante empenhados em cooperar com as instituições portuguesas, daí que refiram, com bastante orgulho, a colaboração com a Universidade do Algarve, através da professora Teresa Júdice Gamito, a quem, o vice-presidente da associação, James Crabtree, chama carinhosamente de “our commander in chief”.

Muitos dos seus membros disponibilizam-se para participar nas escavações e facilitam ainda, pelos contactos que mantêm com universidades estrangeiras, o trabalho de jovens

voluntários de outros países. No ano passado, por exemplo, acompanharam as escavações em Alcalar, numa acção conjunta com o *European Youth Program* e o Instituto Português da Juventude.

A Associação dos Amigos da Música de São Lourenço, é mais recente, fundada em 1991, por iniciativa de Lady Vavasour, cidadã inglesa, há muito residente no Algarve. Esta associação conta com mais de 100 sócios e tem como objectivos principais apoiar o programa musical do Centro Cultural de São Lourenço, contribuir para o incremento de eventos de música clássica no Algarve e ainda apoiar financeiramente e incentivar jovens talentos portugueses, sobretudo algarvios.

Para incentivar o espírito empreendedor das mulheres foi criada a *Network, Business Women Association*. É uma associação que reúne mulheres empresárias, de pequenas e médias empresas, residentes no Algarve e tem por objectivo, promover e apoiar os negócios dirigidos por mulheres. Inicialmente fundada em 1989, por duas empresárias inglesas, tem, presentemente, 130 sócias, de várias nacionalidades e de idades compreendidas entre os 20 e os 50, sendo a faixa etária dos 30 e 40 a mais representada. Apesar de a maioria continuar a ser anglo-saxónica (65%), têm ainda escandinavas, holandesas, portuguesas e alemãs. Fazem questão de salientar que não são um clube social, mas sim, como o nome indica, uma rede de ajuda mútua, para evitar a concorrência desenfreada e auxiliar logisticamente os seus membros. Possuem uma “Business Clinic”, constituída pelas mais velhas e experientes, para aconselhar e resolver os problemas, assim como um lista das empresas associadas, com os nomes e resumo de cada actividade, o que é muito útil para quem se quer estabelecer de novo ou procura solução para um problema específico.

## **2. Imprensa local em língua estrangeira**

*The Portugal News, Portugal's Weekend Newspaper in English*, foi fundado em 1977 e é um jornal semanal, sediado em Lagoa, com uma tiragem de 10 000 exemplares e 32 páginas, das quais cerca de 10 são preenchidas com publicidade, anúncios classificados, roteiro de cinema e eventos em Portugal. As notícias são dedicadas aos acontecimentos em Lisboa, no Algarve e no Porto.

O *APN, The Anglo-Portuguese News, The Paper for the International Community in Portugal*, publicado desde 1937, editado no Estoril, tem uma tiragem de 8 500 exemplares e um total de 20 páginas, das quais 8 são dedicadas à publicidade. Apresenta, fundamentalmente, notícias de Portugal e do mundo.

O *Algarve Resident* iniciou a sua actividade em Novembro de 1989. Tem, actualmente, uma tiragem de 5 000 exemplares, atingindo segundo a sondagem do próprio jornal cerca de 13 000 leitores. É distribuído em todo o Algarve e em todo o mundo através de assinatura.

*Entdecken Sie Algarve, Zeitschrift für deutschsprachige Urlauber und Residenten*, fundado em Novembro de 1988, é um jornal mensal em língua alemã e com uma tiragem de 6.000 a 12 000 exemplares. Distribuído no Algarve, assim como no estrangeiro através de assinatura.

*Algarve Extrablatt, Unterhaltung und Informationen für deutschsprachige Leser in Portugal*, é um jornal mensal também em língua alemã, fundado há cerca de 4 anos e com uma tiragem de aproximadamente 5 000 exemplares. É distribuído no Algarve e Baixo Alentejo e no estrangeiro através de assinatura. Com 55 páginas, das quais cerca de 20 são dedicadas a temas da actualidade social, política e económica portuguesa. As restantes ocupam-se da agenda cultural, da publicidade e lista de serviços úteis.

Resolvemos destacar dois dos jornais publicados no Algarve, respectivamente *Entdecken Sie Algarve* e *Algarve Resident*, por serem os mais antigos e com maior tiragem.

O jornal *Entdecken Sie Algarve*, com formato de revista, foi, inicialmente, publicado como a versão alemã do existente *Discover Algarve*. Com 24 páginas era, essencialmente, um meio de informar a comunidade alemã residente no Algarve, assim como os turistas, tratando, sobretudo, temas relacionados com desporto, lazer, animação e informações úteis.

O jornal foi evoluindo e sobreviveu a muitos outros, como o *Blickpunkt* ou *Focus Algarve* que se tentaram implantar, mas sem êxito. A partir de 1993, com a mudança de

redactor-chefe, os residentes e os seus problemas passaram a ter prioridade. As sucessivas alterações a nível de responsáveis de redacção e edição trouxeram visíveis melhorias ao jornal que passou a ser publicado totalmente a cores e a ter uma estrutura bem definida onde se reforça a prioridade dada aos temas relacionados com a vida em Portugal e no Algarve.

*Entdecken Sie Algarve* tem 74 páginas, distribuídas por várias rubricas, como temas da actualidade, país e pessoas, desporto e saúde, cultura e estilo de vida, economia e direito, magazine e, por último, um serviço ao leitor, incluindo uma agenda cultural detalhada, de todos ou quase todos os acontecimentos culturais da região.

Nos temas da actualidade, faz-se a revista da imprensa portuguesa, com os assuntos mais destacados durante o mês, assim como artigos de fundo sobre temas específicos. As páginas dedicadas ao país e às pessoas contêm artigos sobre aspectos da história de Portugal, sobre aspectos do património cultural da região algarvia, histórias de vidas, entrevistas com personalidades das instituições locais, sobre temas actuais (por ex. segurança, planeamento urbanístico, educação, saúde e ambiente). Também se ocupam, pontualmente, de temas turísticos e culturais que dizem respeito ao Alentejo e à Andaluzia. A rubrica cultura e estilo de vida é geralmente dedicada a artistas e artesãos estrangeiros e portugueses, que residem e trabalham no Algarve e não são conhecidos do grande público. Os assuntos relacionados com economia e direito, sobretudo, no respeitante a nova legislação, quer nacional, quer europeia são esclarecidos por especialistas portugueses e estrangeiros numa rubrica própria.

Quanto ao jornal *Algarve Resident*, embora também lido por muitos outros estrangeiros, serve, sobretudo, a comunidade britânica residente. Tem cerca de 40 páginas e os temas tratados, segundo o editor, são pertinentes para os residentes ou potenciais residentes que falam inglês. É dado, sobretudo, destaque às diversas actividades da comunidade britânica residente, nomeadamente de solidariedade social e desportivas, à publicidade e à agenda cultural. Dá-se, em geral, numa página, uma visão sumária dos temas da actualidade da imprensa portuguesa e destaca-se um assunto a ser aprofundado.

*«No barrocal, escondidas por muros caiados, resguardadas por sebes de huanvilias, exiladas entre matas, erguem-se casas de gosto impecável. É aqui, longe do bulício das multidões, servidos por jardineiros, criados e motoristas, que habitam os lordes ingleses, os alemães com apelidos sonantes, os príncipes da Arábia Saudita.»*

Maria Filomena Mónica<sup>37</sup>

## **Cap. 4 Os estrangeiros residentes perante a cultura local : Aplicação e análise do inquérito**

### **4.1 –A fase exploratória**

Para proceder à realização do inquérito foram efectuadas entrevistas exploratórias, durante os meses de Janeiro, Fevereiro e Março de 2000, a elementos da comunidade estrangeira europeia residente, correspondentes às nacionalidades mais representadas, britânica, alemã e holandesa. Os entrevistados foram seleccionados por pertencerem ao universo sobre o qual iria incidir o estudo e terem bom conhecimento dos grupos em que estão inseridos e portanto poderem ser considerados informadores privilegiados. As entrevistas incidiram essencialmente sobre os motivos da escolha de Portugal e do Algarve, a inserção na vida local, o interesse pela cultura local e pela participação activa na comunidade local.

Com base nos resultados das entrevistas, construímos um *corpus*<sup>38</sup> de questões para o nosso questionário, divididas em nove grupos: o perfil sociológico, as razões de vinda para Portugal, a habitação, as relações de vizinhança, os conhecimentos linguísticos, a vida social, os hábitos culturais, a opinião em relação ao património cultural e natural, e por último, o exercício da cidadania.

---

<sup>37</sup> In *Turista à força*, Quetzal Editores, Lisboa, 1996, p. 179

<sup>38</sup> Algumas das questões basearam-se no inquérito de Rodrigues (1999)

#### **4.1.2 Testar o inquérito**

O questionário foi redigido em três línguas, portuguesa, inglesa e alemã, e corrigido por falantes das respectivas nacionalidades( Anexo A, p.1-28). Devido às limitações de tempo para execução deste trabalho de investigação, optámos por testar o questionário junto de 10 indivíduos representativos do universo do nosso estudo, durante o mês de Abril até meados de Maio, tendo a sua distribuição sido feita pessoalmente. Explicados os objectivos visados, foi pedido que preenchessem o inquérito, no prazo de uma semana, atentando na clareza e pertinência das questões.

Tendo sempre presente a necessidade de obter a melhor informação possível sobre a estrutura do inquérito e a sua eficácia em relação aos nossos objectivos, foi a sua recolha feita através de entrevista pessoal, onde foram discutidas as questões que suscitavam dificuldades, clarificadas e dadas sugestões de supressão ou acréscimo das mesmas. O questionário definitivo foi aplicado durante os meses de Maio e Junho de 2000.

#### **4.1.3 Aplicação do inquérito**

Não sendo possível estudar todas as pessoas e todos os acontecimentos, coloca-se a questão da necessidade de elaborar uma amostragem. Burgess (1997) faz referência às técnicas de amostragem probabilísticas, não probabilísticas e teóricas para a investigação no terreno. Contudo, não deixa de alertar para as dificuldades inerentes, salientando que «embora ambas estas formas de amostragem tenham sido usadas pelos investigadores de terreno, são os métodos não probabilísticos de amostragem os que mais frequentemente têm sido utilizados.» ( Burgess, 1997:59).

Ghiglione e Matalon (1998) chamam a atenção para o facto de raramente se poder trabalhar com uma amostra representativa, considerando mais importante a adequação aos objectivos do estudo.

«À la notion globale de représentativité, il faut substituer une notion plus large, celle d' adéquatation de l'échantillon aux buts poursuivis, sachant qu'une enquête vise en général plusieurs objectifs (pratiquement, cela signifie qu'il est prévu plusieurs types d'analyse), et que ce n'est pas nécessairement le même échantillon qui, initialement, serait optimum pour chacun. Certains compromis sont alors nécessaires.»( 1998:53)

E ainda o mesmo autor «Ce qui est important, c'est de s'assurer de la variété des personnes interrogées, et de vérifier qu'aucune situation importante pour le problème traité n'a été omise lors du choix des sujets.» (1998:51).

Como era objectivo do nosso trabalho conhecer a interacção dos estrangeiros residentes, fora da zona litoral, com a cultura e comunidade locais, definimos, como espaço geográfico principal de incidência do nosso inquérito, as freguesias rurais dos concelhos de Faro, Loulé e São Brás de Alportel. Embora não dispuséssemos de dados estatísticos recentes, discriminados por freguesias, nem sequer por concelhos, sabíamos, não só pelo conhecimento empírico da região, como pelos dados estimados pelas Juntas de Freguesia e pela consulta da lista telefónica que estas freguesias do Barrocal, entrando mesmo já na Serra Algarvia, têm sido alvo de uma procura crescente por parte de estrangeiros.

Tentámos, junto do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), Delegação Regional do Algarve, com sede em Faro, ter acesso a dados estatísticos actualizados por freguesias ou, pelo menos, por concelhos. Foi-nos comunicado que não dispunham desses dados e que deveríamos contactar a sede em Lisboa.

Apesar da nossa insistência, junto dos Serviços Centrais em Lisboa e da Delegação do Algarve, foi-nos impossível conseguir esses dados. Segundo nos foi comunicado pela Delegação de Faro do SEF, os dados estatísticos sobre residentes europeus, discriminados por concelho e nacionalidade, existiram, de facto, mas entretanto foram integrados no ficheiro geral, e dado o acordo do SEF com o Instituto Nacional de Estatística, já não têm acesso aos mesmos. De facto, tínhamos conhecimento da existência de dados de 1995, discriminados por nacionalidades e concelhos e actualizados em 1998, através de uma tese de Mestrado, (Rodrigues,1999) por nós consultada.

As Juntas de Freguesia têm apenas conhecimento preciso do número de estrangeiros residentes recenseados, ainda muito reduzido, pelo que só nos puderam facultar dados aproximados, baseados na sua experiência empírica.

Consultámos a lista telefónica de 2000-2001, e verificámos existirem, nas freguesias rurais de incidência do nosso estudo, cerca de 1800 assinantes de nacionalidade estrangeira. Não poderemos, no entanto, ter a certeza de quantos são, efectivamente, residentes permanentes ou apenas possuidores de residência secundária.

Optámos, pois, por definir uma amostra por conveniência, tendo em mente o nosso objectivo de conhecer melhor a população alvo, neste caso os “residentes estrangeiros europeus no Barrocal algarvio” usando, como critério, a diversidade máxima dos perfis relativamente ao problema estudado. Distribuímos, para o efeito, 500 questionários junto de escolas, associações, clubes e indivíduos. Dado que o questionário estava disponível em três línguas, português, inglês e alemão, a entrega foi feita de acordo com a língua solicitada. No total foram entregues 270 questionários em inglês, 220 em alemão e 10 em português, dos quais obtivemos 236 respostas.

Conscientes das dificuldades registadas em estudos anteriores, em obter respostas quantitativa e qualitativamente boas, tentámos, na medida do possível, distribuir os questionários pessoalmente. No caso das escolas, nas reuniões de pais ou junto dos responsáveis; nas associações e clubes durante as suas reuniões mensais ou quinzenais. Uma outra parte foi entregue, segundo o princípio de “bola de neve”,<sup>39</sup> a indivíduos que considerámos informadores bem colocados. Estes, após serem esclarecidos por nós dos objectivos do inquérito e dos objectivos específicos de cada pergunta, distribuíram-nos por outros elementos das comunidades estrangeiras.

Para além disso, tivemos oportunidade de entrevistar alguns dos inquiridos que se disponibilizaram para tal, aquando do preenchimento do questionário.

---

<sup>39</sup> Vide Robert G. Burgess, *A Pesquisa no Terreno*, p.59

#### 4.1.4 Análise dos resultados do inquérito

O questionário é constituído por várias questões fechadas e abertas, agrupadas em 9 grandes blocos que pretendem fornecer informação sobre:

- O perfil sociológico do residente estrangeiro nas zonas rurais
- Os motivos da vinda para Portugal e da escolha de uma zona rural
- O tipo de habitação e a inserção da mesma na arquitectura local
- As relações de vizinhança
- Os conhecimentos linguísticos
- As formas e espaços de socialização e a ocupação dos tempos livres
- O interesse pela cultura local e a participação em actividades e eventos culturais
- A atitude em relação ao património cultural e natural
- O exercício da cidadania em Portugal

Como já referimos, a principal área de incidência do nosso inquérito foram as freguesias rurais dos concelhos de Faro, Loulé e São Brás de Alportel. Contudo obtivemos respostas de outros concelhos rurais que não quisemos, de alguma forma, deixar de ter em conta.(Anexo B, p.41)

Apesar de ter sido distribuído um maior número de inquéritos junto da comunidade britânica, a nacionalidade alemã foi a mais representada na resposta ao questionário. Os britânicos surgem em segundo lugar, seguidos dos holandeses e suíços. A comunidade holandesa, que até 1986 não figurava sequer nas estatísticas, aparecendo incluída no grupo “outros”, revela um aumento significativo( Anexo B, p.34). Parece-nos também poder afirmar, sem grande margem de erro, que tem havido uma procura crescente das zonas do interior algarvio por parte dos cidadãos alemães, holandeses e suíços. Este facto foi-nos, simultaneamente, confirmado pelas entrevistas aos autarcas e a outros elementos da comunidade local.

### ***1. Perfil sociológico do residente estrangeiro:***

Se quisermos definir o perfil do residente estrangeiro no Algarve rural, de acordo com o universo dos nossos inquiridos, poderemos dizer que se insere na faixa etária dos 55 aos 64 anos, seguida daqueles que têm idade superior a 65 anos. Contudo, o grupo etário dos 45 aos 54 anos é também bastante significativo. Por outro lado, ainda que a maioria tenha o estatuto de reformado (51,7%) existe, de facto, uma grande percentagem que se encontra a exercer uma actividade profissional (31,4%). Este cidadão é casado ou vive em união de facto, habitando com o cônjuge ou companheiro (61,9%). Apenas 17,4% vivem com o cônjuge e filhos. Dispõe, em geral, de formação universitária (39,8%) ou técnico-profissional (36%). (Anexo B, pp.35-40)

A maioria tem residência em Portugal há menos de 5 anos (39,8%), seguida dos residentes entre 6 a 10 anos (28,4%) e, por último, os que vivem há mais de 11 anos (21,2 %). Podemos, desta forma, constatar que o fluxo de residentes estrangeiros para o interior tem aumentado na última década. Este residente teve, na sua maioria, uma experiência anterior de viver no estrangeiro (53,8%) .(Anexo B, pp. 41-43)

Fazendo um cruzamento entre a idade e a duração da residência, verifica-se que a faixa etária dos 35-44 está a aumentar nos últimos anos, na medida em que 43,2% dos inquiridos declararam residir no Algarve há menos de 5 anos.(Anexo B, p.44)

Relacionando a nacionalidade com a duração da residência, permite-nos constatar que, o número de britânicos tem vindo a diminuir e, em contrapartida, tem aumentado a presença dos alemães e holandeses. 45,5% dos holandeses, 53,3% dos suíços, 40,2% dos alemães, mas apenas 38,4% dos britânicos residem há menos de 5 anos. Pelo contrário, dos estrangeiros residentes há mais de 20 anos, 61,5% são de origem britânica e apenas 30,8% são alemães.(Anexo B, p.45)

Em relação à educação dos filhos parece existir preferência, ainda que ligeira, pelas escolas portuguesas (21%), em detrimento das escolas internacionais em Portugal (17,8%) (Anexo B, p.46). Como nos foi confirmado por alguns dos nossos entrevistados, quer portugueses, quer estrangeiros, nota-se, actualmente, alguma

tendência para a procura de escolas portuguesas, não só por uma questão financeira, mas também por razões de melhor integração.

Como nos dizia um responsável pela igreja Anglicana no Algarve, referindo-se à geração mais jovem de britânicos aqui radicados «they are going to settle here and therefore they want to be as much part of the Portuguese community as possible.» No entanto, nota-se que, enquanto 54,2% dos britânicos preferem escolas internacionais, já 62,1% dos alemães escolhem escolas portuguesas. Resultará, porventura, esta situação do facto de, na sua maioria, as escolas internacionais do Algarve terem uma orientação anglo-saxónica. (Anexo B, p.47)

## ***2. Razões da vinda para Portugal e da escolha da zona rural***

A razão mais invocada para decidir viver em Portugal prende-se com as vantagens climatéricas dos países do sul em relação aos do norte da Europa e com a calma e tranquilidade que aqui ainda se pode usufruir. No entanto, o interesse pelas pessoas, pela sua maneira de ser e de viver parece ter um peso bastante forte nesta decisão. A escolha de uma zona rural, em detrimento do litoral, é explicada pelo desejo de calma e sossego e por uma nostalgia pela vida do campo, assim como pela maior possibilidade de contactar com a população local.

Razões mais práticas, entre as quais, a boa localização em relação ao Aeroporto de Faro e outras amenidades surgem em segundo lugar. Assim, como razão da vinda para Portugal, o clima foi a primeira referida (41,5%), seguido do país e pessoas (32,3%) e do baixo custo de vida (11,4%). Para a escolha de uma zona rural em detrimento do litoral o motivo mais alegado (29,2%) foi a calma e o descanso e ainda a nostalgia pela vida no campo (18,3%). Não parece haver oscilações significativas entre as nacionalidades no respeitante às motivações da vinda para Portugal e da escolha de uma zona fora do litoral. (Anexo B, pp.49-50)

No respeitante à influência da idade na tomada de decisão, notamos que a faixa etária dos 35 aos 44 anos e dos 45 aos 54 anos dá mais importância às razões que se prendem com o trabalho (31,8%), enquanto que os residentes com idades compreendidas entre os

55 e os 64 anos referem o clima (36,4%) e o país e as pessoas (42,4%). Já o grupo etário dos 55-64 e superior dá relevância ao baixo custo de vida, seguido do clima (35,3%). (Anexo B, p.51)

### ***3. O tipo de habitação e inserção da mesma na arquitectura local***

Cerca de um terço da população inquirida habita uma casa de campo ou de aldeia restaurada (35,6%). Em segundo lugar referem a casa comprada ou mandada construir por si, respectivamente (24,6%) e (22,9%). Na generalidade, consideram que, tanto a sua casa, como o jardim se adaptam ao estilo arquitectónico local e se enquadram no meio envolvente (Anexo B, pp.55-57). No entanto, com a ocupação do espaço rural por parte de cidadãos portugueses e residentes estrangeiros, verificaram-se alterações em relação à localização das novas casas. As casas antigas estavam implantadas em zonas baixas, abrigadas do vento, enquanto que os novos habitantes preferem as zonas altas, de exposição ao sul e com boas vistas sobre a costa. As açoteias deixaram de ter a sua função tradicional para secagem de frutos e passaram a terraços, a zonas de lazer. Embora implantadas numa região predominantemente seca, quase todas estas habitações possuem uma piscina.

Na construção da habitação, ou remodelação da mesma, foram utilizados, predominantemente, materiais tradicionais da região, assim como se recorreu a um construtor e arquitecto local. Já o mobiliário foi, substancialmente, trazido do país de origem.(Anexo B, p.58)

### ***4. Relações de vizinhança e convivência com os portugueses***

Em relação à nacionalidade dos vizinhos, a maioria tem vizinhos portugueses e estrangeiros (70,3%) ou só portugueses (25%). Este facto não é de estranhar, já que habitam fora dos aldeamentos turísticos fechados, de difícil acesso aos portugueses, desempenhando estes, quase sempre, a função de prestadores de serviços. No Algarve interior não existem, senão esporadicamente, aldeamentos turísticos ou urbanizações, especificamente dirigidas a residentes estrangeiros, ocupando estas habitações dispersas, inseridas, normalmente, no espaço social da localidade.(Anexo B, p.60)

A relação com os vizinhos portugueses é considerada muito boa por 36%, boa por 45,8% e razoável por 10,6%. É, frequentemente, referida pelos nossos entrevistados a importância das boas relações de vizinhança e a preciosa ajuda dada pelos vizinhos portugueses, em especial, os mais velhos, em questões relacionadas com a apanha dos frutos, abastecimento de água, arranjo de caminhos.(Anexo B, p.61)

O convívio com os portugueses (76,3%) é feito, essencialmente, na base de relações de vizinhança (32,3%), à qual se seguem os conhecidos (29,3%) e só depois os amigos (27,5%). Apenas 21,2% referem não conviver com portugueses. A faixa etária que mais convive é a dos 45 aos 54 (87,8%) e a dos 35 aos 44 (78,4%). (Anexo B, pp.62-64)

O factor de integração mais importante, a língua, e as dificuldades no seu domínio parecem constituir os maiores entraves a uma melhor convivência (50,6%).As diferenças sociais (22,6%) e as culturais (14,8%) são mencionadas a seguir. (Anexo B, p.65)

### ***5. Domínio da língua***

A grande maioria não domina a língua portuguesa de forma satisfatória. Assim, 47,5% declaram que a domina um pouco, 37,3% razoavelmente, e apenas 11,4% acham que falam bem português. Os seus conhecimentos linguísticos foram adquiridos em Portugal (69,5%), não revelando, portanto, a aprendizagem prévia com a intenção de preparar a sua integração no país de acolhimento.(Anexo B, pp.67-68)

Ao fazermos o cruzamento dos dados referentes ao domínio da língua e às idades, foram confirmadas as nossas expectativas de que os mais novos dominam melhor a língua. Daí que a avaliação dos conhecimentos linguísticos, de muito bons a razoáveis, vá diminuindo com o aumento da faixa etária. (Anexo B, p.69)

Quanto às nacionalidades, vemos que os suíços (53%), os alemães (39,1%) e os holandeses (36,4%) consideram que falam razoavelmente, enquanto apenas 33,7% dos britânicos o fazem. Na avaliação dos conhecimentos em muito bons, os britânicos representam 29,6%, os alemães 40,7% e os holandeses 11,1%. Tivemos a oportunidade de confirmar, através das entrevistas realizadas junto das comunidades estrangeira e

portuguesa, que os ingleses, de facto, se esforçam menos por aprender português. A sua língua é, correntemente, falada por grande parte dos portugueses com quem têm necessidade de interagir, enquanto os falantes de línguas menos conhecidas se esforçam mais. Parece-nos ainda interessante registar que as mulheres falam melhor português (12,8%) contra 9,9% dos homens, o que já tinha sido verificado no estudo realizado por Prado (1996) junto dos estrangeiros residentes na França rural. (Anexo B, pp.70-71)

A importância de falar português é, porém, indiscutível para todos, alegando que é essencial para a comunicação e integração com a conseqüente participação na vida local (62,7%) . Para 17,9% é, sobretudo, uma manifestação de respeito pelo país e pelo povo que os acolhe e um instrumento indispensável para perceber a mentalidade e a cultura. Apenas 8% dos inquiridos alegam razões práticas, como a resolução dos problemas burocráticos do dia-a-dia, como a principal motivação para aprender a língua. (Anexo B, pp.72-76)

## ***6. Vida Social***

A vida social passa, em grande parte, pelo convívio com outros residentes estrangeiros, das mais diversas nacionalidades. Apenas 5,5% declaram conviver exclusivamente com residentes da sua nacionalidade. A convivência com outros residentes estrangeiros é definida, em parte, pela pertença a um clube ou associação. Embora 42,8% afirmem não ser membro de qualquer clube ou associação, 29,2% participam em clubes e associações de nacionalidades portuguesa e estrangeira. 11,8% preferem os clubes da sua nacionalidade e apenas 4,7% são sócios de clubes ou associações exclusivamente portuguesas. Os britânicos e os holandeses declaram conviver mais com residentes estrangeiros do que os alemães e suíços. (Anexo B, pp.78-81)

As actividades a que mais se dedicam, nos seus tempos livres, são as actividades desportivas, as relacionadas com a natureza, e actividades culturais em geral, incluindo participação e frequência de eventos culturais. Os residentes no concelho de Loulé praticam mais actividades desportivas (61,3%). Isto poderá, no nosso entender, estar relacionado com a existência de numerosos equipamentos desportivos neste concelho, especialmente golfe e ténis. No concelho de São Brás de Alportel apenas 29% se dedicam a actividades desportivas. O interesse pelas actividades ligadas à natureza é

mais intenso para os residentes no concelho de São Brás (61,3%). Já a participação em actividades culturais é idêntica para os três concelhos. (Anexo B, pp.82-83)

O café como espaço essencial de interacção cultural, é visto como revestindo de uma importância fundamental para o convívio e contacto com a comunidade local, fazendo, na percepção da maioria, parte integrante da cultura local (40,6%) e por isso, um lugar simbólico, com uma atmosfera muito especial. A percentagem de frequência de cafés e restaurantes portugueses (82,6%) é, pois, significativa. O tomar a bica é por muitos referido como um ritual já interiorizado.(Anexo B, pp.84-85)

### ***7. Participação em acontecimentos culturais***

As manifestações culturais tradicionais são frequentadas, às vezes, por 72% e nunca por apenas 11,4%. As feiras e os mercados são os acontecimentos mais frequentados, respondendo 49,6% que o fazem muitas vezes e 47,5% às vezes. Apenas 1,3 por cento nunca assiste a estas manifestações da cultura local. Os festivais gastronómicos também são procurados. Às vezes por 45,8%, 36% nunca os frequenta e apenas 4,7% o fazem com muita frequência.(Anexo B, 87-89)

No referente aos eventos culturais organizados pelos centros culturais de estrangeiros são frequentados às vezes por 52,5%, nunca por 28,8% e muitas vezes apenas por 6,4%.(Anexo B, p.90)

Os teatros, os concertos e as exposições de organização portuguesa, normalmente da responsabilidade das câmaras, casas da cultura, centros culturais e galerias são frequentados por 53,4% às vezes e nunca por 27,1%. Segundo informações recolhidas junto dos organismos implicados, entre os quais, a Região de Turismo do Algarve e Câmaras, os estrangeiros representam, efectivamente, um público importante nos acontecimentos de qualidade, fundamentalmente concertos e exposições.(Anexo B, p.91)

Apesar do interesse manifestado pela prática desportiva, os acontecimentos desportivos, quer os organizados por portugueses, quer organizados pela comunidade estrangeira, não parecem encontrar o favoritismo de muitos residentes. 61% afirmam que nunca

frequentam acontecimentos desportivos da comunidade estrangeira e 61% nunca assistem a eventos desportivos portugueses. Verifica-se, pois, uma prática intensa de actividades desportivas, mas uma procura muito reduzida das mesmas, enquanto espectador. (Anexo B, pp.92-93)

As festas religiosas interessam apenas, e às vezes, a 37,3%, o que parece confirmar as informações dos autarcas, segundo as quais, os estrangeiros não procuram muito as festas religiosas das suas freguesias. Estas festividades implicam um grau mais profundo de integração, já que têm a ver com crenças e rituais. Para além disso, muitas das comunidades estrangeiras residentes, com especial referência para a britânica, têm os seus serviços religiosos próprios e os seus templos. Da mesma forma, a adopção de costumes ou tradições portuguesas só aconteceu a 16,9% do nosso universo de inquiridos (apenas o já referido “adopting some ways” de uma forma superficial, como sinónimo de integração). Pelo contrário, as festas cíclicas, tais como o Carnaval, Santos Populares são muito participadas (64%).<sup>40</sup> (Anexo B, pp.94-96)

#### ***8. Interesse pela história local e monumentos/locais de interesse histórico***

Um número bastante significativo (84,3%) visita locais de interesse histórico e procura obter informação sobre a história local (86,4%). Consideram ainda da maior importância a preservação das paisagens naturais (22,1%), seguida dos monumentos históricos (21,2%), da arquitectura vernacular (19,2%) e dos saberes locais e tradições (18,8%). A atenção da maioria vai, assim, para a preservação do património natural, talvez porque este contribua para manter a envolvente rural, tão procurada por estes cidadãos. É também interessante salientar o facto de os saberes tradicionais e a paisagem natural encontrarem mais a preferência do sector feminino da população. (Anexo B, pp.97-102)

---

<sup>40</sup> Aliás é interessante notar que no estudo realizado por Rodrigues (1999) 76% dos inquiridos admitiram ter já adoptado algumas tradições e costumes portugueses, mas ao referirem quais 26% não responde.

### *9. Respeito pelo património cultural manifestado pelos portugueses na percepção dos residentes estrangeiros.*

Em relação ao património arquitectónico, estes residentes (66,1%) consideram que os portugueses, embora actualmente mais sensibilizados, ainda não revelam interesse suficiente por estas questões. As situações referidas como mais flagrantes são a degradação dos monumentos e das casas antigas (63,3%), assim como um planeamento urbanístico deficiente ou não existente (11%). A degradação arquitectónica parece afligir 88,1 % dos britânicos e 51,2% dos alemães. Muitos referem, por isso, serem membros da Associação das Casas Antigas Portuguesas<sup>41</sup>. (Anexo B, pp.104-106)

Já no respeitante ao património natural, as respostas atestam que, na sua percepção, embora haja uma maior sensibilização da população ainda muito pouco se faz. A maior parte (47,9%) é da opinião que não existe qualquer respeito pelo património natural e pelo ambiente, embora 45,8% indiquem que já se nota algum respeito, mas ainda pouco. Os alemães surgem como os mais críticos nas questões ambientais.(Anexo B, p.107)

A existência de lixo e entulho por toda a parte, principalmente à beira das estradas e caminhos, é um dos aspectos mais criticados (72,8%), assim como o desrespeito por zonas oficialmente declaradas como protegidas (11,7%). O desperdício de água, numa região seca como o Algarve, nomeadamente para rega de jardins, não adaptados à flora local, e de campos de golfe, são, na opinião dos inquiridos, outro dos aspectos bastante negativos, para os quais os residentes estrangeiros fortemente contribuem. (Anexo B, p.108)

---

<sup>41</sup> Associação de Proprietários de Casas Antigas, fundada em 1977 e com sede em Lisboa, da qual fazem parte muitos estrangeiros, sendo inclusivamente membros dos órgãos sociais da mesma.

### ***10. Preocupação com o património cultural e natural por parte dos estrangeiros residentes***

A atitude da comunidade estrangeira, em relação ao património cultural, é avaliada de forma mais positiva. Assim, segundo os inquiridos 21,2% consideram que os estrangeiros não se preocupam nada, porém 55,5% preocupam-se um pouco, embora ainda não o suficiente. Pelo contrário, apenas 8,1% já revelam bastante interesse pelo assunto. (Anexo B, p.109)

Por outro lado, na opinião dos inquiridos, e no que se refere ao património natural, os cidadãos estrangeiros demonstram uma atitude mais reflexiva e maior sensibilidade para estas questões. Assim, 63,1% declaram que os residentes estrangeiros se preocupam um pouco, mas ainda não o suficiente, enquanto 22,5% afirmam que estes já revelam bastante interesse. Apenas 7,6% considera que estes residentes não se preocupam nada com os temas do ambiente.(Anexo B, p.110)

Apesar de serem os primeiros a alertar para muitos dos problemas ambientais (37,5%) e participarem em acções concertadas de protesto, o que nos foi confirmado pelos autarcas e associações de defesa do património e ambiente, não deixam de referir simultaneamente o contributo negativo, dado pelos próprios estrangeiros, através da especulação imobiliária directa ou indirecta (18,2%). (Anexo B,p.111)

### ***11. Como vêem a possibilidade de colaboração com a comunidade portuguesa***

Questionados sobre as possibilidades de colaboração e cooperação entre residentes portugueses e estrangeiros, as áreas preferenciais escolhidas, como portadoras de sucesso, foram a solidariedade social, o ambiente, os negócios e as actividades culturais.

A nível da colaboração prestada em associações locais, consideram que se pode apenas colaborar um pouco. Apenas 25% pensam que poderá existir uma boa colaboração. Já na área da cultura as probabilidades de uma boa cooperação são maiores, atingindo os 36,4%. (Anexo B, pp.113-114)

O ambiente parece ser a área onde, na opinião dos inquiridos, se poderá concretizar uma boa colaboração. 55,5% consideram que as comunidades estrangeira e a portuguesa poderão colaborar muito. (Anexo B, p.115)

Quanto à política, esta não parece ser a área para uma boa colaboração. 26,7% respondem negativamente, 26,7% não respondem e 38,1% concordam em que se poderá colaborar apenas um pouco. Pelo contrário, os negócios surgem como a área onde a cooperação entre estrangeiros e portugueses poderá dar resultados mais positivos, já que 36,9% avaliam em boa a muito boa. (Anexo B, pp.116-117)

Mas a solidariedade social parece ser a outra área, por excelência, na qual os estrangeiros residentes, principalmente os britânicos, estão dispostos a envolver-se. O trabalho conjunto entre portugueses e estrangeiros é visto por 53% como muito possível. (Anexo B, p.118)

A existência de locais de encontro para portugueses e estrangeiros, tais como, centros culturais ou associações, parece interessar à maioria (58%). No entanto, um número bastante significativo não manifesta qualquer interesse (36%). As mulheres parecem mais interessadas do que o sector masculino. Entre as nacionalidades, são os britânicos quem mostra maior disponibilidade para participar. Para a faixa etária dos 55 aos 64 anos é mais importante (21,2%) do que para a faixa etária dos 45 aos 54 e mais novos. O interesse diminui também a partir dos 65 anos, referindo apenas 17,8% a necessidade da sua existência. (Anexo B, pp.119-122)

## ***12. Exercício da cidadania***

O interesse pela política portuguesa não está muito acentuado, havendo um certo equilíbrio entre as respostas afirmativas (52,5%) e as negativas (43,9%). (Anexo B, p.124)

A fonte de informação mais utilizada é a televisão e rádio portuguesas (24,5%), seguida da imprensa local em língua estrangeira (21,6%), inglesa e alemã. A imprensa portuguesa é lida apenas por 15,3%. Os britânicos parecem recorrer mais à imprensa na sua língua (55,4%) enquanto apenas 40,5% dos alemães o fazem. Dos estrangeiros

inquiridos, que costumam ler a imprensa portuguesa, 55,3% são alemães e 25,5% britânicos e 12,6% são holandeses. Não há diferenças apreciáveis em relação às opções feitas pelos dois sexos, no entanto os números indicam que a informação pela rádio e televisão portuguesas têm uma procura ligeiramente superior por parte das mulheres. (Anexo B, pp.125-127)

O conhecimento da legislação portuguesa não é profundo. 80,9% declaram conhecer apenas um pouco as leis portuguesas. Grande parte informa-se, sobretudo, junto dos amigos portugueses, em seguida junto do advogado, dos compatriotas e através das associações estrangeiras. Os britânicos recorrem mais aos compatriotas, às associações e ao advogado, enquanto os alemães procuram mais os amigos portugueses e as autoridades locais, nomeadamente Câmaras e Juntas de Freguesia. Os holandeses, por seu lado, tentam informar-se através das autoridades locais e dos *media* portugueses. (Anexo B, pp.128-130)

Quanto ao envolvimento na organização de actividades culturais em Portugal, apenas 25% afirmam já o ter feito, enquanto 70,8% não tiveram qualquer experiência nesta área. Aqueles que já o tentaram consideram que houve receptividade do seu trabalho. (Anexo B, pp.131-132)

Em relação à disponibilidade para uma futura participação activa na sociedade local, as actividades de carácter social, na área da solidariedade social e beneficência e as actividades culturais surgem como as duas grandes áreas onde estes residentes mostram mais interesse em se envolver. Estas áreas são idênticas às anteriormente referidas como possíveis de uma boa colaboração entre portugueses e estrangeiros. (Anexo B, p.133)

Seguindo a sua linha de interesses, 38,9% dos inquiridos optariam por participar em actividades de solidariedade social e 33,7% em actividades culturais. Comparando em termos de frequência por nacionalidades, as actividades culturais e sociais parecem atrair mais os britânicos, já os alemães se interessam mais pela política local e os holandeses pelas actividades económicas. (Anexo B, pp.133-135)

A vida política local parece interessar mais aos homens do que às mulheres, enquanto estas dão prioridade à educação, às actividades culturais e sociais. Para além disso, constatámos que o interesse pela participação na sociedade local aumenta com o grau de instrução. (Anexo B, pp.136-139)

O exercício do direito de voto no novo país de acolhimento não parece ser uma questão fácil para a maioria da população estrangeira residente. Muitos continuam recenseados no seu país de origem, o qual visitam com alguma frequência, dada a facilidade de transportes aéreos existente no Algarve. Os autarcas confirmaram-nos o reduzido número de estrangeiros recenseados, apesar dos recentes apelos à maior participação eleitoral feitos pela Associação de Proprietários Estrangeiros em Portugal.<sup>42</sup>

Assim, 37,7% pretendem votar nas próximas eleições autárquicas, enquanto 26,3% não têm intenção de o fazer. E 25,4% ainda estão indecisos. Comparando a adesão às eleições autárquicas por nacionalidades, constatamos que apenas 30,2% dos britânicos têm intenção de votar, enquanto 53,3% dos alemães e 40,9% dos holandeses o pretendem fazer. (Anexo B, pp.140-141)

Votar no novo país implica, portanto, um maior envolvimento com a vida política e social local, o que muitos talvez receiem. Por outro lado, parece não haver por parte das autarquias uma atitude de aproximação a estes cidadãos, no sentido de os motivar à participação eleitoral.

---

<sup>42</sup> AFPOP UPDATE, *The Associaton's Newsletter*, Outubro 2000-11-08  
Boletim informativo da Associação de Proprietários Estrangeiros Residentes em Portugal

## **Cap. 5 Os estrangeiros residentes no olhar da comunidade local através de entrevistas a líderes de opinião**

### **5.1 . Entrevistas a autarcas**

#### *1.Papel dos residentes estrangeiros no desenvolvimento económico*

A maioria dos autarcas por nós entrevistados considera que o contributo para o desenvolvimento económico das zonas rurais, dado pela comunidade estrangeira residente, se revelou muito positivo. Foi, sem dúvida, um factor importante para o desenvolvimento destas zonas, através, não apenas, da compra de casas e terrenos, mas também pelo conseqüente aparecimento de uma série de actividades na área dos serviços.

A compra de casas antigas, algumas devolutas, a residentes locais, das quais os estrangeiros são os principais clientes, permitiu aos proprietários portugueses investir o seu dinheiro de forma mais rentável. Embora esta nova situação não tenha vindo modificar muito a vida das pessoas, deu-lhes, no entanto, um certo desafogo e segurança ( já que muitos nem sequer eram possuidores de reformas ou grandes meios de subsistência). De facto, os proprietários de terrenos de sequeiro e de casas abandonadas, sem qualquer tipo de rendimento, passaram a vê-las valorizadas.

Não podemos, porém, esquecer o conseqüente inflacionamento especulativo dos preços dos imóveis, agravados, actualmente, pela dificuldade em construir em zonas rurais, devido às limitações do PROTAL e dos PDMs, atingindo os preços para terrenos com algum prédio em ruína, valores irrealis, completamente inacessíveis à população local.

Em relação à criação de postos de trabalho e utilização de mão-de-obra local, verificasse, sobretudo, na área da agricultura e da construção civil. Dado o aumento da procura, assistiu-se, curiosa e simultaneamente, a um revivalismo de algumas profissões que estavam praticamente em vias de desaparecimento, tais como calceteiro, ferreiro, carpinteiro e canteiro, uma vez que existe, por parte dos estrangeiros a necessidade de manter a traça regional. Geraram ainda postos de trabalho na área dos serviços, sobretudo no apoio à casa, jardinagem, reparações, criando, desta forma, muitos

empregos nas zonas rurais. Estes valores não se encontram, porém, reflectidos nas estatísticas, já que estas pessoas declaram oficialmente uma outra profissão e muitos estão em dupla ocupação. As mulheres, na maior parte dos casos, continuam a ter o estatuto de doméstica.

Tem-se vindo a verificar, na última década, a fixação de inúmeras firmas lideradas por estrangeiros, especialmente de origem britânica, que, utilizando tecnologias mais avançadas, já fazem concorrência a empresas locais, sobretudo a nível de certas profissões relacionadas com a construção civil, a imobiliária, a restauração e o comércio. Só em Boliqueime, no centro da aldeia, por exemplo, existem quatro agências imobiliárias, todas elas propriedade de cidadãos estrangeiros e com tendência para aumentar. Foi-nos confirmado pela maioria dos entrevistados que, principalmente os cidadãos britânicos tendem a procurar os serviços dos seus compatriotas, certamente por sentirem poder ajuizar melhor a confiança que merecem.

Alguns aspectos negativos que nos foram várias vezes referidos têm a ver com a especulação, feita por estrangeiros menos escrupulosos, na área da imobiliária. A este facto se devem muitas fortunas fáceis e muitas construções clandestinas e de mau gosto. No período que se seguiu ao 25 de Abril de 74 os cidadãos estrangeiros estavam, claramente, em vantagem em relação aos investidores portugueses, já que podiam usufruir de taxas de juro extremamente baixas no seu país, enquanto em Portugal se praticavam taxas com juros altíssimos, na ordem dos 25%. Alguns atritos e rejeições estarão, possivelmente, sedimentadas nesta situação. Entre outros aspectos negativos há que considerar também um mercado de camas paralelas que é dominado, na sua grande parte, pelos cidadãos estrangeiros.

Para além disso, com o reconhecimento de títulos académicos e profissionais dentro do espaço comunitário, tem-se vindo a verificar, nos últimos anos, uma verdadeira “invasão” de profissionais dos países comunitários mais desenvolvidos, especialmente a nível das profissões liberais nas áreas da saúde, direito e finanças e em mão-de-obra especializada na área da construção civil e afins.

No entanto não podemos também esquecer a sua função dinamizadora do comércio local. De facto, os residentes estrangeiros procuram os cafés locais e o comércio

tradicional, ajudando a mantê-lo assim, enquanto os portugueses tendem a procurar as grandes superfícies.

Deram um contributo importante, principalmente numa fase inicial da sua fixação nas zonas rurais, para a modernização das infra-estruturas, ao comprarem casas em zonas isoladas, com maus acessos e falta de saneamento básico e assumindo a implementação das mesmas. Na opinião de muitos autarcas, são estes cidadãos que mais facilmente se prontificam a fazer as infra-estruturas, ou a compartilhar financeiramente, num sistema de parceria, revelando maior consciência da necessidade de participação do cidadão na sociedade. Verificamos, porém, que, por outro lado, nos últimos anos, se tornaram mais reivindicativos em relação aos seus direitos, invocando, com frequência, os fundos comunitários que Portugal recebe e que, na sua opinião, nem sempre são aplicados em obras estruturantes que sirvam a população local.

No seu conjunto esta presença é considerada, pelos autarcas entrevistados, benéfica, pois trouxe mais riqueza e mais bem estar às populações locais.

## ***2. Papel dos residentes estrangeiros no desenvolvimento sociocultural***

Os estrangeiros surgem, na percepção dos autarcas entrevistados, como desempenhando um papel relevante, no que se refere à revalorização da cultura local, alertando os locais para uma atitude mais reflexiva e sensibilizando-os em relação à sua cultura e ao seu património. Houve mesmo quem referisse que os locais, por vezes, se sentiram "ameaçados", tendo assim a necessidade de "segurar aquilo que é nosso", o que faz parte da nossa cultura, contra a apropriação vinda do exterior.

A presença estrangeira não parece ser, contudo, em número tão elevado ao ponto de provocar alterações significativas nos hábitos e costumes das populações locais, embora a opinião generalizada seja que a população local, em especial, a geração mais jovem, é mais facilmente influenciada pela cultura estrangeira, em especial, a geração mais jovem.

A adaptação à cultura local é classificada pela maioria dos autarcas, nas entrevistas efectuadas, como "de pouco a suficiente", com algumas excepções, como, por exemplo,

o concelho de Tavira, onde é considerada muito boa. Na sua privacidade crêem que se mantêm ligados à cultura de origem, mas para o exterior dão sinais de se adaptarem à cultura local. Apesar dos contactos com a população local, dispõem de pouca informação sobre a comunidade local e, sobretudo, sobre o funcionamento das instituições.

As dificuldades linguísticas, a elevada faixa etária e o facto de viverem em grupos muito fechados são os principais entraves a uma maior adaptação à cultura local. Nas gerações mais jovens, exercendo uma actividade profissional e com filhos em idade escolar, verifica-se, obviamente, uma maior interacção com a comunidade portuguesa, confirmando, assim, o papel da profissão e da existência de filhos como factores de integração. Sobretudo os residentes mais jovens, com um novo projecto de vida, que escolheram as zonas do interior, trazem na sua bagagem, uma vontade genuína de se integrarem, de desenvolverem projectos com apoio da comunidade local, valorizando os recursos culturais e naturais existentes localmente, revelando uma capacidade empreendedora que os locais, muitas vezes não têm.

De um modo geral, a relação entre os residentes portugueses e estrangeiros é, assim classificada de "razoável a boa". Contudo, o relacionamento não é muito forte, a não ser pontualmente. Isto deve-se, em parte, à elevada faixa etária dos estrangeiros, a dificuldades linguísticas e não propriamente a diferenças sociais ou diferentes graus de escolaridade, já que os estrangeiros residentes da última geração não revelam um nível de escolaridade tão elevado como nos anos sessenta ou setenta. A aprendizagem sistemática da língua sempre representou, ao longo da nossa observação, um critério de integração social decisivo. É vista pela comunidade local como um sinal de vontade de integração e participação na vida comunitária.

Parte dos residentes portugueses nestas zonas rurais já foram emigrantes, tendo algum conhecimento das relações que se estabelecem entre nacionalidades diferentes, apesar de não terem grande experiência de viagem. Possuem, no entanto, conhecimentos de língua estrangeira, superior ao seu grau de escolaridade e tiveram contacto com outros hábitos e costumes, podendo funcionar como elementos de integração.

Os estrangeiros residentes costumam participar nas festas tradicionais, especialmente nas actividades de animação cultural e feiras, na opinião de alguns autarcas, o suficiente para não serem vistos como uma comunidade não receptiva. Participam menos nas manifestações religiosas, talvez pelo facto de, no aspecto religioso, estarem bem organizados, com os seus próprios locais de culto.

As actividades culturais mais participadas são as ligadas ao folclore, à gastronomia, às feiras e mercados, assim como exposições de arte. Neste ponto, constituem, não só um público muito atento e com poder de compra, como também são inúmeros os artistas estrangeiros residentes que expõem em galerias públicas e privadas.<sup>43</sup>

Na Freguesia de Querença foi salientada, na entrevista realizada, a grande participação por parte dos residentes estrangeiros nas manifestações culturais locais (inauguração do caminho agrícola, lanche popular, semana de proximidade da GNR etc). A sua preocupação em aproximar-se da população local, principalmente da mais idosa, torna-os simpáticos no olhar dos rurais que, durante anos, sentiram o desprezo dos cidadãos. Os estrangeiros tentam o contacto, revelam hospitalidade e gosto pela convivência. A esta aproximação registada na freguesia não será, na nossa opinião, alheio o facto de o Presidente da Junta ser um elemento da Região de Turismo do Algarve, manifestando, portanto, alguma sensibilidade para este tema.

Apesar de a relação ser considerada boa, foram-nos referidos, por alguns autarcas, casos esporádicos de mau relacionamento que têm a ver, fundamentalmente, com questões de privacidade e utilização de caminhos e terrenos. Os residentes estrangeiros têm uma noção mais redutora do espaço privado, vedando as suas propriedades, colocando as suas tabuletas “private”, desconhecendo ou esquecendo o direito a utilização para passagem dos terrenos vizinhos, fechando, por vezes, caminhos públicos, que nos últimos anos não eram praticamente utilizados, mas que existiam na memória dos residentes locais. Segundo a lei portuguesa, os caminhos são sempre públicos, mesmo quando atravessam propriedades privadas, facto que eles desconhecem.

---

<sup>43</sup> A Galeria Municipal de Tavira apresenta frequentemente exposições de residentes estrangeiros. A Galeria do Museu Etnográfico de São Brás de Alportel está sob a direcção de um casal inglês, residente de longa data.

A esta polémica não são, de facto, alheios os agentes imobiliários, principalmente nos anos oitenta, que vendiam sem esclarecerem os limites das propriedades, ocupando indevidamente os terrenos dos outros ou omitindo os direitos de passagem tradicionais.

### *3. Preocupação com o património cultural e natural*

Uma das principais motivações para a procura das zonas rurais parece ser, na opinião dos nossos informadores, uma certa nostalgia por uma ruralidade perdida e uma sobrevalorização da tradição, manifestadas numa simplificação do estilo de vida e num regresso ao contacto com a natureza, enquanto a população local se mostra mais consumista, procurando equipamentos mais modernos. Daí advém, muitas vezes, uma certa incompreensão por parte destes residentes estrangeiros em relação à necessidade sentida pela população local de ter acesso aos benefícios da modernização.

Foram-nos referidas algumas situações em que os residentes estrangeiros se opõem vivamente à concretização de certas infra-estruturas,<sup>44</sup> tornando-se mais reivindicativos do que no seu próprio país.

Na sua preocupação com o património natural e o ambiente os residentes estrangeiros parecem estar mais conscientes da problemática envolvente e do papel interventivo do cidadão na sociedade. Muitos deles, são, aliás, possuidores de excelentes conhecimentos nas áreas relacionadas com o ambiente e a natureza e gostariam de os pôr à disposição da comunidade local.

Embora salientem a preocupação dos estrangeiros residentes com o património cultural e natural, alguns autarcas alegam que esta preocupação tem apenas motivações individualistas, sempre que sentem a sua privacidade ameaçada. Esta atitude é vista por alguns autarcas como um entrave à modernização.

---

<sup>44</sup> De salientar o caso dos Amigos Europeus de Paderne que, conjuntamente com a população local têm contestado o traçado da auto-estrada Lisboa-Algarve, tendo recorrido mesmo às últimas instâncias europeias.

Em relação à recuperação do património arquitectónico rural, é consensual, nas autarquias por nós contactadas, que o contributo dos residentes estrangeiros é muito positivo, mesmo exemplar. Na opinião das autarquias, estes novos cidadãos vieram, não só reduzir, em parte, os efeitos da desertificação humana que se tem vindo a verificar, nos últimos anos, no Barrocal algarvio, como procederam a restauros exemplares de montes e casas de aldeia, respeitando a traça, as cores, os alinhamentos, os materiais, como as cantarias antigas, a telha, o caniço. Se no interior se adaptam à sua cultura, ao seu estilo de vida, no exterior tem respeitado o tipicismo da casa rural algarvia e mantido mais a tradição do que os próprios portugueses, que preferem materiais mais modernos, porque mais práticos e de fácil manutenção.

Len Port no seu guia do Algarve refere-se, da seguinte forma, às exigências de conforto e modernização introduzidas pelos estrangeiros nas casas tradicionais algarvias.

«Britons and to a lesser extent other nationalities have been buying land and building houses in which to settle, or as second home holidays and perhaps eventual retirement. These *estrangeiros* have come to expect at least as many bedrooms, fitted kitchens with high-tech appliances, solar energy to heat the water, satellite dishes to receive TV programmes in their own language, automatic irrigation in landscaped gardens, and, of course, private swimmingpools. No doubt, the noblemen of Milreu would have approved.» (Port, 1999:195).

A comunidade nacional nestas zonas rurais, na maioria emigrante, desvirtuara a arquitectura local, tendo os estrangeiros vindo dar uma imagem do que é a verdadeira casa algarvia. Um dos autarcas referiu-nos que, concretamente na sua freguesia «os estrangeiros têm sido exemplo para aqueles que construindo de novo, tendo como ideal estético uma casa de primeiro andar com alumínio, vêem, de repente, a casa que era dos seus pais ou avós recuperada tal como era antigamente.»<sup>45</sup>

É indiscutível, de facto, o contributo da comunidade estrangeira residente para a preservação do património arquitectónico rural. Houve mesmo quem afirmasse que se não fosse a intervenção dos estrangeiros, teria, no interior do seu concelho, alguns montes abandonados, sem residentes. Indo ainda mais longe, este autarca considera a preservação do património rural, que de outra forma teria provavelmente desaparecido, um dos contributos mais importantes, senão o mais importante, dado por estes residentes, nas últimas décadas.<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> Entrevista com o Presidente da Junta de Freguesia de Querença

<sup>46</sup> Entrevista com o Presidente da Câmara de Tavira

#### *4. Participação activa na vida local*

Os cidadãos estrangeiros residentes, embora pertencendo a diferentes nacionalidades, assumem-se como um grupo, caso típico das minorias. Consequentemente, existe a tendência para se recriar uma micro-sociedade de origem, o que não significa, como anteriormente vimos, a recusa do contacto com a sociedade de acolhimento. A orientação é, essencialmente, anglo-saxónica, o que se poderá atribuir à forte componente da nacionalidade britânica e à experiência de vida nas suas ex-colónias por parte desta comunidade. Porém, e devido ao aumento da presença de outras nacionalidades, nomeadamente alemã e holandesa, já se nota uma diluição da hegemonia anglo-saxónica.

Segundo o sociólogo inglês Geoffrey Gorer (cit in Prado, 1996:205) «L'Anglais a besoin d'autres Anglais de sa classe pour se définir une identité» e para criar uma relação baseada na igualdade dos “p.l.u”(People like us).

A participação activa na vida local é assinalada como pontual e orientada, em primeira linha, por motivos pessoais. Este aspecto parece ser característico das sociedades em geral, na era da globalização, em que as pessoas pensam e agem sempre orientadas pela estabilidade económica e por motivações individualistas e não cedem parte do seu trabalho em favor da comunidade.

A participação, ao nível local, na resolução concreta de problemas que lhes digam respeito e à freguesia onde estão inseridos, é registada como muito positiva pela grande parte dos autarcas. Mas, talvez estes cidadãos já não se mostrem muito interessados em colaborar na resolução de problemas mais abrangentes, que dizem respeito ao concelho ou ao Algarve. Excepção feita à contestação ao traçado da auto-estrada Lisboa-Algarve.

Verifica-se que nas freguesias de menor dimensão, ou seja com um número relativamente reduzido de residentes estrangeiros, como é o caso de Querença, em que a Junta de Freguesia é ponto de referência para muitos dos serviços de que necessitam, nomeadamente Correios, Posto de Turismo e outros, há um bom conhecimento mútuo e um excelente relacionamento, revelando os estrangeiros um grande desejo de conviver e abrir as suas portas aos locais.

Questionados sobre a existência de actividades culturais organizadas pelos estrangeiros residentes, os responsáveis pelas freguesias responderam negativamente, embora vejam essa hipótese num futuro próximo. Porém, um dos contributos importantes são as actividades de solidariedade social, que revertem a favor da comunidade local, tanto pessoas como instituições. Nalguns concelhos existe uma participação bastante representativa por parte da comunidade estrangeira, especialmente nas áreas das artes e cultura. Assim, o Cineclube de Tavira é liderado por um cidadão belga e a maioria dos cinéfilos é de origem estrangeira. Muitas das galerias de arte no Algarve são geridas por estrangeiros ou expõem aí os seus trabalhos.

O número de estrangeiros recenseados ainda é muito baixo, assim como a sua participação em listas eleitorais. Contudo, na opinião da maioria dos autarcas contactados, o exercício da cidadania europeia seria mais fácil a nível local, nas pequenas comunidades. Poderia ser uma forma de enfrentar os conflitos sociais que se adivinham, com a sociedade algarvia cada vez mais interpenetrada por várias culturas, mas sobretudo, por vários níveis de presença estrangeira, nomeadamente os estrangeiros dos países “ricos” da Europa e América do Norte e os emigrantes dos países “pobres” da Europa de Leste e da África. Pelo meio ficam os algarvios do litoral, com acesso aos melhores empregos, bom nível de vida e, por outro lado, os algarvios do interior, afastados do acesso aos benefícios da modernidade, nomeadamente no que se refere a equipamentos sociais e culturais.

Tivemos conhecimento da existência, ainda que esporádica, de atitudes menos positivas em relação à presença de residentes estrangeiros, com especial referência para o facto de ocuparem o nosso espaço identitário. Em contrapartida verificam-se também situações de sobrevalorização dos aspectos positivos da sua presença.

Apesar de tudo, os nossos entrevistados não deixaram de frisar a importância de uma maior aproximação entre as comunidades portuguesa e estrangeira, que contribuísse para uma mais intensa troca de experiências e levasse à consolidação do respeito mútuo, dado que só respeitamos o que conhecemos.

Neste sentido estão a surgir alguns sinais de aproximação. Tivemos, entretanto, conhecimento que a Câmara Municipal de Aljezur pretende realizar um encontro de culturas. Ao entrevistarmos a presidente da Câmara de Silves, a edil informou-nos que está em preparação, com o apoio do Ministério da Educação, uma acção de aproximação e “interconhecimento” das culturas residentes no concelho, através de iniciativas como o “Castelo das Línguas” em Silves e a “Avenida das Línguas” em Armação de Pêra.

## **5.2 Entrevistas a associações locais de defesa do património cultural e natural e desenvolvimento local**

As entrevistas realizadas junto destas associações confirmam-nos, de facto, um grande interesse dos estrangeiros residentes pelos problemas do património cultural e natural, essencialmente em relação a este último. Segundo nos foi dito pela Associação Almargem, e apesar de não possuírem dados estatísticos, uma grande parte das queixas e dos pedidos de intervenção são feitos pelos estrangeiros residentes sócios ou não, e de outros, que embora de passagem se apercebem de determinadas situações e, tendo conhecimento da existência da associação, a contactam para o efeito.

As actividades da associação são largamente difundidas na imprensa local das comunidades inglesa e alemã. No entanto, lamentam que a participação destes cidadãos seja muito pontual e muitas vezes motivada por questões pessoais, receando, de algum modo, perder o bucolismo ingénuo a que tiveram acesso na fase inicial da sua fixação. Outros, ainda, argumentam que são apenas convidados no país e não se querem envolver em questões políticas ou com possíveis impactos políticos. Preferem o anonimato, apontando situações, aconselhando, mas não querem dar a cara. Esta atitude é interpretada pelas associações como um certo paternalismo, revelando boa vontade, e esperando que os portugueses sigam os seus conselhos. Foi-nos confirmada, que em relação à comunidade britânica, existe um certo exibicionismo da sua capacidade organizativa, uma atitude de marcar a diferença, tendo os alemães e os holandeses, porém, uma atitude diferente.

Este receio de maior envolvimento público poderá também ter a ver com a elevada faixa etária a que pertencem, e com as motivações que trouxeram a maioria para Portugal. Já viveram a sua vida, pretendem ocupar-se, mas não demasiado, e, sobretudo, com o cuidado de não assumir responsabilidades de intervenção na sociedade, já que este não é o seu país.

Há, sem dúvida, a registar o papel importante desempenhado na recuperação do património arquitectónico, na valorização dos objectos do quotidiano, do mundo rural, em particular.

Já no que diz respeito ao contributo para o desenvolvimento sócio-económico e cultural na região da Serra do Algarve, na opinião dos responsáveis da IN LOCO, a actuação destes residentes é considerada muito importante, mesmo vital, na medida em que existem muitas comunidades estrangeiras que se (pre)ocupam com o desenvolvimento local, que passa pela valorização da cultura e dos recursos locais.

As comunidades estrangeiras fixadas no interior do Algarve são, efectivamente, diferentes das que procuram o litoral. Estas não estão muito interessadas em absorver outras culturas que possam, mesmo, ser consideradas inferiores, têm os seus equipamentos próprios e específicos, e desligam-se da comunidade local. Os que procuram a Serra, pelo contrário, na sua maioria ingleses, alemães e belgas, são pessoas ainda bastante jovens, com um projecto de vida, frequentemente diferente daquele que tinham no seu país de origem. Vindo de países mais desenvolvidos, pensam que afinal ainda é possível recomeçar. Não têm uma visão pessimista do território, descobrem aqueles recursos estratégicos que têm possibilidades de ser desenvolvidos. Existem projectos muito válidos, sobretudo, na área do turismo rural, da agricultura biológica, da produção agro-alimentar, com bom sucesso económico e com uma excelente integração sociocultural.

Por outro lado estas comunidades não procuram impor os seus modelos sobre a comunidade local, mas, pelo contrário, aprendem com os locais e impregnam-se da cultura local. O que não se passa nos processos de aculturação do litoral, em que a cultura exógena se impõe à cultura endógena ou simplesmente a ignora. Em contrapartida, os estrangeiros que encontramos na Serra tentam, o mais possível, ter padrões de comportamento de acordo com as regras da comunidade local, mas, simultaneamente proporcionando às populações locais o contacto com uma outra cultura que contribui, por seu lado, para a consolidação da sua identidade cultural.

Estes residentes revelam uma preocupação com o património cultural e natural, muito maior do que o habitante da serra, que é uma pessoa, em geral, com uma visão pessimista do mundo rural. Os estrangeiros, pelo contrário, oriundos de países com um elevado nível de desenvolvimento, que viram como a industrialização pode destruir a paisagem e o meio envolvente, procuram preservar e dinamizar estes recursos ainda existentes no interior do Algarve. Nos seus países o mundo rural é “um mundo rural

domesticado”, é uma agro-indústria. Não existe da parte destes cidadãos apenas uma nostalgia pelo mundo rural, mas a vontade de criar projectos pessoais em equilíbrio, uma forma mais consciente de encarar o território e o rural e de que, em Portugal, se poderá atingir um desenvolvimento sustentado, sem cometer os erros verificados nos outros países.

O facto de lá viverem, de criarem projectos equilibrados, articulados com a população, criando postos de trabalho, ajuda a criar riqueza e fomenta a fixação da população, mas não só, pois psicologicamente é muito importante, ajudando a recuperar a ideia da permanência, já que há gente de fora, mesmo de países muito mais desenvolvidos, que opta por ali viver.

Na opinião dos responsáveis das associações contactadas não existe ainda da parte do poder institucional, designadamente das autarquias, a percepção das potencialidades existentes na comunidade estrangeira. O relacionamento institucional nem sempre é fácil e as associações poderão desempenhar aqui um papel mediador.

A Serra algarvia chegou a um decréscimo demográfico em que não é possível o seu desenvolvimento com os recursos biológicos existentes, já que não há capital genético suficiente. Só um repovoamento o tornará possível e a população intercomunitária de outras regiões irá ser de extrema importância.

Há muitas oportunidades nestas regiões rurais do sul. A população tem vindo a abandonar o território, há vazios por aproveitar e os países do Norte da Europa poderão dar um contributo neste sentido. As dificuldades de emprego nesses países, a liberalização das fronteiras e a queda de barreiras institucionais com a adesão dos países do sul à Comunidade Europeia, facilita o incremento destes fluxos.

## **Cap. 6 A Freguesia de Santa Bárbara de Nexe**

### **6.1 Aspectos geográficos**

A existência da localidade remonta à Antiguidade e, provavelmente, segundo Estácio da Veiga, o seu núcleo urbano primitivo datará da Idade do Cobre. Teria sido, assim, uma população mincira a primeira a ocupar o lugar que hoje constitui a Freguesia de Santa Bárbara de Nexe (Pinto, 1987).

No século XIV, Santa Bárbara fez parte do território de Loulé, e, no século XVI, o domínio directo do seu território pertence à ordem de Santiago, que dependia da paróquia de São Pedro de Faro, a quem pagava os respectivos dízimos.

Com a construção da Igreja Matriz que se pensa tenha sucedido na primeira metade do século XV, Santa Bárbara converteu-se em sede de paróquia, tendo-se espreado ao longo do anfiteatro formado pelas encostas dos seus cerros, viradas a sul e foi criando os seus núcleos urbanos mais concentrados. Actualmente, os aglomerados urbanos mais importantes da freguesia são: Bordeira, Gorjões, Agostos/Palhagueira, Valados/Pé do Cerro, Laranjeira/Canal, Goldra e Falfosa. Pertence ao concelho de Faro, o mais litoral e meridional do distrito, do qual fazem parte cinco freguesias, sendo duas urbanas- Sé e São Pedro- e três rurais- Conceição, Estói e Santa Bárbara de Nexe.

A freguesia de Santa Bárbara de Nexe estende-se por uma extensão de mais de 42 312 Km<sup>2</sup>, confinando com as freguesias de São Pedro a sul, de Estói e Conceição a nascente, de São Brás de Alportel e São Clemente (concelho de Loulé) a norte, e de Almansil a oeste.

Situa-se no barrocal algarvio e desenvolve-se por altitudes que oscilam entre os 50 e 360 metros, enquadrando-se entre os cerros de Guelhim (Estói), Goldra e Nexe, no último dos quais se localiza o ponto mais alto da freguesia. Encontramos aqui as tipologias de solo características do sub-sistema barrocal, nomeadamente terrenos calcários, argilosos e arenosos, o que influencia os aspectos sócio-económicos da zona.

## 6. 1.2 Aspectos demográficos

Os primeiros dados demográficos sobre a freguesia datam de 1862, tendo-se verificado até 1940, um significativo aumento da sua população. Neste ano a freguesia era constituída por 1.464 fogos com 5.284 habitantes e segundo o censo de 1991 a população era de 4.338 habitantes. No período entre 1940 e 1991, houve uma grande movimentação migratória devido a alterações sócio-económicas verificadas, sobretudo, nos anos 60, e também a fenómenos de migração, com deslocações do barrocal para a sede do concelho e outros centros urbanos de maior importância no litoral, com melhores possibilidades de emprego oferecidas pelo desenvolvimento do turismo, e ainda pela forte emigração para o estrangeiro, nomeadamente para França e Alemanha.

O decréscimo demográfico registado na segunda metade do século, fica a dever-se, por um lado, à perda de importância da agricultura na economia, obrigando à emigração, podendo dizer-se, sem grande margem de erro que nos anos 60 e 70, era raro o agregado familiar que não tinha pelo menos um elemento na emigração, e por outro, à atracção exercida pelo litoral, principalmente, a sede de concelho, onde as oportunidades para uma melhoria de vida eram maiores, por falta total, na freguesia, de infra-estruturas básicas.<sup>47</sup>

Embora no período entre 1940 e 1981 se tenha registado este decréscimo da população, assistiu-se simultaneamente a um aumento significativo do número de alojamentos. Este aumento prende-se com o grande incremento verificado, nos últimos anos, na área da construção. Estas habitações novas que até aos finais dos anos 70 eram, predominantemente, propriedade de emigrantes, passam a ser construídas por estrangeiros e por nacionais, em termos de segunda residência, sendo assim natural que a população detectada pelo INE, não corresponda à realidade existente.

Podemos reter alguns números elucidativos da evolução demográfica da freguesia. Assim, em 1940, o município de Faro conta com 31.156 habitantes, dos quais 5.087 habitam a freguesia. Em 1960 a população aumenta a nível municipal para 35.144, mas

---

<sup>47</sup> Informações fornecidas pelo Presidente da Junta de Freguesia

o peso da freguesia diminui para 4.393. Já no censo de 1991 se registam no concelho de Faro 50.761 habitantes, enquanto Santa Bárbara volta a diminuir ligeiramente com 4.338. O Censo de 1991 revela 897 estrangeiros oriundos da Europa a residirem no concelho. Embora não existam dados discriminados por freguesias, pela observação que se pode fazer no terreno, a maioria encontra-se, efectivamente, a residir nas freguesias rurais de Santa Bárbara de Nexxe e Estói.

Na década de 80 Santa Bárbara será alvo de uma forte procura por parte de estrangeiros, que optaram por aqui residir ou construir a sua casa de férias, e ainda por residentes nacionais, pretendendo fugir aos inconvenientes da vida urbana.

A actividade imobiliária neste período será intensa. Surgem as agências imobiliárias, por todo o lado se anunciam terrenos à venda, estrangeiros a pagarem preços altíssimos, abrem-se caminhos, na maioria por iniciativa privada, fazem-se furos (numa zona essencialmente de sequeiro, que só conhecera os poços e as cisternas). Os cerros cobrem-se de manchas brancas e os terrenos que, outrora, não tinham qualquer valor agrícola, por serem constituídos por pedras e tojos, e estarem localizados em zonas inacessíveis, passam a ser vendidos a preço de ouro pela mais-valia da vista para o mar (que o seu proprietário não valorizava, ocupado que andava na tarefas agrícolas).

A paisagem rural deixa de ter a sua função tradicional, passando a enquadramento e a ter um valor simbólico, pelo seus aspectos de lazer e relaxação. No entanto, muitas casas em ruínas são salvas, muitos valados recuperados, conseguindo-se, desta forma, a revitalização de muitos locais que tinham perdido praticamente todos os seus habitantes.

O desenvolvimento turístico que o Algarve conheceu, a partir dos anos 60, motivou a fixação de forte contingente de nacionais e estrangeiros. As qualidades ímpares da província, em termos de amenidade climática e de oferta de locais propícios para férias, tornaram-se progressivamente conhecidas. E Santa Bárbara de Nexxe, freguesia do barrocal, estrategicamente colocada entre o litoral e a serra, com o mar ao fundo, e desfrutando de uma imensa paisagem que se desenrola ao longo de quilómetros, no litoral da costa algarvia, e também no seu interior, com vales e montes proporcionando a calma e o sossego tão característicos do Algarve interior, tem, de facto, vindo a atrair muitos residentes estrangeiros.

### 6. 1.3 Aspectos sócio-económicos

Até meados do século XIX, predominam essencialmente os modos de vida e a economia tradicionais, com ligação à terra e uma muito escassa produção do tipo industrial. As actividades económicas desenvolvidas na freguesia são as que se prendem com as matérias primas ligadas à própria natureza geológica dos terrenos e as provenientes da agricultura.

Existiram, de facto, na freguesia, importantes unidades produtoras de cerâmica de construção, utilizando as argilas da região. Produziam-se sobretudo telhas e tijolos nos sítios do Telheiro, onde ainda podemos encontrar as ruínas da antiga fábrica, e ainda no sítio de Benatrite. Os calcários, que existem predominantemente na zona de Bordeira, têm dado origem a uma intensa actividade de produção de cantarias para construção e estatuária, existindo uma mão-de-obra especializada de canteiros e mestres pedreiros.

Actualmente assiste-se a uma revitalização da indústria de exploração e transformação da pedra, sempre em explorações familiares, facto a que não é estranho o desenvolvimento da construção e a procura, sobretudo, por parte dos estrangeiros, de cantarias e trabalhos em pedra de calçada portuguesa.

A actividade agrícola é predominantemente de sequeiro, ainda que este sector tenha vindo a perder a sua importância. Existem algumas zonas de regadio, utilizando predominantemente a produção em estufa. Também se desenvolveu a floricultura, por iniciativa de um cidadão inglês.

Dada a abundância da produção olivícola, existiram na freguesia vários lagares, sendo significativo que, no início do século, aqui laboravam seis dessas unidades. Actualmente existe apenas em actividade. Os outros fazem apenas parte do imaginário dos nexenses mais idosos.

Da memória colectiva da aldeia, e pertencendo ao património rural, fazem ainda parte os moinhos e os poços. Dos primeiros, restam apenas as ruínas, à excepção de um, restaurado como residência de férias. Os poços, que tantas histórias teriam para contar,

numa freguesia onde a água era escassa e se faziam longas e duras caminhadas, a pé ou de burro, para conseguir o precioso líquido, eram ponto de encontro para as mulheres e moças da aldeia, e, enquanto se esperava a “maré”, punha-se a conversa em dia. Não existindo cafés, e sem direito de entrada na venda, lugar reservado aos homens, este era um dos locais privilegiados para as mulheres conversarem e conviverem com as que moravam mais longe.

A evolução registada no Algarve, na segunda metade deste século, em que a actividade económica sofreu grandes transformações e grande parte das actividades tradicionais, ligadas à agricultura e indústria, foram, gradualmente, substituídas por actividades que decorrem do Turismo, também deixou as suas marcas na freguesia.

A partir da década de 70 Santa Bárbara começa a ser procurada pelo turismo, mas não um turismo de massas, assente no binómio sol e praia, mas sim num turismo de maior qualidade, ligado à ruralidade, que procura o sossego, as suas belas vistas e o seu clima para instalar a sua residência de férias ou mesmo a sua residência permanente. Neste caso, estão sobretudo, os estrangeiros reformados ou das classes sociais mais altas.

Apesar de não existirem dados oficiais referentes ao número de turistas ou à capacidade de alojamento da freguesia, constata-se facilmente no terreno<sup>48</sup> que, anualmente, esta freguesia recebe cerca de um milhar de turistas, o que corresponde sensivelmente a um acréscimo de 25% da população local.

Assim verifica-se, a partir da segunda metade da década de 80, com a adesão de Portugal à Comunidade Europeia (1986) e o aumento da procura por parte dos estrangeiros, uma grande evolução no sector dos serviços, nomeadamente nos relacionados com a construção e o apoio às residências dos estrangeiros.

Esta realidade veio criar uma nova dinâmica económico-social na freguesia, passando a sua economia a gravitar à volta do fenómeno construção/ turismo, gerando-se, para o efeito, pequenas empresas unifamiliares na área da construção civil; serralharia civil;

---

<sup>48</sup> Informações fornecidas pelas diversas agências imobiliárias e de administração de propriedades existentes na freguesia.

imobiliária; restauração, mini-mercados; jardinagem; limpeza e tratamento de piscinas; venda de equipamentos domésticos; administração de propriedades.

De salientar também o papel desempenhado pelos ex-emigrantes na dinamização das actividades sócio-económicas locais, aproveitando os meios financeiros, os conhecimentos técnico-profissionais e linguísticos adquiridos lá fora.

Como refere Silveira (1997) a freguesia, apesar de eminentemente rural, tem, no entanto, aptidões, potencialidades e uma economia, essencialmente não agrícolas, empregando o sector primário, em 1991, apenas 15% da população activa.

O desenvolvimento dos sectores secundário e terciário, gerado pelo aumento da construção civil, que veio impulsionar a economia da freguesia a partir da década de 80 e que emprega grande parte da população, poderá sofrer quebras, devido às normas restritivas de construção na zona, ao abrigo do PROTAL.

#### **6.1.4 Aspectos socioculturais**

Segundo Silveira (1997), a freguesia sempre foi prejudicada pela influência polarizadora das povoações vizinhas, principalmente por Faro, a sede do concelho. Esta influência negativa sente-se, de forma particular, nas actividades socioculturais e desportivas. Com efeito, as iniciativas neste âmbito, levadas a cabo na freguesia são muito escassas, e as que existem têm vindo, gradualmente, a perder impacto de ano para ano.

Os principais acontecimentos sociais da freguesia tinham, na sua maioria, origem religiosa, mas foram caindo em desuso, principalmente junto da camada mais jovem. Durante os anos da forte emigração, realizaram-se, com grande impacto, festas de Verão dedicadas aos seus emigrantes. Também a feira, uma das mais antigas da região, tem vindo a perder importância.

Aliás, poderemos mesmo afirmar que, em termos culturais, a freguesia tem regredido. Os tempos mudaram e não houve investimento público nesta área. As velhas sociedades

recreativas já não correspondem às novas exigências. Não se tem apostado numa política autárquica que motive a juventude. Os equipamentos sociais existentes são, na sua maioria, obra do esforço privado. Silveira (1997) refere, ainda, os atractivos do litoral, os aumentos das solicitações em termos de entretenimento, a inércia a que a freguesia tem sido votada pelos poderes autárquicos, como causas deste estado de coisas.

No entanto, podemos verificar alguns, ainda que pequenos, sinais positivos de mudança, através de iniciativas, por parte da Junta de Freguesia, das associações e de grupos de cidadãos, no sentido da dinamização cultural na freguesia.

No início dos anos 90 dá-se o renascer de associações que se tinham desagregado, o reavivar de algumas tradições perdidas, como as Charolas, em Janeiro, os desfiles de Carnaval, as Marchas Populares, as Amostras de Artesanato. De registar a intensa animação para a Terceira Idade, promovida pelo PATIA,<sup>49</sup> e algumas actividades de formação profissional na área de saberes artesanais da freguesia, como o trabalho em pedra. A tentativa de recuperação de alguns elementos do património cultural e natural, no que diz respeito ao património rural, nos quais se inserem os vários moinhos ainda existentes, embora quase todos em ruínas, as fontes e os poços, os fornos de cal, os caminhos antigos, os valados.

#### **6.1.5 As Associações culturais**

Como refere Mendonça Pinto (1987) as primeiras associações existentes em Santa Bárbara de Nexe tinham por objectivo defender interesses de classe. Assim, os operários reuniam-se na Sociedade dos Artistas, e no seu oposto, encontravam-se os proprietários, congregados na Sociedade Havaneza, estando, obviamente, em permanente conflito.

O movimento associativo com finalidades desportivas, culturais e recreativas, existe na freguesia desde 1934, data da fundação da Sociedade Recreativa Nexense. Tinha como objectivo principal «criar uma biblioteca e gabinete de leitura...; promover reuniões

---

<sup>49</sup> Programa de Animação para a Terceira Idade no Algarve

familiares...; proporcionar, para recreio dos sócios, saraus dramáticos e musicais, jogos lícitos e tudo o mais que lhes possa servir de recreio.»( Pinto, 1987:37)

Os objectivos que se prendiam com a animação e recreação, como a organização de bailes e récitas, foram, efectivamente, cumpridos. Tempos houve em que era frequente a apresentação de peças dramáticas encenadas por amadores locais ou de freguesias próximas.

Contudo, uma das reivindicações mais pertinentes para a freguesia, a criação de uma biblioteca, ainda hoje se mantém, sem que tenha sido concretizada, tendo, neste momento a Junta de Freguesia lançado uma campanha de pedido de dádiva de livros para a constituição da mesma.

Nos anos 80 a Sociedade Recreativa Nexense e o Sport Clube Nexense juntaram-se dando origem à actual Associação Cultural, Recreativa e Desportiva Nexense, facto que ocorreu a 12 de Maio de 1982.

Numa tentativa de recuperação das “charolas”, tradição muito enraizada no imaginário colectivo da aldeia, que se viera a perder ao longo dos anos, foi constituída, em 1976, a Associação Charoleira da Acção Cultural de Santa Bárbara de Nexe.

Os outros dois sítios de maior importância da freguesia, Gorjões e Bordeira, disponham também das suas associações. A Sociedade Recreativa Gorjonense iniciou a sua actividade em 13 de Junho de 1943. No entanto, no período conturbado após o 25 de Abril, houve graves desentendimentos, originados sobretudo em divergências ideológicas entre os associados, o que levou à sua dissolução. A sua actividade foi, recentemente, reiniciada.

As charolas foram também a principal motivação dos movimentos associativos que se organizaram em Bordeira. Este sítio da freguesia, com um carisma muito próprio, uma grande tradição musical, sobretudo de acordeonistas, e com uma ancestral rivalidade em relação à sede da Freguesia, teve a sua primeira associação, em 1937. Chamava-se Sociedade Recreativa Bordeirense, hoje Centro de Cultura e Recreio e possui um hino próprio com letra do poeta António Aleixo e música de José Ferreira (Pai)

*«Nós, no fundo, aqui já somos uma pequena Europa. Em frente mora um inglês, aqui ao lado um português, mais adiante outro alemão»<sup>50</sup>*

## 6.2. Os estrangeiros na Freguesia de Santa Bárbara de Nexe

Como já referimos atrás, a Freguesia de Santa Bárbara de Nexe, devido à sua localização privilegiada e beleza paisagística, começou a ser procurada por muitos estrangeiros, como residência de férias. Esta aldeia é descrita, da seguinte forma, por Len Port e Rainer Horbelt na versão alemã do seu guia sobre o Algarve.

*"Es ist nur wenige Jahre her, da war Santa Bárbara de Nexe ein kleiner Ort, wie so viele an der Algarve, unverdorben und voller Charme. Heute gibt es hier die Luxus-Villen ausländischer Residenten, Ferienhäuser, die Portugiesen aus dem Norden gehören, und daneben die typischen Algarve-Häuser der Menschen, die hier schon seit Jahrhunderten leben. Das Santa Bárbara unserer Tage ist eine kontrastreiche [...] Mischung aus alt und neu. Es gibt hier einen alten Brunnen zu sehen, der noch funktioniert. Es arbeiten hier noch Leute, die das traditionelle Handwerk der Region ausüben, wie ein Stellmacher, der die bunten Wagen für Esel oder Mulis baut.» (Port, 1995:197).<sup>51</sup>*

A presença de estrangeiros na freguesia remonta a meados dos anos 60. Eram, essencialmente, ingleses reformados, originários das antigas colónias britânicas. Tinham um elevado nível social e cultural e longa experiência de vida no estrangeiro. Compraram montes abandonados ou construíram casas novas, nas encostas com vista para o mar. Eram, normalmente, conhecidos pelo nome da casa que tinham comprado, por exemplo, o inglês da casa Pinto ou do monte Carrusca.

A atribuição, aos primeiros estrangeiros, do nome da casa que tinham adquirido, é uma forma de aceitação dentro do espaço social da aldeia. Bourdieu salienta que «By purchasing named Houses foreigners gained the symbolic capital that their House had accumulated » (Bourdieu, cit in Waldren,1996 :146). O facto de comprarem casas abandonadas e as restaurarem valorizou-os aos olhos dos locais.

---

<sup>50</sup> Palavras de um residente alemão em Santa Bárbara de Nexe

<sup>51</sup> «Até há poucos anos, Santa Bárbara de Nexe era um pequeno sítio, como tantos no Algarve, intacto e cheio de encanto. Hoje em dia existem aqui vivendas luxuosas de residentes estrangeiros, casas de férias dos portugueses do Norte, e ao lado, as casas típicas algarvias das pessoas que aqui vivem há séculos. Santa Bárbara dos nossos dias é cheia de contrastes, uma mistura do velho e do novo. Existe aqui uma velha fonte que ainda funciona. Aqui trabalham pessoas que ainda fazem peças do artesanato da região, como o abegão que constrói as carroças coloridas para burros e mulas.» Tradução nossa.

Foi, no entanto, a partir dos anos 80 que se assistiu a uma verdadeira “invasão” dos cerros da freguesia, não ficando por vender casa em ruína, ou terreno com uma mínima possibilidade de acesso. Os compradores deixam de ser, quase exclusivamente os ingleses, e surgem outras nacionalidades, com destaque para a alemã, holandesa e belga. Também os novos compradores passam a ser mais jovens e ainda a exercer uma actividade profissional.

Estes residentes, dado que cada vez mais numerosos, já não são vistos pela população local de uma forma tão individualizada, mas sim de uma forma mais amorfa, como estrangeiros, em geral, ou turistas em férias. Convém notar que estes novos visitantes e/ou residentes já encontram um circuito de informadores e serviços, em parte organizado e fornecido por compatriotas seus, ou por firmas portuguesas especializadas e já não estão dependentes do contacto individualizado com a população local.

A visibilidade da comunidade estrangeira tem aumentado notoriamente, sendo de salientar a existência de agências imobiliárias e de administração de propriedades, cafés, restaurantes, firmas de construção civil e afins, construção e manutenção de jardins e piscinas. Existe mesmo um lar de Terceira Idade e Casa de Repouso de luxo, propriedade de uma cidadã inglesa, dedicado exclusivamente à comunidade estrangeira. Instalado num antigo monte, completamente restaurado, respeitando a traça e os materiais originais e ampliado para servir os novos objectivos, inclui ainda uma igreja própria onde a comunidade anglicana se reúne.

É significativo que, neste momento, a Escola Primária de Santa Bárbara de Nexe seja frequentada por 11 crianças de nacionalidade estrangeira( europeia), para um total de 55 alunos.

Apesar de não dispor de equipamentos hoteleiros, para além de um hotel de luxo, propriedade de um cidadão suíço, Santa Bárbara recebe durante todo o ano, a visita de muitos turistas que alugam as moradias dos seus compatriotas, directamente ou através de agências e que passam aqui, regularmente, as suas férias.

Os estrangeiros residentes e até os “turistas” que adoptaram Santa Bárbara como lugar de segunda residência, revelam uma atitude mais preocupada face ao local e às suas gentes, uma vez que este meio já se tornou parte do seu contexto vivencial.

Não se pode considerar que exista uma verdadeira aculturação, uma vez que tanto a esfera dos habitantes locais como a esfera dos “estrangeiros/turistas” não entram em contacto, de uma forma intensa, existindo mais um convívio de conveniência, na organização do seu quotidiano. O local privilegiado de encontro e interacção cultural continua a ser o café, mas o mini-mercado e a mercearia, muitas vezes local de entrega da correspondência, também desempenham um papel estratégico fundamental.

A esta situação não será alheio o facto de a comunidade estrangeira já ter um número representativo de elementos a residir, o que contribui para que criem os seus sítios, estrategicamente construídos, com uma certa autonomia.

Ambas as culturas absorveram um pouco de cada uma, mas de uma forma não muito significativa que permitisse uma transformação profunda nalguma e conduzisse a uma imitação sistemática de usos e costumes. No entanto, não podemos deixar de mencionar que a presença estrangeira levou à adopção de novos hábitos, com particular incidência na juventude, assim como a uma certa dependência económica e mesmo social da freguesia em relação a esta comunidade.

De entre os impactos culturais menos bem-vindos, podemos destacar, a adaptação, directa ou indirecta, da cultura local às necessidades dos visitantes/turistas/residentes estrangeiros. As artes e artefactos ou as expressões de animação cultural, tais como Carnavais, festividades e outros pagãos ou religiosos, que são, no fundo, os símbolos e expressões de uma cultura, porque espelham o seu modo de vida, os seus valores, normas e identidade, surgem muitas vezes falsificados. São, apenas, realizadas, como atracção turística suplementar, não transmitindo o seu significado cultural aos participantes.

Através da nossa vivência nesta localidade, partindo da nossa posição de observador participante, podemos confirmar que o ciclo festivo da freguesia, com os seus pontos altos no Festival de Charolas e Marchas Populares (Rancho Folclórico e Nexemostra-Mostra de Artesanato) não têm sofrido impactos negativos, nem têm sido,

minimamente, influenciados pela presença dos estrangeiros, quer residentes, quer turistas. Aliás, podemos constatar que essas manifestações culturais têm sido, até ao momento, praticadas e usufruídas pelos residentes e não são uma atracção turística, nem têm qualquer participação activa por parte dos residentes estrangeiros. A divulgação dos eventos é, quase sempre, feita nos circuitos tradicionais, tais como cafés, Junta de Freguesia, mercearia, aos quais, na maioria dos casos, só os residentes portugueses e os estrangeiros mais integrados terão acesso, sem qualquer publicitação em língua estrangeira.

### **6.2.1. Associação Intercultural Terras de Nexe**

A criação da Associação Barronexe- Associação Intercultural Terras de Nexe partiu de uma iniciativa de dois residentes belgas, uma residente suíça, dois residentes alemães e alguns residentes portugueses conhecidos dos mesmos, que já há muito se questionavam acerca da possibilidade de, numa freguesia com tão elevado número de estrangeiros, como é o caso de Santa Bárbara de Nexe, se desenvolver um trabalho cultural em conjunto, que fomentasse o melhor conhecimento entre a comunidade portuguesa e as comunidades estrangeiras residentes, assim como destas entre si. Mas, para além disso, havia uma preocupação em preservar alguns dos recursos do património cultural e natural da Freguesia, assim como dar maior visibilidade à freguesia, no contexto municipal e regional.

Desta sintonia de interesses, reforçada aquando da discussão do traçado da auto-estrada Lisboa-Algarve, que aproximou muitos residentes estrangeiros da Junta de Freguesia, foi contactado o Presidente da Junta, que desde logo mostrou grande empenho e disponibilidade para apoiar o projecto.

Existem, de facto, potencialidades na Freguesia que poderão ser desenvolvidas aproveitando os recursos dos estrangeiros residentes, quer em termos de tempo, de experiências e saberes das diferentes culturas.

Um outro aspecto relevante é o facto de esta associação poder servir de interligação (interface) entre a comunidade estrangeira residente, a população local e o poder instituído. É ainda de realçar o papel que a associação poderá ter no envolvimento da comunidade na resolução de problemas locais, regionais e até nacionais.

Partindo da informação recolhida através das entrevistas realizadas na Freguesia e ainda pela nossa experiência pessoal, enquanto residente portuguesa que vive dentro de várias culturas, constatámos que existe, de facto, uma boa convivência entre os residentes portugueses e estrangeiros, mas que esta funciona, quase sempre, a um nível superficial, baseada, essencialmente, em relações de trabalho, de vizinhança e da entre-ajuda que daí advém, contacto do quotidiano na área dos serviços.

Preocupações profundas a nível do ambiente, das infra-estruturas, da evolução da Freguesia em termos urbanísticos e de um eventual aproveitamento para o turismo de massa, embora possam ser reflexo de interesses individuais, denotam uma outra forma de entender o desenvolvimento. Para além disso, também uma necessidade cada vez maior de se sentirem cidadãos plenos e não apenas convidados, como nos dizia um cidadão alemão numa das primeiras reuniões.

Após várias reuniões preliminares com interessados e com a Junta de Freguesia, foram definidos os objectivos da associação e concretizada a sua oficialização.

Objectivos da associação:

- O fomento da interacção social e cultural entre a população local e os residentes estrangeiros
- O incentivo à participação activa de toda a população nos problemas de ordem local, regional e nacional.
- O desenvolvimento, em colaboração com a Junta de Freguesia, de projectos de valorização do património cultural e natural.

As reuniões, realizadas em conjunto, permitem-nos tirar algumas ilações acerca dos pontos fortes e dos pontos fracos de um projecto deste género.

Pontos Fortes:

- Os estrangeiros poderão, desta forma, aprender a respeitar e a valorizar a cultura e a população locais.
- Ter consciência de que, em parte, vivem dentro de uma “bolha de ar” e da necessidade de se envolverem localmente.
- Os estrangeiros têm disponibilidade de tempo e muitas valências em termos de formação académica e profissional que poderão pôr ao serviço da comunidade local.
- Enriquecimento comum através do melhor conhecimento das respectivas culturas, das suas formas de comportamento, dos seus hábitos e costumes. Este conhecimento era, na maior parte dos casos, apenas superficial e estereotipado.

- Maior visibilidade da Freguesia na resolução de questões básicas para o cidadão, como infra-estruturas e outras questões de interesse local.
- Existência, na Freguesia, de muitos ex- emigrantes, com conhecimentos de outros idiomas e experiência de contacto com outras culturas, assim como de vivência na diáspora, ainda que com um estatuto diferente.

#### Pontos Fracos :

- Plataforma de interesses nem sempre consistente e concordante, na medida em que surgem concepções diferentes de desenvolvimento.
- Problemas linguísticos.
- Desconhecimento, por parte dos estrangeiros, do funcionamento institucional<sup>52</sup>e menos compreensão para as questões burocráticas.
- Os portugueses têm menos disponibilidade de tempo e já têm os seus circuitos de socialização bem estruturados, nomeadamente com a família e os amigos, o que não acontece com os estrangeiros que, na sua maioria, estão inseridos numa pequena família, vivem com sozinhos, ou com o cônjuge.

Presentemente verifica-se uma maior adesão à associação por parte dos residentes estrangeiros, que, numa fase inicial, tinham manifestado algumas reservas, sobretudo devido ao factor língua. Para esta questão, que é efectivamente relevante para a comunicação, surgiu uma solução que parece ser eficaz, nomeadamente o recurso à tradução espontânea por qualquer elemento da assembleia, sempre que há a percepção de que alguém não consegue acompanhar o discurso. Podemos, mesmo, referir um caso extremamente interessante, em que um sócio inglês tentou no seu melhor português expor o seu ponto de vista e imediatamente uma sócia portuguesa fez a tradução para inglês, em vez de funcionar exactamente ao contrário. Este exercício misto de tradução parece ser do agrado de todos, havendo, de certa maneira, um incentivo à aprendizagem do Português e, da parte portuguesa, ao de aprender línguas estrangeiras.

---

<sup>52</sup> Actualmente nota-se que existe uma melhor rede de informação sobre as questões nacionais e da União Europeia, através da imprensa local em língua estrangeira ( alemã e inglesa)

## Cap. 7 Conclusão

Este trabalho não pretendeu ser mais do que uma tentativa de "explorar o terreno", tentando conhecer as comunidades estrangeiras residentes no Algarve rural e o seu relacionamento com a cultura e as comunidades locais, mas tendo a consciência de que seria um trabalho difícil, porque numa área sensível, multifacetada e pouco estudada. Do ponto de vista teórico, existem estudos sobre migrações, minorias étnicas e outros que tratam os impactes do turismo. Mas muito pouco existe sobre os estrangeiros de residência secundária ou permanente. Estes estrangeiros não são, em regra geral, considerados imigrantes, pois não têm um estatuto socialmente inferior, e, por outro lado, estão próximos do turista, pelo seu estilo de vida, marcado por uma forte componente de lazer, pela procura do novo e do exótico e pelo seu potencial económico.

Não deixámos de sentir algumas dificuldades no decurso deste trabalho, nomeadamente, logo que necessitámos de consultar dados estatísticos. Não existem, de facto, dados consolidados e actualizados por concelhos e freguesias. O censo de 1991 fica muito aquém da realidade no terreno.

O recurso a inquéritos e a entrevistas tornou todo o processo bastante moroso. Nem sempre foi fácil conseguir as entrevistas nos prazos que pretendíamos. Foi, apesar de tudo, um trabalho bastante gratificante, porque nos proporcionou um maior contacto e melhor conhecimento de muitos residentes estrangeiros, das suas actividades, dos seus problemas e anseios. Constatámos um grande interesse e empenho da parte destes residentes em colaborar no nosso estudo.

Os autarcas e os representantes das associações mostraram-se bastante sensíveis a esta problemática, manifestando a sua disponibilidade em colaborar e, na sua maioria, revelaram uma acentuada preocupação com a integração destes residentes. Apercebemo-nos, porém, que nem todas as autarquias têm o mesmo grau de conhecimento sobre os diferentes grupos que ocupam o seu espaço autárquico, desconhecendo, em alguns casos, o número aproximado de residentes, as nacionalidades dos mesmos e as actividades a que se dedicam.

São largamente conhecidas as dificuldades em grupos interculturais na participação na resolução dos problemas locais. Não será apenas uma questão de língua, mas de identificação com esses problemas e também uma questão cultural e social. Um dos campos em que, na nossa observação, parece existir algum choque de culturas, tem a ver com a forma como estes estrangeiros perspectivam o desenvolvimento autárquico. Projectos que, para os locais, representam desenvolvimento e modernização tais como a construção de novas auto-estradas, significam para aqueles que já conheceram o nível mais elevado de industrialização e desenvolvimento económico, destruição e não desenvolvimento. É neste aspecto que surgem, muitas vezes, maiores choques culturais.

A aproximação entre a comunidade portuguesa e a(s) comunidade(s) estrangeiras residentes dever-se-á efectuar nos dois sentidos, ou seja, as autarquias têm que procurar conhecer as ansiedades e os problemas destes cidadãos. Simultaneamente os cidadãos estrangeiros deverão fazer um maior esforço no sentido da integração e participação na vida local.

Essa participação seria uma forma de colmatar alguns atritos e ultrapassar diferenças de mentalidades, já que a prevenção de conflitos se faz pela s relações interpessoais, pelo diálogo. As Associações Locais, as Juntas de Freguesia, as Câmaras Municipais e os Grupos de Jovens devem fomentar, no nosso entender, o mais possível a articulação de iniciativas de proximidade intercomunitárias.

A falta de conhecimento mútuo pode ter graves consequências no futuro, como nos mostram algumas situações ocorridas em Maiorca.

Recentemente foram publicados, no jornal alemão *Die Zeit*,<sup>53</sup> artigos de intelectuais e jornalistas maiorquinos alertando para os perigos de um “fechar-se sobre si próprio” por parte das comunidades estrangeiras que não fazem qualquer esforço para se integrarem, evidenciando uma atitude arrogante em relação à população local. O escritor espanhol Carlos Garrido no seu livro intitulado *Mallorca de los Alemanes*<sup>54</sup> descreve um cenário satírico onde os locais vivem num bairro maiorquino, mistura de Museu ao ar livre e gueto. E o chefe do governo local, por enquanto ainda um maiorquino, tenta

---

<sup>53</sup> *Die Zeit*, edição de 20.7.2000, p.64

<sup>54</sup> Cit. in *Die Zeit*, edição de 20.7.2000, p.64

desesperadamente aprender alemão. Passando da ficção à realidade, ainda há dois anos um milionário alemão tentou fundar, nesta ilha, um partido alemão. Mas parece que, felizmente, não teve qualquer eco junto dos seus compatriotas aí residentes.

O responsável do Governo maiorquino considera que este problema está a ser empolado pela imprensa alemã, afirmando que vivemos numa Europa sem fronteiras e que isso só traz vantagens. E que não há qualquer problema com os residentes estrangeiros desde que estes se queiram integrar.

Consideramos, pois, que é de extrema importância para uma convivência social pacífica, evitando grandes clivagens e conflitos sociais, que os estrangeiros residentes assumam o seu estatuto de cidadãos europeus, com uma participação na vida económica, social e cultural, abandonando o seu estatuto de “Turista”, fazendo parte de uma cultura do lazer durante todo o ano, já que a maioria ou está reformada ou não exerce uma profissão a tempo inteiro. Na nossa opinião, seria mais fácil, começar por uma participação nas pequenas localidades do interior. Aqui os estrangeiros estão mais comprometidos com o meio, mais integrados na comunidade local, enquanto que nas zonas do litoral estão essencialmente inseridos em contextos internacionais, sem componente ou com pouca percentagem de residentes portugueses (ou pequena percentagem, sendo estes também essencialmente proprietários de residências de férias).

Pareceu-nos haver consenso geral, da parte dos nossos entrevistados acerca da importância da presença estrangeira para o desenvolvimento económico, social e cultural da região algarvia. Foi ainda realçado o contributo que poderão dar nas zonas do interior, deficitárias em termos demográficos.

No primeiro documento orientador no processo de preparação do Plano Nacional de Desenvolvimento Económico e Social (PNDES), apresentado, oficialmente, no dia 18 de Fevereiro de 1999 pelo Primeiro Ministro, delineia-se a visão estratégica para a intervenção pública de 2000-2006. Aqui se referiu que, em relação ao modelo de crescimento económico do Algarve, a estratégia passa por uma aposta na consolidação da vocação turística e de local de atracção de residentes estrangeiros, com ênfase no desenvolvimento de actividades ligadas ao património cultural, exactamente para combater a sazonalidade turística da região.

Pensamos que, apesar das limitações do nosso trabalho, conseguimos cumprir os nossos objectivos, dando um pequeno contributo para o melhor conhecimento das comunidades estrangeiras residentes, enquanto factores de valorização da cultura local. A nossa investigação foi ainda no sentido de chamar a atenção das instituições para a importância das permutas entre culturas e para a necessidade de iniciativas de proximidade que envolvam estes cidadãos europeus na formulação e resolução dos problemas locais.

Ainda que a nossa amostra não seja, porventura, representativa de todos os residentes estrangeiros no interior algarvio, utilizámos, no entanto um universo de inquiridos bastante diversificado. Assim, pudemos elaborar o perfil mais ou menos fiável desse residente, conhecer as suas motivações de escolha de uma zona rural, o seu contributo para a preservação do património cultural, nomeadamente, no respeitante ao património arquitectónico e ainda no seu papel de sensibilização da população para a valorização da cultura local. Vimos também o interesse que estes residentes demonstram em participar na vida da comunidade local e em que áreas, exercendo, desta forma, enquanto cidadãos europeus o seu direito de cidadania.

Tentámos saber como a presença destes cidadãos é avaliada pela população local, dando a palavra aos líderes de opinião e a outros informadores bem colocados. Constatámos que o contributo dado por estes residentes para a valorização da cultura local é visto de uma forma positiva, sendo o seu relacionamento com a comunidade local considerado bom, embora a um nível ainda relativamente superficial.

Sentimos, de facto, da parte da maioria dos autarcas, a vontade e a consciência da necessidade de, cada vez mais, no contexto de uma Europa unida, desenvolver iniciativas de proximidade para envolver estes cidadãos na resolução dos problemas locais que a todos dizem respeito, qualquer que seja a sua nacionalidade. Esta é uma perspectiva que, na nossa opinião, deverá ser tida em conta na concretização de políticas culturais.

Foi, aliás, realçado, pela maioria, o papel das facilidades, criadas no âmbito institucional da União Europeia. Embora estas não sejam determinantes para influenciarem a decisão de parte dos residentes estrangeiros, especialmente os mais velhos, são, sem

dúvida, um factor positivo para a geração mais jovem que demanda os países do Sul à procura de uma nova oportunidade de trabalho, de um novo estilo de vida, de conhecer e viver uma nova cultura.<sup>55</sup> Daí a relevância desta temática no mundo actual e no contexto mais alargado da construção da Europa do cidadão.

De um modo geral, pensamos ter atingido os objectivos propostos no âmbito do Mestrado Europeu em Gestão Cultural, já que perspectivámos o nosso trabalho no sentido de salientar a importância da diversidade cultural da Europa e do que cada cultura, localmente, poderá ganhar com a presença dos que vêm de fora. Julgamos ter chamado a atenção para o papel que os “outros” poderão desempenhar na preservação do património cultural e na valorização da cultura da região que adoptaram como sua, e como esse facto pode ter efeitos benéficos sobre a população local.

Cremos ter aberto alguns caminhos para futuras investigações, nomeadamente no respeitante às implicações das facilidades criadas no âmbito da União Europeia para as migrações de reformados para os países do Sul, ou a nível da implantação de populações mais jovens, em regiões como o Algarve, a sofrer de um envelhecimento da sua população, ou ainda como factor de diluição do desemprego noutros países europeus.

Na sequência destas considerações, uma outra questão pertinente a colocar, em futuros trabalhos de investigação, será se, de facto, a construção europeia mudou alguma coisa na relação entre as pessoas, no modo de implantação destas populações estrangeiras, na duração da mesma e na natureza das actividades desenvolvidas nos países onde optaram por residir.

---

<sup>55</sup> O caso de uma jovem desempregada de nacionalidade alemã, recentemente chegada ao Algarve, é bem o exemplo disso. Graças à aproximação cada vez maior dentro da União Europeia e à queda de muitas barreiras burocráticas, tornou-se possível a um desempregado de um país da União, continuar a receber o subsídio de desemprego e deslocar-se para outro país à procura de melhor sorte, em condições climáticas mais agradáveis. Vide *Entdecken Sie Algarve*, nº 11, 2000

Podemos, pois, concluir que, embora existam aspectos negativos ligados à presença estrangeira no Algarve, sobretudo no litoral, no olhar da população local e do poder instituído estes desempenharam um papel relevante, mesmo essencial, na preservação do património rural.

O seu contributo, enquanto cidadãos europeus, para a revitalização da sociedade e da cultura portuguesas, é reconhecido tanto pela população portuguesa como estrangeira. No entanto, factores como a língua, o pouco conhecimento das instituições portuguesas e do seu funcionamento, e mesmo a pouca informação sobre as implicações das facilidades criadas pela U.E, um certo “fechar-se” na condição de estrangeiro ou “convidado” são obstáculos a uma melhor integração e conduzem a situações de automarginalização. Daí a necessidade de desenvolver iniciativas de proximidade para uma convivência sem conflitos, de plenos direitos e deveres.

Algumas das soluções possíveis seriam a criação de associações, apoiadas pelas autarquias, nas quais colaborassem portugueses e estrangeiros. Estas iniciativas poderiam, de certa forma, contribuir para colmatar o distanciamento existente entre os residentes estrangeiros e as instituições locais, facto que muitos dos nossos entrevistados lamentaram. Por outro lado, sendo o reduzido domínio da língua portuguesa um dos maiores obstáculos à comunicação, seria aconselhável a implementação de cursos de Português a nível local, como, por exemplo, nas Juntas de Freguesia. Os estrangeiros também deveriam ser chamados a participar, dando a conhecer a sua cultura, não só através da passagem de filmes, realização de conferências e outras actividades de divulgação dos seus costumes e tradições, como também através do ensino da sua própria língua à comunidade local, no sentido de se fomentar um maior intercâmbio de culturas.

## Bibliografia

**Abram**, Simone, Waldren Jacqueline, Macleod Donald (eds) (1997), Introduction in *Tourists and Tourism, Identifying with People and Places*, Oxford, New York, Berg

**Abram**, Simone (1997), «Perfoming for Tourist in Rural France» in *Tourists and Tourism, Identifying with People and Places*, Abram, Simone, Waldren, Jacqueline e Macleod, Donald (eds), Oxford, New York, Berg

**Actis**, Walter (1993), «Foreign Immigration in Spain. Its Characteristics and Differences in the European Context » in Rocha-Trindade, M. B., *Recent Migration Trends in Europe*, Lisboa, Universidade Aberta, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, pp 205-226

**Adragão**, José Victor (1985), *Novos Guias de Portugal -Algarve*, Lisboa, Editorial Presença

**AFPOP UPDATE**, The Association's Newsletter, Outubro 2000

**AHETA** (1999), Touristic Guide: Algarve, Faro, Publiresco

**Albrow**, Martin, **Eade**, John, **Dürschmidt**, Jörg e **Washbourne**, Neil (1997), «The Impact of Globalization on Sociological Concepts» in Eade, John, (ed), *Living in the Global City, Globalization as a local process*, London, Routledge

**Albuquerque**, Teresa M.F.B de (1992), *Contribuições da Psicologia Social para a Compreensão do Fenómeno Turístico*, Tese de Mestrado, Universidade do Porto

**Algarve Resident**, jornal semanal, exemplares 1990-2000, Lagoa

**Arrotcia**, Jorge Carvalho (1994), *O Turismo em Portugal: subsídios para o seu conhecimento*, Cadernos Turismo e Sociedade nº 1, Universidade de Aveiro

**Audrerie**, Dominique (1997), *La notion et la protection du patrimoine*, Paris, Collection Que sais-je – Presses Universitaire de France

**Augé**, Marc (1998), *Não-Lugares, Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, Venda Nova, Bertrand Editora

**Baganha**, Maria Ioannis B. (1994), «As correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional» in *Análise Social*, nº 128 , pp 959-972

**Banks**, Ruth ( 1996), *Wild Herbs and Hapinness*, Faro, In Loco

**Baptista**, Mário (1990), *O Turismo na economia, uma abordagem técnica, económica, social e cultural*, Lisboa, Instituto Nacional de Formação Turística

**Barlavento**, suplemento revista, nº 1204, 20.7.2000, pp. 3-35

- Barou**, Jacques e **Prado**, Patrick (1995), *Les Anglais dans nos Campagnes*, Paris, L'Harmattan
- Bassand**, Michel (1993), *Culture and Regions of Europe*, Strasbourg, Council of Europe Press
- Bastos**, José G. P e **Bastos**, Susana P. (1999), *Portugal Multicultural*, Lisboa, Fim de Século Edições
- Bell**, Judith (1997), *Como realizar um Projecto de Investigação*, Lisboa, Gradiva
- Benedict**, Ruth (s/d), *Padrões de Cultura*, Lisboa, Col. Vida e Cultura, ed. Livros do Brasil
- Boissevain**, Jeremy (ed.) (1996), *Coping with tourists- European reactions to Mass Tourism*, Providence, Oxford, Berghahn Books
- Boniface**, Priscilla (1999), «Tourism and Cultures: Consensus in the Making» in *Tourism and cultural conflicts*, Robinson, Mike e Boniface, Priscilla (eds) London, New York, CABI Publishing
- Burgess**, Robert G. (1977), *A Pesquisa no Terreno*, Oeiras, Celta Editora
- Burns**, Peter M. (1999), *An Introduction to Tourism and Anthropology*, London e New York, Routledge
- Camilleri**, Carmel (1995), «Pluricultural societies and interculturality» in Camilleri, C., Affergan F., Costa-Lascoux J., Oriol M., (eds) *Difference and cultures in Europe*, Council of Europe Press
- Casellas**, Antònia e **Galley**, Catherine (1999), «Tourism as Cultural Interchange», in *Annals of Tourism Research*, Vol.26,nº1, pp 216-219
- Cavaco**, Carminda (1976), *O Algarve Oriental*, vol. I, Faro, Gabinete do Planeamento da Região do Algarve
- Choay**, Françoise (1996, 1ed 1992), *L' Allégorie du Patrimoine*, Paris, Éditions Seuil
- Conseil National du Tourisme** (1994), *Économie Touristique et Patrimoine Culturel*, Ministère de L'Équipement, des Transports et du Tourisme
- Council of Europe** (1995), *Differences and cultures in Europe*, Carmel Camilleri (ed)  
 (1997), *Culture au coeur, Contribution au débat sur la culture et le Développement en Europe*, Éditions du Conseil de L'Europe, Strasbourg  
 (1998), *Le Patrimoine culturel et sa pédagogie: un facteur de tolérance, civisme et d' intégration sociale*, Actes du Séminaire, Bruxelles 28-30 août, Patrimoine culturel n° 36
- Corral**, A . Vermelho (1986), «Os Estrangeiros no Algarve» in *Comunicações do 4º Congresso do Algarve*, Vol.I, Silves, Rocal Clube, pp-423-428

**Correia**, José Eduardo Horta (1989), «A Arquitectura do Algarve como expressão privilegiada da sua especificidade Cultural» in *O Algarve na perspectiva da Antropologia Ecológica*, Lisboa, INIC

**Crespi**, Franco (1997), *Manual de Sociologia da Cultura*, Lisboa, Editorial Estampa

**Direcção Geral de Turismo** (1991), *O Turismo estrangeiro em Portugal, Inquérito ao Turismo*, Lisboa

**Ducros**, A. e J. e **Joulian**, Frédéric (1998), *La culture est-elle naturelle? Histoire, Épistémologie et Applications récents du concept de culture*, Paris, Éditions Errance

**Dictionnaire de la Sociologie** (1998), Encyclopaedia Universalis, Paris, Albin Michel

**Duhamel**, Philippe (1997), *Les Résidents étrangers européens à Majorque(Baléares)- Pour une analyse de la transformation des lieux touristiques*, Thèse de Doctorat en Géographie, Université de Paris 7-Denis Diderot

(2000), «Vivre à Majorque, la sédentarisation des résidents secondaires» in *ESPACES* 176, Novembre 2000

**Eco**, Umberto (1995), *Como se faz uma Tese em Ciências Humanas*, Lisboa, Editorial Presença

**École Nationale du Patrimoine** (1995), *Patrimoine Culturel, Patrimoine naturel*, Colloque 12 et 13 décembre 1994, Paris, La Documentation Française

**Entdecken Sie Algarve**, revista mensal, exemplares de 1995-2000, Editurismo, Lagoa

**Esperança**, Eduardo Jorge (1997), *Património e Comunicação, Políticas e Práticas Culturais*, Lisboa, Coleção Veja Universidade

**Esteves**, Maria do Céu (org) (1991), *Portugal, País de Imigração*, Caderno 22, Lisboa, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento

**Esteves Fernandes**, A. M (1995), «A Segunda Geração de Residentes Estrangeiros de Matriz Cultural Euro-americana. Uma abordagem alternativa do choque de culturas nas comunidades estrangeiras residentes na Região Algarvia», *Comunicações*, 8º Congresso do Algarve

**Fabrizio**, Claudé (1980), «Cultural development in Europe» in *Cultural Development: some regional experiences*, Paris, Unesco

**Foddy**, William (1996), *Como Perguntar, Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*, Oeiras, Celta Editora

**Fontaine**, Pascal (1998), *Dez Lições sobre a Europa*, Luxemburgo, Documentação Europeia, Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias

**Fortuna**, Carlos (org.) (1995), «Turismo, Autenticidade e Cultura Urbana» in *Revista Crítica de Ciências Sociais* n° 43 pp 11-45

(1997), «Cidade, Cultura e Globalização», Oeiras, Celta Editora

**Garrido**, Carlos (1998), *Mallorca de los Alemanes*, La Forada, José J. de Olaneta Editor

**Ghiglione**, Rodolphe e **Matalon**, Benjamin (1998), *Les enquêtes sociologiques*, Paris, Armand Colin

**Gibbons**, J. (1936), *Playtime in Portugal: An Unconventional Guide to the Algarve*, London, Methuen

**Giddens**, Anthony (1992), *As consequências da Modernidade*, Oeiras, Celta Editora

**Girard**, T.C. e **Gartner**, W. (1993), «Second Home Second View» in *Annals of Tourism Research*, Vol 20, USA, Pergamon Press, pp.685-700

**Gonçalves**, A. Custódio (1992), *Questões de Antropologia Social e Cultural*, Porto, Edições Afrontamento

**Guerreiro**, Manuel Gomes (1989), «O Algarve Mediterrâneo no Contexto Nacional» in *O Algarve na perspectiva da Antropologia Ecológica*, Lisboa, INIC

**Hermès** 23-24 (1999), *La Cohabitation Culturelle en Europe*, Paris, CNRS Éditions

**Hess**, Remi e **Wulf**, Christoph (1999), *Parcours, Passages et Paradoxes de l'Interculturel*, Paris, Antropos

**Hewitt**, Richard (1996), *Uma casa em Portugal*, Lisboa, Gradiva

**Hily**, Marie-Antoinette e **Lefebvre**, Marie-Louise (1999), *Identité collective et altérité, Diversité des espaces/spécificité des pratiques*, Paris, L'Harmattan

**Hoggart**, K. e **Buller**, H. (1995), «Retired British home owners in rural France», in *Ageing and Society*, 15(3), pp 325-353

**Hooimeijer**, P., **Van der Knaap**, G.A., **Van Weese**, J. e **Woods**, R.I. (eds) (1994), *Population Dynamics in Europe*, Utrecht, Nederlandse Geografische Studies

**Instituto Nacional de Estatística (INE) :**

*Censo de* : 1991

*Estatísticas demográficas de* : 1975-1998

*Anuários Estatísticos* : 1998, 1999

*Estatísticas do Turismo de* : 1980, 1981, 1985, 1989, 1994, 1997

**INE, EUROSTAT** (1998), *Retrato das Regiões de Portugal*, União Europeia

**Kaplan**, Marion (1998), *The Portuguese, the Land and its People*, London, Penguin Books

**Kayser**, Bernard (1987), *La Culture du Monde Rural*, Paris e Toulouse, Vaison, Université Rurale Nationale, Université de Toulouse- Le Mirail

**King**, Russel, **Warnes**, Tony e **Williams**, Allan (2000), *Sunset Lives, British Retirement Migration to the Mediterranean*, Oxford e New York, Berg

**Kuper**, Adam e **Kuper**, Jessica (eds) (1996), *The Social Science Encyclopedia*, London e New York, Routledge

**Labat**, C. e **Vermes** G. (1994), *Cultures Ouvertes, Sociétés Interculturelles*, Paris, L'Harmattan

**Lima**, Marinús Pires de (1995), *Inquérito Sociológico*, Lisboa, Editorial Presença

**Lorcerie**, Françoise (1999), «Immigration et cohabitation culturelle en Europe: une histoire en commun» in *La cohabitation culturelle en Europe, Regards croisés des Quinze, de l'Est et du Sud*, Hermès, 23-24, Paris, CNRS Editions

**Macleod**, Donald (1997), «"Alternative" Tourists on a Canary Island» in *Tourists and Tourism: Identifying with People and Places*, Abram, S., Waldren, J., Macleod, D., (eds) Oxford e New York, Berg

**Marques**, Fernando Pereira (1994), *De que Falamos quando falamos de cultura?*, Lisboa, Editorial Presença

**Martins**, Álvaro G. e **Centeno**, Luís G.(cord.)(1999), *As Potencialidades da região do Algarve*, CIDEA, Instituto do Emprego e Formação Profissional

**Martin**, Hans-Peter e **Schuman**, Harald (1998), *A Armadilha da Globalização*, Lisboa, Terramar

**Medonald**, M (1987), «Tourism : chasing culture and tradition in Brittany», in *Whom from their Labours Rest : Conflict and Practice in Rural Tourism*, Bouquet, M. e Winter, M. (eds), Aldershot, Avebury Press, pp 120-134

**Michener**, James A. (1971), *Die Kinder von Torremolinos*, München, Goldmann Verlag

**Ministério da Administração Interna** (1993), *Decreto-lei nº 60/93 de 3 de Março, Regime especial de entrada, permanência e saída de cidadãos estrangeiros nacionais de Estados membros da União Europeia, incluindo familiares destes.*

(1998), *Decreto-lei nº 244 de 8 de Agosto, Regime especial de entrada, permanência, saída e afastamento de cidadãos estrangeiros*

(2000), *Decreto-lei nº 65 de 26 de Abril, Regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamento de estrangeiros do território português.*

**Mónica**, Maria Filomena (1996), *Turista à força*, Lisboa, Quetzal Editores

**Monteiro**, Pedro Miguel Pinto Prista (1993), *Turismo, Cultura popular e Processos sociais*, tese de Doutoramento, Lisboa, ISCTE

**Mormont** Marc (1987), «Tourism and Rural Change: The Symbolic Impact» in Bouquet, Mary e Winter, Michael(eds) *Whom from their Labours Rest? Conflict and Practice in Rural Tourism*, Aldershot, Gower Publishing Company

**Nazareth**, J. Manuel (1985), «A demografia portuguesa do séc. XX: principais linhas de evolução e transformação», in *Análise Social* n.ºs 87/89, Lisboa

**Neto**, J.B. N. Pereira (1982), « O Contributo dos Emigrantes para o Desenvolvimento do Algarve», in *Comunicações do 2º Congresso Nacional sobre o Algarve*, Hotel da Balaia, pp.385-400

(1988), «A Evolução do Turismo no Algarve nas Últimas 4 Décadas – A Perspectiva de um Antropólogo» in *Comunicações do 5º Congresso do Algarve*, vol. II, Racal Clube, Silves, pp 1029-1035

**Phillips**, Estelle M. e **Pugh** D.S. (1998), *Como Preparar um Mestrado ou Doutoramento*, Lisboa, Lyon Edições

**Pi-Sunyer**, Oriol (1989), «Changing Perceptions of Tourism and Tourists in a Catalan Resort Town» in Smith, Valene (ed), *Hosts and Guests, the Anthropology of Tourism*, Philadelphia, University of Pennsylvania Press

**Pina**, Paulo (1988), *Portugal- O Turismo no século XX*, Lisboa, Editora Lucidus Publicações

**Pinto**, José Madureira (1997), «Democratização e Desenvolvimento cultural sustentado: o papel do estado», in *OBS-Revista do Observatório de Políticas Culturais*, Maio 1997

**Pinto**, Maria Mendonça (1987), *Estudo Monográfico sobre Santa Bárbara de Nexe*, Loulé, edição da autora

**Pires**, Rui Pena (1993), «Immigration in Portugal: A Typology» in Rocha-Trindade M.B. (ed), *Recent Migration Trends in Europe*, Lisboa, Universidade Aberta, Instituto de Estudos para o Desenvolvimento, pp 179-194

**Port**, Len (1995), *Die Algarve-der Reiseführer*, versão alemã de Rainer Horbelt (1999, 1.ed 1993), *Get to know the Algarve*, Lagoa, Vista Ibérica Publicações

**Quivy**, R., e **Campanhoudt**, L.V. (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva

**Retschitzky**, J., **Bossel-Lagos** M., **Dasen** P.( 1989), *La Recherche Interculturelle*, Paris, L'Harmattan

**Ribeiro**, Orlando (1987), *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, Livraria Sá da Costa

- Rocha-Trindade**, M. Beatriz (1985), «Emigração» in *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*, Lisboa, Publicações Alfa  
(1993), «Perspectivas sociológicas da Interculturalidade» in *Análise Social*, vol. XXVIII(123-124) pp 869-878
- Rodrigues**, Cecília (1999), *Portugal e os Portugueses no olhar dos estrangeiros europeus e norte-americanos residentes no Algarve*, Tese de Mestrado, Lisboa, Universidade Aberta
- Rozenberg**, Danielle (1990), *Tourisme et Utopie aux Baléares, Ibiza, une île pour une autre vie*, Paris, Éditions l' Harmattan
- Sharpley**, Richard (1994), *Tourism, Tourists and Society*, Cambridgeshire, ELM Publications
- Silva**, Augusto Santos (1994), «Tradição, Modernidade e Desenvolvimento: Portugal na Integração Europeia» in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 39, pp 147-162  
(1997), «Cultura: das obrigações do estado à participação civil» in *Sociologia-Problemas e Práticas* nº 23, pp 37-48
- Silva**, Augusto Santos e **Pinto**, José Madureira (orgs) (1987), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento
- Silveira**, Nelson (1997), *Desenvolvimento Local: o caso de Santa Bárbara de Nexe*, Tese de Mestrado, Universidade do Algarve
- Sire**, Anne-Marie (1996), *La France du Patrimoine, Les choix de la mémoire*, CNMHS, Paris, Découvertes Gallimard
- Sudman**, Seymour e **Bradburn**, Norman (1991), *Asking Questions: A Practical Guide to Questionnaire Design*, Oxford, Jossey-Bass Publishers
- Sulstício**, Algarve em Reportagem, revista trimestral, nº 1, Dezembro 99, AMAL, Faro
- Torres**, Cláudio «Turismo, Identidade Cultural e Desenvolvimento» in *Expresso* nº 1420 de 15.1.2000
- UNESCO** (1987), *Guia Prático da Década Mundial do Desenvolvimento Cultural, 1988 –1997*, Comissão Nacional da Unesco, Lisboa  
(1996), *Notre Diversité Créatrice, Rapport de la Commission Mondiale de la Culture et du Développement*  
(1996), *Culture, Tourisme, Développement: les enjeux du XXI siècle; Synthèse des débats de la table ronde*, Paris
- Urry**, John (1990), *The Tourist Gaze : Leisure and Travel in Contemporary Societies*, London, Sage Publications
- Vaz**, Adérito Fernandes (1994), *Algarve- Reflexos Etnográficos de uma região*, Secretaria de Estado da Cultura

**Vilaça**, José Luís da Cruz (1999), «A protecção dos direitos dos cidadãos no espaço comunitário» in Vasconcelos Álvaro de, (coord.) *Valores da Europa, identidade e legitimidade*, Lisboa, Principia, pp 51-80

**Warnier**, Jean- Pierre ( 1999), *La Mondialisation de la Culture*, Paris, La Découverte

**Waldren**, Jacqueline (1996), *Insiders and Outsiders - Paradise and Reality in Mallorca*, Providence, Oxford, Berghahn Books

(1997), «We Are Not Tourists- We Live Here» in *Tourists and Tourism: Identifying with People and Places*, Oxford e New York, Berg

**Wuerpel**, C. (1974), *The Algarve: Province of Portugal*, Newton Abbot, David and Charles

**Yourcenar**, Marguerite (1974), *Memórias de Adriano*, Lisboa, Editora Ulisseia

**Zarkia**, Cornélia (1996), «Philoxenia, Receiving Tourists-but not Guests-on a Greek Island» in Boissevain, Jeremy (ed.) *Coping with Tourists*, Oxford, Berghahn Books

